

LAURO JUNKES

---

PRESENÇA DA

---

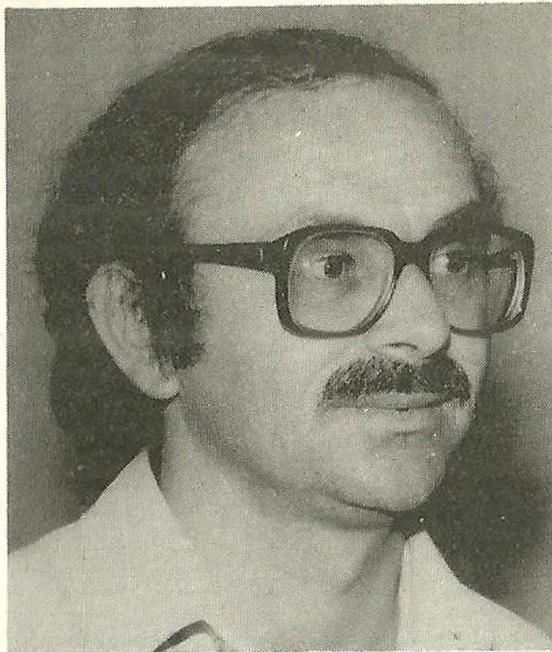
**POESIA**

---

EM SANTA CATARINA



EDITORA  
LUNARDELLI



LAURO JUNKES nasceu em Antônio Carlos, a 9 de março de 1942. Fez seus estudos — médio e secundário — com os padres franciscanos, obtendo sólida base clássico-humanística. Desde os tempos ginasiais escrevia muito e sempre sobressaiu na direção ou redação de revistas internas.

Tem os seguintes cursos superiores: Bacharel em Filosofia, Licenciado em Letras e Bacharel em Direito. Concluiu Mestrado em Letras-Literatura Brasileira e está partindo para o Doutorado. É professor de Graduação e Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina, onde exerce também, há quatro anos, os cargos de Vice-Diretor do Centro de Comunicação e Expressão e de membro titular do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Preside há vários anos a Comissão Julgadora dos Concursos de Poesia, Crônica e Conto, além de integrar a Comissão Editorial Discente da UFSC. Vem participando ainda da Comissão Julgadora do Concurso Literário (Poesia e Conto) da Secretaria da Educação (1978) e da Fundação Catarinense de Cultura (1979), bem como do Concurso de Literatura Infantil da Lunardelli (1979).

Além de inúmeros cursos de extensão, freqüentados ou ministrados, na área de Literatura, especializou-se em História, Análise e Crítica Cinematográfica na PUC de Porto Alegre e na Escola Superior de Cinema de Belo Horizonte. Antes de dedicar-se exclusivamente aos estudos literários, manteve

PRESENÇA DA  
**POESIA**  
EM SANTA CATARINA

LAURO JUNKES  
PRESENÇA DA  
**POESIA**  
EM SANTA CATARINA



EDITORA  
LUNARDELLI

Capa: *Estúdio Lunardelli*

Arte final: *Orlandivo Nocetti Júnior*

P928 Presença da poesia em Santa Catarina. [Ed. por]  
Lauro Junkes. Florianópolis, Lunardelli,  
1979.

272p. 21cm.

1. Literatura brasileira: Poesia: Antologia. 2.  
Poesia: Literatura brasileira: Antologia. 3. Anto-  
logia: Literatura brasileira: Poesia. I. Junkes, Lau-  
ro. ed.

CDU 869.0(81)-1(082)

Todos os direitos reservados pela:



**EDITORA LUNARDELLI**

Rua Victor Meirelles, 28 – Fone 22-4637

FLORIANÓPOLIS – SC

Minha HOMENAGEM aos que contribuíram com seus estudos para  
melhor conhecimento da Literatura em Santa Catarina:

*Altino Flores*

*Arnaldo Claro de S. Thiago (+)*

*Iaponan Soares*

*Nereu Corrêa*

*Oswaldo Ferreira de Mello (filho)*

*Theobaldo Costa Jamundá*

Para a Terezinha, presença constante,  
Para a Tatiana e a Larissa, participações de nossa vida,  
a quem subtraí muitos momentos de atenção  
para dedicar-me a este trabalho.

## APRESENTAÇÃO

Aqui está um trabalho que podemos classificar como pioneiro em Santa Catarina.

A preocupação tem sido até a presente data com o conto. Inúmeras antologias e obras que retratam a história da produção literária catarinense na área do conto e da crônica têm surgido com freqüência tal que somente no ano de 1979 foram editadas *A Literatura de Santa Catarina* de Celestino Sachet, *Os Contos da FURB* e *Cronistas e Contistas Catarinenses*.

Sabidamente, Lauro Junkes, um estudioso da nossa literatura, um homem que edita seus comentários dominicalmente em jornais do Estado, apresenta aos estudantes, aos professores e à comunidade brasileira um estudo histórico — e didático — sobre a Poesia em Santa Catarina.

Preocupado com o registro da produção poética catarinense, o Professor Lauro Junkes vem trabalhando desde há algum tempo para este resultado. Estamos, portanto, diante de uma primeira atitude real de registro de poetas que, pelo critério utilizado pelo pesquisador, poderão ou não sobressair. Em muitos casos o tempo é que dirá se tais poetas — principalmente aqueles da geração do autor e, mais ainda, aqueles que iniciam suas atividades no momento em que Lauro Junkes organiza este trabalho — conseguirão distinguir-se no panorama local e universal.

Reunindo textos de gosto abrangente, amostras verdadeiramente expressivas de cada poeta selecionado, o autor procura transmitir, nesse conjunto, uma visão panorâmica da nossa poesia. Aqui o público terá a oportunidade de sentir por si próprio o estágio poético da literatura praticada em Santa Catarina, até hoje insuficientemente conhecida.

É, sem dúvida alguma, um trabalho de valor inestimável por todos esses aspectos, além daquele considerado o maior de todos, o de servir como ponto de partida para um estudo verdadeiramente sistemático da poética do autor barriga-verde e como inspiração para o desejo de conhecer a totalidade da obra dos escritores apresentados.

JOÃO NICOLAU CARVALHO

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO / 17

ROMANTISMO

Marcelino Antônio Dutra / 25

A Assembléia das Aves. Poesia. Soneto

João Silveira de Souza / 29

Illa de Santa Catarina. Soneto.

José Elisiário da Silva Quintanilha / 32

Saudades. Recordação.

José Cândido de Lacerda Coutinho / 35

À Meia-Noite. As Tempestades. Soneto. O Descante.

Irmãos Nunes Pires / 39

Devaneio. Mulher! Ciúmes. O Amor. No Cemitério.

Juvêncio Martins da Costa / 45

Sou Louco. Soneto.

Júlia Maria da Costa / 48

Noite. Alvoradas.

Ignácio Bastos / 51

Regresso. Cristo.

Delminda Silveira de Souza / 53

Meu Retrato. O Meu Sonho. No Horto.

## PARNASIANISMO

Luiz Delfino dos Santos / 57

Ubi Natus Sum. A Flor do Vale. As Três Irmãs. A Sombra de Sua Mão.  
Tântalo. A Preta da Cabana. Jesus ao Colo de Madalena. Deus. À Helena.  
O Céu é um Crime. Leito de Noivos. Cadáver de Virgem. Queixa. Nuda  
Puella.

Carlos de Faria / 72

A Infância. Encontro. Partida.

Antero dos Reis Dutra / 75

A Onda e o Homem. Aurora. Ela. Gatuna!

Arnaldo Claro de São Thiago / 78

Algemado. Pôr-do-Sol. Perante o Infinito. Soneto.

## SIMBOLISMO

João da Cruz e Sousa / 82

Antífona. Siderações. Violões que Choram. O Assinalado. Supremo Verbo.  
O Grande Sonho. Vida Obscura. Cárcere das Almas. Sorriso Interior.  
Triunfo Supremo. Pacto das Almas: I. Para Sempre; II. Longe de Tudo;  
III. Alma das Almas. Assim Seja.

Oscar Rosas / 97

Visão. A Vaga.

Juvêncio de Araújo Figueredo / 99

De Volta. Ciestas VII. A Alma Justa. Sonha. Emparedado. Sombras  
Amigas. As Nossas Ânias. Asa Guiadora. Vida Feliz. O Primeiro Segredo.  
Incautos Desejos. Rezando. Estrela do Mar.

Ernani Rosas / 110

Languidez Autumnal. Lúcifer. As Ninfas.

## GERAÇÃO DA ACADEMIA

Othon D'Eça / 114

A Velha Figueira do Jardim. Milagre de Amor.

João Batista Crespo / 118

Cantigas Praianas. Rosa Mística. Joinville. Paisagem. Teatro de Bonecos.

Ogê Mannebach / 122

Veículos. Apesar da Fome na Alemanha.

Maura de Senna Pereira / 125

Amor. Consubstanciação. Balada para o Vento Sul. Rosa da Feira.

Barreiros Filho / 130

Cruz e Sousa.

Mâncio da Costa / 133

Mãos. Esfinge.

Oliveira e Silva / 135

Ilha. Há Sempre um Nome. A Chuva no Vento.

## NEOPARNASIANISMO

Alfredo de Oliveira / 139

Vida. Cristo no Corcovado.

Antenor Moraes / 141

Descansemos. Silhueta Marítima.

Carlos Corrêa / 143

Teu Amor. A Figueira.

Castorina Lobo de S. Thiago / 145

Viver e Vegetar. Meu Coração.

Geraldo Atto de Azevedo / 147

Paisagem. Gemidos.

João Batista Amazonas / 149

Dúvida. Sonhar.

Mário Vieira da Costa / 151

Os Olhos. Saudade.

Nicolau Nagib Nahas / 153

Aspiração Suprema. Árvore Velha.

Otaviano Ramos / 155  
Ascensão. Velho Tema.

Trajano Margarida / 157  
Eterna Saudade. Mão.

#### GRUPO SUL

Aníbal Nunes Pires / 159  
Amanhecer. Poema Íntimo.

Antônio Paladino / 161  
A Ponte. Balada do Silêncio.

Arnaldo Brandão / 164  
A Transviada. Pensamento. Rio Itajaí.

Hugo Mund Júnior / 168  
Poemas. Homem. Ego.

#### GERAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Marcos Konder Reis / 171  
Vagabundagem. Ode III. Sonetos Durante o Ano – IV. Ante o Rosto de Cristo. Elegia de Florianópolis. De Novo Itajaí.

Lindolf Bell / 179  
O Poema das Crianças Traídas. Poema da Grande Cidade. Exercícios (Sobre uma Alegre Tarde de Verão). As Annamárias – II.

Carlos Ronald Schmidt / 188  
Poema sem Título. Entre a Pele e a Graça. Aniversário.

Pedro Garcia / 192  
Poema (dois mortos . . .). Um Romântico em Direção à Estrela Canopus. Variações sobre a Dor. Poema (a ponte condenada). Coincidência & Desencontro.

Alcides Buss / 195  
Enigma. S E R. Noite. Oração. VI-VER.

Vilson Vidal Antunes / 198  
Pastoral. Saudade. Cantiga de Separação.

José Cordeiro / 201

Serenidade. A Prova.

Artêmio Zanon / 205

Sinfonia ou Quase Sinfonia. Lavra-Ação. A Flor e a Grade.

Péricles Prade / 210

Poema IV. O Escorpião Sonolento (1).

Pedro Bertolino / 213

De Nós. O Ser. ANGU(LOS)STIA.

Rodrigo de Haro / 216

Poema III. A Partida.

Zoraida Guimarães / 218

Ofertório. Que Fizeram Comigo?

Márcio Tavares d'Amaral / 221

Identidade. O Rio. Legado.

Geraldo Luz / 224

Ladainha Sem Nossa Senhora. Em Espiral Ascendente.

Osmar Pisani / 226

Angústia. Mãos Unidas.

Pinheiro Neto / 228

Gleba Perdida. Homem/Meio.

Vera da Costa Vianna / 230

Esperança. Romance. Felicidade é Vida.

Carlos de Freitas / 233

Inventário.

Pedro A. Grisa / 236

A Grance Cidade. O Homem Parado no Viaduto.

Lucy Assumpção / 239

Coração. Comparação. Destino. Procura (3). Procura (4).

## NOVISSIMOS

José Roberto Rodrigues / 241

Honra. (Entre Parênteses).

Eulália Maria Radtke / 241

Esquivo Canto da Solidão. Dois Poemas.

Vilson do Nascimento / 242

Criancinhas Abúlicas. Maltratando Andorinhas.

Beatriz Niemeyer / 243

Primeiro Lamento. Distância.

Bráulio Maria Schloegel / 243

Poema para os Poetas Míopes. Poema.

Carlos Damião / 254

Artigo Primeiro. Liberdade. Noite.

Cirineu Cardoso / 254

Crucificação. Da Terra.

Rosemary Fabrin / 255

A Catálise da Natureza Verde. Epizeuxis.

Luís / 261

Mano Velho. Agonia.

Inês Mafra / 261

A Flor e o Anjo. Passageiro.

Apolinário Ternes / 262

Poema (É Noite).

Almir Martins / 262

Enlatados. Vozes.

Silmar Bohrer / 263

Jornada. Poluição. Progressão.

BIBLIOGRAFIA / 270

## INTRODUÇÃO

1. A poesia vem sendo cultivada em Santa Catarina desde meados do século XIX, quando aqui se iniciaram as primeiras manifestações literárias. No entanto, relativamente poucos são os poetas que se alçaram a um nível superior de consideração, sendo muito reduzido o número daqueles que alcançaram projeção além-fronteiras do Estado. Nossos poetas, via de regra, permaneceram provincianos, embora nem sempre por ausência de méritos. A precariedade de contatos com centros culturais maiores, o restrito âmbito de nossos meios de comunicação social e o problema editorial constituíram, até bem recentemente, obstáculos quase insuperáveis para maior projeção dos poetas e, por que não, dos demais escritores catarinenses.

2. Em particular deve-se ressaltar a dificuldade editorial. Não tivemos, até há poucos anos, uma editora que merecesse tal nome, a não ser pequenas tipografias. A única maneira mais viável de editar um livro consistia em obter os favores da Imprensa Oficial do Estado que, bem o sabemos, implicava muitas vezes um compromisso político.

Dentro desse contexto, é compreensível que nossa produção literária permanecesse em grande parte inédita ou dispersa na transitoriedade dos jornais ou outros periódicos. Principalmente a poesia, consubstanciada por essência em textos curtos, sempre encontrava com facilidade espaço em jornais ou revistas. E na maior parte das vezes não passava dali. Sua incorporação em veículo mais consistente e menos passageiro, como o livro, raramente se concretizava.

3. Em decorrência dessa situação difícil para nossos poetas, sua comunicação com o grande público era instável e precária. Sua poesia ficava restrita ao conhecimento de uma reduzida elite. Em contrapartida, não recebiam grande estímulo por parte da reação do leitor consumidor.

Outro problema de maior gravidade, não só para a época, mas sobretudo para as gerações posteriores, gerava essa dispersividade dos poemas: a quase insuperável dificuldade de obter-se uma visão de conjunto da obra do poeta, exatamente por ausência de dados à mão, por impossibilidade de acesso à sua obra conjunta. Dessa forma, o que o autor produzia, e mesmo que fosse muito, dispersava-se no decorrer de anos pela imprensa passageira. A dispersão acarretava pouco conhecimento ou conhecimento difuso. Uma visão global era impraticável obter. E, conseqüentemente, não ocorria a valorização do poeta, pelo que este também se ressentia da falta de estímulo.

4. A dispersividade da obra poética de certos autores acarreta hoje tão graves problemas que, não raro, é impossível reunir a produção total, porque mesmo os arquivos familiares não a contêm. Logicamente resulta extremamente complexa uma avaliação séria de nossa evolução poética. Impor-se-ia antes um exaustivo trabalho de pesquisa bibliográfica, de coleta de dados em todos os nossos jornais e revistas do passado, a que também nem sempre é possível ter-se acesso, por inexistência de exemplares. E haveria quem patrocinasse tal pesquisa? Ante tais obstáculos, o que fazer?

5. Consultando a bibliografia já existente sobre a Literatura em Santa Catarina, verifica-se, de modo geral, uma grande deficiência. Não é só a precariedade de dados que constitui entrave constante, mas também a decorrente inconsistência de critérios científicos, a indefinição ante o que é ou não de caráter literário e a ausência de uma visão de organicidade evolutiva.

Há coletâneas de dados mais ou menos individualizantes, a que falta exatamente o critério científico de análise da parte dentro do todo para chegar-se a um conjunto orgânico. Em relação ao conto, especificamente, já foram organizadas várias antologias e Iaponam Soares abriu perspectivas bastante abrangentes sobre sua evolução no *Panorama do Conto Catarinense*. A poesia, embora cultivada há bem mais tempo e com maior assiduidade, até hoje

não mereceu tal tratamento. Não temos conhecimento de nenhuma antologia poética mais ampla, nem de monografia específica sobre a evolução de nossa produção poética.

6. Com o apoio único da disposição pessoal, do amor e gosto pelas letras, da vontade de contribuir positivamente para melhor conhecimento, compreensão e valorização de nosso acervo literário, viemos empreendendo, há três anos, uma pesquisa sistemática sobre a situação, no passado e no presente, da poesia em Santa Catarina.

O objetivo fundamental era preencher o vazio constatado. Evidentemente, o espaço de tempo foi curto, pois apenas reduzidas horas logramos subtrair às nossas atividades profissionais para dedicar à pesquisa. Nenhum apoio financeiro tivemos. A carência bibliográfica impôs-se constantemente. No entanto, vasculhamos bibliotecas e arquivos, folheamos jornais e revistas, anotamos, copiamos, reproduzimos textos e textos que fomos descobrindo, numa atividade desbravadora. E foram surgindo nomes. Em torno deles fomos organizando a produção poética encontrada.

A pesquisa não foi exaustiva. Nem na Capital nem, muito menos, no restante do Estado. Muito autor resta conhecer. Muita produção carece reunir e completar. Entretanto, com base no acervo coletado, iniciamos um trabalho de sistematização orgânica, numa primeira tentativa de testar, junto ao leitor, uma série de autores que compõem a corrente poética em nosso Estado, desde os pioneiros de nossa Literatura até os novíssimos que se iniciam no fazer poético.

7. Adotamos critérios de seleção bastante amplos. Um dos testes do autor é o público leitor, embora nem sempre qualquer sucesso junto ao público seja índice automático de valor literário. No entanto, como grande parte dos nossos autores de poesia praticamente nunca conheceu a forma de livro ou apenas parte de sua produção se perenizou na brochura e, em conseqüência, não teve o veredito do tribunal literário do leitor, propusemo-nos a reunir todos os poetas de certa expressão, todos os autores de uma produção consistente e continuada de poesia, indiferentemente à escola a que se filiassem ou à temática abordada.

Procuramos reunir o máximo possível de poemas de cada autor, submetemos tais poemas a uma análise pessoal e, a partir dos dados coligidos e da análise processada, emitimos uma opinião

avaliatória sobre o autor. Em seguida selecionamos alguns poemas representativos para figurarem nesta antologia.

Como se trata de uma primeira tentativa de fornecer uma visão panorâmica da evolução de nossa poesia, adotamos esse critério de abrangência ampla de poetas. Nem todos representam sumidades artísticas. Talvez muitos não permaneçam. Nossa intenção visa, porém, proporcionar-lhes uma oportunidade de se defrontarem com o público apreciador de poesia. Dentro do conjunto, num trabalho de análise e comparação, a crítica e o público avaliarão quem reúne condições de sobreviver, quem veiculou realmente poesia e quem apenas versejou. Somente uma outra etapa, resultante duma atividade mais lenta e segura, oferecerá condições naturais para tal seleção. O presente trabalho lança apenas os primeiros fundamentos para tanto. E aguarda a manifestação daqueles a quem se dirige para chegar-se a um juízo mais objetivo.

8. Se nosso critério de abrangência foi amplo, a limitação fundamental foi o caráter "catarinense". Mas não o de "poesia catarinense", pois essa não existe, uma vez que toda expressão lírica é expressão individual que tende à universalidade. O que entendemos, então, por "catarinense"? O poeta nascido neste Estado? Aquele que aqui viveu? A produção aqui composta? Na prática, englobamos essas várias possibilidades.

Muitos dos poetas aqui apresentados nasceram, viveram e produziram dentro do Estado de Santa Catarina. Outros aqui nasceram, mas viveram grande parte da vida ou realizaram sua obra poética, no todo ou em parte, fora do Estado, entre eles alguns dos nossos representantes máximos: Cruz e Sousa, Luiz Delfino, J.C. Lacerda Coutinho, J. Araújo Figueredo, J. Silveira de Souza, Antero dos Reis Dutra, Oscar Rosas, Maura de Senna Pereira, Marcos Konder Reis, Hugo Mund Jr., Vera da Costa Vianna. Alguns outros são oriundos de outros Estados, mas aqui viveram, tornando-se catarinenses por adoção, como: Maria Júlia da Costa, J. Elisiário da S. Quintanilha, Carlos Corrêa, Nicolau Nagib Nahas, Antenor Moraes, J. Amazonas, Carlos de Freitas. Caso à parte constituem Oliveira e Silva e Pedro Garcia que, nascidos em outros Estados, integraram-se por um período de vida na sociedade e cultura catarinenses, tornando posteriormente a sair do Estado. Todos eles pensamos que marcaram presença na poesia de Santa Catarina, justificando sua inclusão nesta antologia poética.

9. Quanto à nossa apresentação dos autores, procuramos situá-los no seu contexto sócio-cultural, relacionamos sua produção poética e literária em geral, comentamos sucintamente os traços fundamentais de sua poesia e selecionamos alguns poemas representativos para figurarem nesta amostragem do panorama evolutivo da nossa poesia.

Tanto nosso comentário como a própria seleção de poemas, maiores ou menores na extensão, visaram ressaltar de certa forma a proporcionalidade de importância dos autores dentro do conjunto. Incluímos mais poemas dos autores do período inicial, por maior dificuldade de acesso aos mesmos. Evidentemente, nesse como em outros aspectos do trabalho, influenciou muito nossa vivência pessoal da poesia. Nosso enfoque e nossa escala de importância dos autores estão sujeitos a juízos mais amplos, que esperamos provocar exatamente pela reação do público leitor ante o trabalho ora apresentado.

10. Embora todas as classificações sejam imperfeitas e limitantes e embora não seja a escola literária que produza o escritor nem o grupo literário que determine a sua produção ou seu estilo, mas sim os escritores que façam a escola e constituam o grupo, para efeito didático, julgamos conveniente reunir os nossos poetas em grupos, integrá-los em escolas, na medida do possível. E classificamos, por aproximação, os seguintes grupos:

I — ROMANTISMO: abrange nossa produção poética inicial. Do grupo reunido sob essa escola, apenas Marcelino A. Dutra ainda não incorporou em sua poesia a visão romântica, revelando-se ainda ligado ao Neoclassicismo. Os demais poetas vivenciaram, e durante longo período, os ideais românticos. Incluímos 11 poetas nesse grupo.

II — PARNASIANISMO: foi escola que, inicialmente, não contou com muitos expoentes catarinenses, embora nosso Luiz Delfino tenha lugar assegurado no panorama nacional. No entanto, posteriormente, a temática objetiva e o culto formalista dessa escola mantiveram-se com um predomínio quase constante em nossas letras. Selecionamos 4 representantes do Parnasianismo.

III — SIMBOLISMO: Constituiu a fase áurea do nosso panorama poético. Cruz e Sousa, nosso Cisne Negro, dignificou por si só toda a nossa evolução literária e constitui não só o mais destacado poeta catarinense, mas o mestre maior do Simbolismo Brasileiro e

um dos luminares da poesia simbolista universal, desfrutando crescente prestígio. Araújo Figueredo, embora tenha escrito muito verso parnasiano, também participou do movimento simbolista, que inclui ainda Oscar Rosas e seu filho Ernani Rosas.

IV – GERAÇÃO DA ACADEMIA: Embora o Simbolismo Brasileiro tenha seu suporte maior no catarinense Cruz e Sousa, aqui como no restante do Brasil a poesia simbolista não logrou impor-se, porque o prestígio do Parnasianismo continuava a imperar. E nossos poetas, grupo em seguida reunido em torno da revista *Terra*, continuavam, em sua maioria, fiéis aos postulados parnasianos. Ao tempo em que a irreverência da geração modernista rompia com o tradicional em busca de nova forma e enfoque literários, através da revolução modernista nos idos de 1920, que se estendeu de São Paulo e Rio de Janeiro para quase todo o Brasil, a nossa chamada Geração da Academia, embora intensificando a vivência e produção literárias, através da fundação da Sociedade Catarinense de Letras, logo transformada em Academia Catarinense de Letras, continuava praticamente versejando dentro do modelo parnasiano, com raras exceções, como Othon d'Eça e os ainda ativos Maura de Senna Pereira e Oliveira e Silva. Selecionamos 7 representantes da Geração da Academia.

V – NEOPARNASIANISMO: A poderosa influência do estilo parnasiano continuou a atrair nossas gerações de poetas até meados do século XX. Reunimos sob a denominação de Neoparnasianismo todo um grupo de poetas da primeira metade do nosso século, todos preocupados ainda com o verso isométrico, com temática bastante objetiva, sobretudo todos eles na essência sonetistas. Pela temática, alguns deles mantêm, ainda, laços com o Romantismo, como Mário Vieira da Costa, sobretudo. 10 poetas figuram nesse grupo.

V – GRUPO SUL: A revolução modernista chegou ao nosso Estado com uma defasagem temporal bastante grande. Já adentrada a década de 1940, formou-se um grupo de inquietos amantes das letras, jovens na maioria, ansiosos por modificar o marasmo tradicionalista. Era o Grupo Sul, liderado por Aníbal Nunes Pires e Salim Miguel. O grupo extrapolou a área estritamente literária, abrangendo o teatro, o cinema e as artes plásticas. A ficção foi mais desenvolvida e exerceu maior influência em nosso desenvolvimento literário da época do que a poesia. Mas esta não deixou de

ser cultivada, pelo que destacamos 4 poetas que, uns mais outros menos, participaram do movimento.

VII – GERAÇÃO CONTEMPORÂNEA: Os poetas que compõem a geração contemporânea, incluindo alguns sobreviventes dos grupos anteriores, não conservam tanta homogeneidade de características. Há quem ainda utilize o verso métrico, mas predomina o livre-metrismo. A temática aderiu muito ao cotidiano e não raro revela o engajamento do poeta nos problemas do seu tempo e meio. O culto da palavra, da função poética da linguagem, assume as mais variadas feições. A adesão aos experimentalismos formalistas do concretismo, da poesia práxis e do poema processo verificou-se por parte de vários poetas (Alcides Buss, Pedro Bertolino, Pinheiro Neto e Hugo Mund Jr., este último vindo do Grupo Sul). Marcos Konder Reis vem criando a mais vasta obra poética, cada vez mais complexa no seu evoluir. Lindolf Bell foi o grande líder do movimento nacional chamado de “Catequese Poética” e sua obra é das mais ricas e vibrantes. C. Ronald Schmidt compõe uma poesia em nível profundo e filosófico. A desestruturação do racional através do surrealismo deixou suas marcas na poesia de Pedro Garcia, Péricles Prade e Rodrigo de Haro. São, pois, variadas as tendências temático-formalistas dos poetas nossos contemporâneos. 18 poetas aqui representam nossa geração.

VIII – OS NOVÍSSIMOS: Numa última seção, incluímos uma série de novíssimos que projetam suas primeiras vozes poéticas. Não estão ainda sancionados pelo tempo. Na maioria absoluta são poetas inéditos sob a forma de livro, mas batalhadores constantes nas trincheiras das páginas literárias, dos suplementos literários, da imprensa alternativa. Sua inclusão figura a título de amostragem da vitalidade dos nossos jovens e de estímulo à continuidade para atingirem a consagração. São 13 os poetas que aqui representam os novíssimos.

11. Nossa matéria-prima de trabalho constituiu-se da obra poética dos autores estudados. Evidentemente, servimo-nos da bibliografia específica já existente, que arrolamos no final do volume. No entanto, partimos do levantamento da obra dos poetas, quer publicada em livro, quer dispersa em jornais e revistas. A leitura e análise foram vastíssimas. Sem um conhecimento, na medida do possível, completo da obra dos autores, porém, não teríamos condições de posicionar-nos criticamente e de efetuar

uma seleção representativa. Reconhecemos, entretanto, que o ideal não foi atingido: faltou-nos tempo para um aprofundamento na análise, não logramos reunir a obra completa de todos os autores estudados e, certamente, não detectamos todos os poetas existentes no Estado.

Mesmo reconhecendo essas limitações, submetemos o trabalho ao julgamento da crítica e do público. Acreditamos que ele possa contribuir de alguma forma para um maior conhecimento da situação da poesia em nosso Estado e constituir mesmo manual de estudo para o curso médio e para nossos cursos de Letras. É preciso conhecer para amar. Não basta afirmar comodamente que a Literatura catarinense não existe, porque se a ignora. Isso é confessar ignorância. Necessário se torna conhecer o que existe para, somente então, emitir um juízo sobre seu valor. Se o presente trabalho contribuir para melhor conhecer e despertar a atenção e o interesse para com nosso acervo poético, o esforço dispendido terá recebido a gratificação que a compensação financeira não terá condições de suprir.

## MARCELINO ANTÔNIO DUTRA

Nasceu na freguesia da Lapa do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina, a 19 de junho de 1809. De origem humilde, alfabetizou-se já adulto, aprimorando sua educação como autodidata. Ingressou no magistério público municipal e depois na carreira política, como deputado estadual e Presidente da Assembléia Provincial.

Foi colaborador constante dos jornais da época, revelando-se sempre um espírito empreendedor e combativo. Em 1847, engajando-se na batalha eleitoral, escreveu o poemeto satírico *Assembléia das Aves*. Concorriam à eleição para Representante Nacional da Província dois candidatos: o bacharel Joaquim Augusto do Livramento, pelo Partido Cristão, e o já deputado, conselheiro, jornalista e ex-ministro da Guerra, Jerônimo Francisco Coelho, pelo Partido Judeu. Marcelino compôs, então, seu poema para defender a Jerônimo Coelho. Recorrendo à alegoria, representa seu candidato como um cisne, heróico e majestoso, e seu adversário como quero-quero, ínfimo habitante dos charcos. A estrutura do poema é épica, mesmo que escrito em redondilha maior, compreendendo quatro cantos com 33 quadras cada um. Embora obra de circunstância na luta política, destacou-se na época e sobreviveu como valioso documento informativo, mesmo que não tivesse alimentado pretensões de originalidade literária.

Marcelino deixou também dispersos nos jornais muitos poemas lírico-amorosos e de circunstância. Esses revelam sua formação clássica, apresentando feição pré-romântica ao mesmo tempo que estão ainda bastante ligados à estética neoclássica, sobretudo ao estilo de Tomaz Antônio Gonzaga.

Seus adversários o apelidaram de "Poeta do Brejo", desafio que ele aceitou, passando a subscrever seus poemas quer com esse epíteto, quer com as iniciais M.A.D. Faleceu a 13 de julho de 1869.

Marcelino Antônio Dutra é Patrono da cadeira n.º 34 da Academia Catarinense de Letras. O atual ocupante desta cadeira, Iaponan Soares publicou um estudo: *Marcelino Antônio Dutra – Um Aspecto Formativo da Literatura Catarinense*, que recomendamos como fundamental para maior conhecimento da época e da personalidade de Marcelino.

## ASSEMBLÉIA DAS AVES

Eis o caso: pelas aves  
Sábio *Cisne* fora eleito  
Para sustentar na corte  
Do plúmeo povo o direito.

Que bem o cargo servira  
Não sofre contestação;  
Porque das aves tivera  
Constante reeleição.

Também cabe apresentar  
Por documento em favor,  
Tê-lo chamado a conselho  
Das aves a *Superior*.

Sem ambição, sem riquezas,  
Sem brasões de fidalguia,  
Honra tal só o talento  
Conferido ter podia.

Rancores, ódios, vinganças,  
Nem contra o próprio inimigo  
Em seu peito generoso  
Jamais tiveram abrigo.

Entretanto volta à terra,  
De que saíra a estudar,  
Um *Quero-quero* dizendo  
Que vinha os seus libertar.

À maior parte das aves  
Causou isto expectação;  
Porque dar a liberdade  
Pressupõe a escravidão.

A uma linda *saíra*  
Perguntou um *beija-flor*,  
"Si é certo sermos cativos,  
"Quem será nosso senhor?

"Não sei (responde a mimosa),  
"Mas tenho ouvido dizer,  
"Que o jugo do cativo  
"Faz suspirar, faz gemer.

"Até hoje (aos Céus louvores!)  
"Não suspirei, nem gemi,  
"Por tanto julgo-me ainda  
"Ser livre como nasci".

Ai! tristes! já lá no peito  
Dos inocentes plumosos,  
A discórdia acerba e dura  
Os faz menos venturosos.

(Canto I, estrofes 8 a 18).

POESIA

Como te vais, bela Armania,  
Com teu novo adorador?  
Sofre ele noite e dia  
Os tormentos que eu sofria,  
Causados por teu amor?

Quando a noite se aproxima  
Entristece sem querer?  
Aflito geme, suspira,  
Não dorme, cisma, delira  
Ansioso por te ver?

E assim que rompe a aurora  
Procura a tua morada?  
Parando defronte dela,  
Prega os olhos na — janela —  
Cruelmente inda fechada,

Temendo que alguém suspeite,  
Volta à casa entristecido?  
Não pede almoço, nem janta,  
Não fala, não ri, não canta,  
Sempre inquieto e consumido?

Erra tudo quanto escreve,  
Não reflete no que diz?  
Mal que o olhas com brandura,  
Já supõe-se a criatura  
Deste mundo a mais feliz?

Receia que outro te agrade  
E ganhe tua afeição?  
Sonha que ele te requesta,  
Que ousado te manifesta  
Amorosa inclinação?

Acorda sobressaltado,  
Coberto de suor frio?  
E achando-se já desperto  
Ainda cuida ser certo  
Tudo que sonhando viu?

E quando te vê lhe salta  
Perturbado o coração?  
Não ousa cumprimentar-te,  
E em vez de contente olhar-te,  
Fita os seus olhos no chão?

Acha feio o sol, as nuvens,  
A campina, o prado, a flor?  
E julga que a natureza  
Resumiu toda beleza  
No teu gesto encantador?

Se alguém lhe diz que te vira,  
Fica pálido, assustado?  
De ciúmes todo cheio,  
Estreita os braços ao seio,  
Que bate desordenado?

Jura que se o não amares  
Há de se deixar morrer?  
Suplica a Deus com fé pura  
Que te inspire amor, ternura,  
E dó de seu padecer?

Se assim é, nada perdeste;  
Eu é que tudo perdi!  
Tens um novo apaixonado  
Igual ao desventurado,  
Que se desgraçou por ti.

P. do Brejo  
(*Argos da Província de Santa Catarina*,  
11/03/1862.)

SONETO

“Eu por ti, tu por outrem, padecemos.  
Dele amada não és, nem tu me amas,  
Co’o amor, que lhe tens, teu peito inflamas,  
Ralas meu coração, e assim vivemos;

Nem esperanças há, que melhoremos,  
Se não deixas o vil, com que te infamas;  
Apaga desse afeto as negras chamas,  
Sê-me grata, e felizes viveremos.”

Assim falei a Júlia em nossa sorte,  
Quando Ela respondeu-me entristecida,  
Com desdenhoso som, magoada, e forte:

— Não te inquietes por ver-me consumida;  
Se pode o seu desprezo dar-me a morte,  
Também sem amor não presta a vida. —

P. do Brejo  
(*Correio Catharinense*,  
Desterro, 4/5/1853.)

## JOÃO SILVEIRA DE SOUZA

Nasceu no Desterro, a 4 de fevereiro de 1824. Após os primeiros estudos na terra natal, seguiu para São Paulo, onde se diplomou em Ciências Sociais e Jurídicas, em 1849. Exerceu, depois de formado, em Santa Catarina, o cargo de Procurador-Fiscal da Fazenda e representou a Província como deputado geral em várias legislaturas. No entanto, viveu grande parte da vida fora da Província, percorrendo várias outras. Tornou-se político de alto renome nacional, Presidente das Províncias do Pará, Ceará, Maranhão e Pernambuco. Mereceu o título de Conselheiro do Imperador D. Pedro II e foi Comendador da Ordem de Cristo. Foi por duas vezes Ministro de Estado do Império.

Santa Catarina deve-lhe, entre outros, o relevante mérito de obter a anulação do decreto imperial que adjudicava ao Paraná grande faixa de terras que nos pertenciam.

A partir de 1854 foi professor da Faculdade de Direito do Recife, onde chegou a catedrático.

Durante toda a vida foi redator e colaborador de vários periódicos, tendo dirigido alguns deles. Publicou várias obras de caráter jurídico: *Reforma Eleitoral; Eleição Dita Preleções de Direito Público Universal; Lições de Direito Natural; Direito Puro e Ciência do Direito.*

Sua produção poética pertence à fase da mocidade. Ao tempo dos estudos jurídicos em São Paulo, escreveu um livro de poemas, *Minhas Canções* (1849), em que retrata os sentimentos de saudade e exaltação de sua terra natal (Desterro), além de externar, em alguns poemas, seus mais exagerados sentimentos amorosos.

Faleceu na cidade de Cabo, no Pernambuco, em 1906. É o patrono da cadeira n.º 18 da Academia Catarinense de Letras.

## ILHA DE SANTA CATARINA

Aqui não vejo a espuma nevada,  
Nem sobre a praia magoada  
Ouço a vaga murmurar.  
Só vejo as ondas dum rio,  
Que correm sem murmúrio,  
Que morrem sem suspirar.  
Lá, via belas gaivotas,  
Via os navios e frotas  
Das nações do mundo inteiro;  
Via o baixel, a falua,  
Ouvia ao clarão da lua  
Os cantos do marinheiro.  
Oh! minha terra natal,  
Berço da infância minha,  
Nas ondas não tens rival.  
És do Atlântico a rainha,  
De tudo que o céu derrama,  
Que o mundo tem de mais belo.  
Tais e tantas maravilhas  
São, contudo, menos belas,  
Que as tuas formosas filhas.  
As tuas filhas singelas  
São elas anjos ou fadas,  
Ou as huris encantadas

Do elísio céu do profeta!  
Lá não há primores d'arte,  
Porém há da natureza  
Encantos por toda a parte,  
Por toda a parte beleza.  
Lá nesse meu paraíso,  
Não há tristeza nem mágoas,  
Constante reina o sorriso,  
É tudo graça e magia,  
Quer de noite, quer de dia,  
Na terra, no céu, nas águas,  
Além, na frente montanhosa,  
Tão gigantesca, tamanha,  
Que pelas nuvens se esconde.  
Onde há mais lindas serras,  
Mais lindos vales, aonde?  
E vales e serras e tudo  
Aí se arreia de flores  
Que têm matiz de veludo,  
Que têm do céu mil odores.  
Entre o céu que te engrinalda  
E o mar que a teus pés suspira,  
És como a verde esmeralda  
Entre o cristal e a safira.

S. Paulo, 1847 (*Minhas Canções*)

### SONETO

Tem nas faces de neve a cor do pejo  
E nos langues olhos a do céu pintada,  
É nuvem d'ouro a trança desatada  
Cobrando o seio sôfrego desejo.

Em seus lábios de rosa era um só beijo  
Demais p'ra ser-me a vida evaporada;  
Pois só com um seu sorriso d'enleuada  
Quase morta de amor minh'alma vejo.

Não tem anjo do céu como as tem ela,  
Tão lindas formas, tanta graça e encanto,  
Nem a terra possui virgem mais bela!

Nem lá nem cá também já se amou tanto  
Como eu te amei, casta e gentil donzela  
Que um anjo foras a não ser meu pranto!

S. Paulo, 1848 – *Minhas Canções*

## JOSÉ ELISIÁRIO DA SILVA QUINTANILHA

Nascido na Província do Rio de Janeiro, a 24 de maio de 1845, ainda criança, sua família transferiu-se para Desterro, capital da Província de Santa Catarina, onde se radicou. Inteligente e decidido, aprofundou seu estudo sistemático através do esforço autodidata.

Aos 20 anos engajou-se, como voluntário, na guerra contra o Paraguai, mas a saúde frágil o obrigou a voltar. Dedicou-se durante toda a vida ao jornalismo, à imprensa política, revelando um espírito pertinaz e polêmico.

De caráter bastante difícil e complicado e de comportamento considerado extravagante e esquisito, teve sua vida profundamente marcada por um amor impossível, devido ao desnível social. Tal frustração o marcou pelo restante da vida e foi mesmo apontada como causa de sua morte — assim caracterizada plenamente romântica — pelo seu amigo, médico e companheiro de jornalismo, Dr. Duarte P. Schutel.

Em 1863, com apenas 18 anos, publica seu primeiro e único livro de poesia: *Lírios e Rosas*. Posteriormente continuou a escrever poemas, dispersos em jornais, mas de feição cada vez mais desiludida ante a frustração amorosa. Faleceu a 28 de outubro de 1877.

Sua poesia é essencialmente lírica, a expressão sentida do seu próprio eu, do seu mundo interior, ora calmo e esperançoso, ora angustiado e desiludido. Na poesia mais jovem, cantou a alegria e a felicidade, possíveis de serem encontradas nas pequenas coisas, sobretudo na fraternidade com a natureza. Mas a presença mais constante é sua amada Elisa, a eleita dos seus sonhos, mulher e anjo ao mesmo tempo. Posteriormente, sua poesia envereda decididamente pelo desalento próprio do “mal do século”, entregando-se a sentimentos de melancolia, desespero e mesmo à idéia romântica da morte como libertação.

Comemorando o centenário de morte do poeta, organizamos uma Antologia de poemas selecionados e preparamos uma introdução explicativa do autor e da época. O Conselho Estadual de Cultura publicou a obra dentro de sua Coleção Cultura Catarinense.

## SAUDADES

Tenho saudades, Elisa,  
Desses tempos venturosos,  
Em que por dias formosos  
Íamos nós passear!  
Nesses verdejantes prados  
Cobertos só de boninas,  
De lírios, rosas divinas,  
Que sabiam me inspirar!

Tenho saudades dos dias  
Todos cercados de sol,  
Onde brilhante arrebol  
De ventura sempre achei!  
Tristemente ora suspira  
Este meu peito ansiado,  
Elisa, pelo passado  
Em que delícias gozei!

Tenho saudades das tardes  
Onde à sombra do jambeiro,  
Prazeres do amor primeiro  
Pude contigo fruir;  
E desse val encantado  
Onde falando em amores,  
Não pensávamos nas cores  
Do anuveado porvir!

Tenho saudades dos dias  
De gozo e prazer cercados,  
Em que éramos nós olhados  
Como dois entes ditosos!  
— E quão ditosos que somos  
Vivendo de amor na chama!  
Porque uma celeste flama  
Nos oferece mil gozos!

E quando tocava o sino  
O sinal da Ave Maria,  
Que anunciava que o dia  
Se tinha ido p'ra além . . .  
— E quando tocava o sino  
Da Ave Maria o sinal,  
Dizias tu por meu mal:  
— Fugamos daqui, meu bem!

Esse tempo venturoso  
Não mais hemos de gozar !  
Nem nas noites de luar  
Contigo passarei!  
— Pelo passado suspira  
Este meu peito ansiado . . .  
— Elisa! pelo passado  
Em que delícias gozei!

*(Lírios e Rosas)*

## RECORDAÇÃO

Era de tarde . . . Tu viste  
Como estava o meu jambeiro  
Sem flores, frutos, tão triste,  
E os galhos secos, quebrados?  
— Foram meus olhos molhados  
Ao ver sem flores, — tão triste,  
O meu querido jambeiro!

A imagem de meu passado  
Reconheciam meus olhos  
Vendo o jambeiro, coitado,  
Sem flores, frutos — tão triste!  
— E se hoje prazer existe  
No peito meu — no passado  
Só pranto tinham meus olhos!

Era meu peito sem flores,  
Em flores que nascem na alma  
Bafejadas por amores,  
Como o jambeiro tão triste!  
Mas quando anjinho me viste  
A meu peito deste flores,  
E prazeres à minh'alma!

Agora, — como o jambeiro  
Sorrirá na primavera,  
Tendo flores, — prazenteiro  
Me sorrio para ti!  
E julgo que não menti  
Por me fazer de jambeiro  
E te chamar primavera!

*(Lírios e Rosas)*

## JOSÉ CÂNDIDO DE LACERDA COUTINHO

Nasceu no Desterro, a 15 de dezembro de 1841, filho do notável compositor musical, gênio alegre e notável palestrador, Comendador João Francisco de Souza Coutinho. Menino criado no seio da mais alta sociedade desterrense, aluno brilhante e muito versado em Latim, José Cândido seguiu, em 1862, ao Rio de Janeiro onde, de 1863 a 1868, cursou Medicina. Diplomado, volta ao Desterro; mas bastante desiludido com a Medicina, devido à morte do pai em 1869, transfere, em 1870, residência para o Rio de Janeiro, onde continua a clinicar até 1890, mas sem muita convicção, dedicando-se mais ao magistério e ao funcionalismo público, sem nunca deixar de escrever.

Sua participação na política do Estado natal limitou-se a exercer, em 1868, o mandato de deputado à Assembléia Provincial e, em 1890, o de deputado à Assembléia Constituinte Republicana.

Em 1875 casou com Dona Adelaide, filha do ex-Presidente da Província de Santa Catarina, João José Coutinho.

Ao tempo de estudante, 1863-64, publicou em folhetins, no jornal desterrense *O Despertador*, o romance *Cenas da Vida de Estudante*. Escreveu ainda comédias, como: *Quem Desdenha Quer Comprar*, *Casa Para Alugar* e *A Mona Domingueira*. Traduziu e reelaborou um livro histórico, intitulado *Lendas Scandinavas*. No entanto, celebrizou-se sobretudo pela sua poesia: *Páginas Soltas*, publicado após a morte, pelo filho, reúne a maior parte de suas poesias dispersas em jornais e *Ovidianas* é um longo poema em forma clássica, que canta o erotismo e os escandalosos amores de personagens da mitologia greco-romana. Os três últimos livros foram publicados após sua morte, pelo filho João Francisco.

José Cândido faleceu no Rio de Janeiro a 2 de novembro de 1902. É patrono da cadeira n.º 23 da Academia Catarinense de Letras.

Iniciou-se na poesia ainda ao tempo de estudante quando, à época da Guerra do Paraguai, perdeu um amigo, em homenagem ao qual compôs o poema lírico-épico "Greenhalgh" (1865), que logo o celebrizou. Muitos de seus poemas são perpassados de sopro épico, transparecendo às vezes em seus poemas ressonâncias do equilíbrio clássico. Entretanto, foi essencialmente romântico, de grande força lírica, satírica e epigramática. Não obstante ter criado deliciosos quadros de uma leveza satírica nos seus "Esboços", sonetos de assuntos populares, circunstanciais, focalizando o cotidiano, o tom mais



## AS TEMPESTADES

Não tenhas medo à furial tormenta  
que lá rebenta na amplidão do ar:  
há-de abrandar-se o vendaval irado;  
há-de cansado serenar-se o mar.

Mais do que os ventos a enrugar as águas,  
são estas mágoas a enrugar-me a tez;  
e o mar d'angústia que meu seio alaga  
desdenha a vaga que engrossar lá vês.

Não tenhas medo à furial procela;  
treme, donzela, de infernal paixão!  
Aquela ruge temerosa? Embora!  
Esta devora; não se farta, não!

Cedo emudece o ribombar celeste  
e o rijo leste que alvoroa o pó;  
mas a tremenda tempestade d'alma,  
— esta — só calma sob a campa — só!

Rio, 1868.

## SONETO

Sonhos de glória, flores da esperança,  
tudo levou-me o tempo desumano;  
e, no rápido escoar, ano após ano,  
murchou-me n'alma os risos de criança.

A mão que de forir-me se não cansa,  
me arroja de um a outro desengano . . .  
É nem um só conforto em tanto dano!  
Luta sem trégua! frágua sem bonança!

Terrível punição do meu delito!  
Mostrar no aspecto a paz da consciência,  
enquanto o coração se estorce aflito!

Sofrer! sempre sofrer! Deus de clemência,  
escuta enfim o pecador contrito:  
dá-me o perdão ou tira-me a existência!

Rio, Abril, 1874

## O DESCANTE

Alta noite, na rua deserta,  
Que se banha num almo luar,  
Aos acentos de meigo cantar,  
A menina do sótão desperta.

À janela, de manso entr'aberta,  
Vem a bela o descante escutar . . .  
Ai! mal sabe o idílico par  
Que o terrível tutor está alerta!

Requintando em *agudos* trementes,  
Canta o bardo, ao tanger do violão:  
"Trovador, o que tens? O que sentes?"

Por que choras com tanta aflição? . . ."  
Eis que se abrem da porta os batentes . . .  
Foi-se a *prima* e roncou o *bordão*!

Todos poemas de *Páginas Soltas*

## IRMÃOS NUNES PIRES

Nas últimas décadas do século XIX destacam-se, pela sua produção literária e pela defesa dos ideais românticos, os três irmãos Nunes Pires: Gustavo, Eduardo e Horácio.

Eduardo Nunes Pires (1845 – 1900) tem sua obra constituída de poesias, crônicas moralistas, artigos políticos, polêmicas literárias e mesmo um tratado de versificação, mas tudo ficou disperso em jornais. Sua poesia aborda temas históricos e bélicos, sobretudo relacionados com a Guerra do Paraguai, ou canta líricamente o amor. Celebrizou-se por sua polêmica contra o grupo da “Idéia Nova”.

Gustavo Nunes Pires (1848 – 1881) foi professor e funcionário público, tendo reunido seus poemas no livro *Enlevos*. Como se depreende do título, é poeta romântico da linha de Casimiro de Abreu, essencialmente lírico-amoroso, repetindo suas juras de amor ou chorando sua desilusão com as diversas amadas de seus poemas.

Horácio Nunes Pires (1855 – 1919) exerceu diversos e destacados cargos públicos, participou ativamente das campanhas abolicionista e republicana. Destacou-se pela sua notável fecundidade literária, abrangendo o jornalismo, o romance (de folhetim), a poesia e, sobretudo, o teatro, em que mereceu o aplauso constante, tendo escrito dezenas de comédias e dramas. A quase totalidade de sua obra encontra-se dispersa em dezenas de jornais da época, tendo colaborado com todos os jornais maiores do Estado. Sua poesia revela geralmente bastante amargura e um pessimismo realista—decorrentes de uma sensível concepção filosófica.

DEVANEIO

A M.C.

*Oh! vivre une saison sur ces plages divines  
Vivre à deux dans cette ombre et dans cette lumière!*

(J. Autran)

Por que me foges — quando a tarde é finda,  
Quando as aragens lépidas farfalham  
Nas comas da palmeira, que embalançam  
Como dizendo adeus ao dia extremo,  
À luz crepuscular que já vai morta?  
Por que me foges? — Vem! — lá no horizonte,  
Nas abas do infinito,  
Inda o céu bruxoleiam rosas e ouro:  
Além daqueles montes que negrejam  
Inda há luz, inda há sol! — Vem ter comigo,  
Suponhamo-nos lá . . . Que mais tu queres?  
A inocência inda mora em tais vezes:  
Não há lábios perversos.  
Que murmurem de nós, não há quem diga —  
“É tarde! — e estão sozinhos  
A conversar . . . quem sabe o quê? — sozinhos  
Quando o extremo crepúsculo apagou-se! . . .”  
Não há quem diga assim; nessas vezes  
Inda mora a inocência,  
Inda as rosas vernais desabrocham puras.

Vem ter comigo! — O pensamento ansioso  
Soltemos das prisões que nos rodeiam.  
Deste mundo de pó, de lodo e crimes,  
Onde é morta a pureza,  
E angélicos amores não existem!  
Soltemo-lo a voar pelo infinito,  
Pelos rosais de infinda primavera  
Destes nossos amores:  
Deixemo-lo correr, sonhar venturas  
Nessas vezes que não vimos nunca,  
Mas sabemos que existem — lá, bem longe,  
Onde mora a inocência,  
Onde há luz, onde há rosas,  
Além daqueles montes que negrejam.

Vem escutar a pomba que inda arrulha  
Entre a ramagem negra da montanha:  
Parece que suspira um peito humano  
Saudades de algum sonho que vai longe  
Lá perdido nas brumas do passado . . .  
Não me fujas . . . — Vem ver como inda chilram  
Avezinhas que amor juntou no ninho  
Onde a vida lhes deu, e lhes deu beijos,  
E as fez inseparáveis . . .  
Anjo, por que me fojes?  
Por que não podemos ser como elas,  
Que palpitam de amor perene, infindo,  
Nem têm outro sonhar, nem outros gozos,  
Nem têm outros desejos?  
Por que nos não daria Deus tal vida?  
Mas és tu que a não queres,  
Porque lá longe . . . Eu te convido . . . — Vamos!

Além daqueles montes que negrejam,  
Ainda os laranjais desbrocham flores,  
Há luz que se não finda — aurora sempre,  
E as brisas mais frescas,  
E as selvas redolentes de baunilha.  
Vamos! é lá — onde ninguém murmura  
Si em devaneios nos achar sozinhos  
A conversar de amores . . .  
É lá — onde a pureza inda tem reino,  
Onde mora a inocência!

Eduardo Nunes Pires  
(*O Mercantil*, Desterro, 29/04/1869).

MULHER!

Suplico-te, mulher, — dá-me um suspiro,  
Deixa que eu viva ao menos um minuto  
Do alento de teu seio;  
Dá-me o bálsamo santo de teus lábios,  
— Um beijo . . . — e nele eu morrerei contente  
À dor, ao mundo alheio! . . .

Dá-me esse alívio às úlceras do peito . . .  
Si é veneno, si mata, — oh! dá-mo ainda.  
Que eu desejo essa morte  
Bebida de teus lábios descerrados  
Num suspiro, num beijo. . . — e a fronte exausta  
Penderei para a morte! . . .

Em chamas tenho a fronte, o peito em chamas.  
Preciso água do céu que mas apague  
Num devaneio santo;  
E só tu tens esse licor divino,  
Tens-no em teus lábios, em teus olhos tens-no,  
Que são beijos e pranto . . .

Ao teu cantor, mulher não o recuses,  
Não queiras ver-lhe a aurora da existência  
Para o nada pendida  
Não negues esse bálsamo celeste  
Ao teu bardo de amor, — não dê-lhe a morte  
Podendo dar-lhe a vida!

Eduardo Nunes Pires  
(*O Beija-Flor*, Desterro, 2/02/1868).

## CIÚMES

Amália, ciúmes eu tenho da rosa  
que colhes tão casta, tão linda e formosa  
no ameno jardim.

Eu tenho ciúmes do cravo oloroso,  
tão cândido oh! sim  
da linda açucena, do lírio formoso.

Eu tenho ciúmes da tépida aragem,  
eu tenho ciúmes da fresca bafagem  
que passam por ti.

Eu tenho ciúmes dos risos que soltas,  
das tranças que trazes revoltas, revoltas,  
roçando por mim.

Eu tenho ciúmes dos ventos irosos,  
que vêm oh! donzela, que vêm tão queixosos  
falar-te de amor.

Ao ver uma rosa tão fresca e tão bela  
ornar-te os cabelos, eu tenho, oh! donzela,  
ciúmes e dor.

Eu tenho ciúmes do lírio nevado,  
da rosa, do cravo gentil, nacarado,  
que exala perfumes.

Das brisas, das auras, dos ventos irosos,  
das veigas, dos prados amenos, relvosos,  
eu tenho ciúmes.

Gustavo Nunes Pires (*Enlevos*).

## O AMOR

Nasce do amor a frágil criatura,  
vive por ele e dele morre. A vida  
pelo amor goza, e, pelo amor ferida,  
soluça e chora, em ânsias de amargura.

O amor é a luz sagrada da ventura,  
ou a treva da mágoa dolorida,  
a descrença fatal, a fé sentida,  
— goza, pena, sol belo, ou noite escura . . .

Oferece abrolhos ou derrama flores,  
conduz à glória, — a glória deslumbrando,  
leva do crime todos os horrores . . .

Mas, — imutável lei, meigo ou nefando,  
quer traga o amor a dita ou agras dores,  
— nasce o homem do amor e morre amando!

Horácio Nunes Pires  
(*Sul Americano*, Florianópolis, 1900).

## NO CEMITÉRIO

“Riqueza... orgulho... luxo... ostentação... Vaidade...  
Olho em roda... que vejo? ... O mármore custoso,  
Cinzelado e brilhante, erguendo-se orgulhoso  
Junto da pobre cruz — na terra da igualdade!  
Mentira sempre... até no mundo da verdade,  
Negra ironia atroz, falso sentir, doloso.  
Até perante o — nada — extremo e doloroso.  
Do pó em que termina a pobre Humanidade!  
Sempre o forte a pisar o fraco, o abandonado,  
Sempre o grande esmagando o mísero, o pequeno,  
Sempre o feliz ferindo o pobre, o desgraçado!  
Ah! vaidade fatal! triunfa o teu veneno,  
Até na morte, assim, do verbo imaculado,  
Da palavra de luz do doce Nazareno.”

Horácio Nunes Pires  
(*Anuário Catarinense*, Florianópolis, 1949, p. 125).

## JUVÊNCIO MARTINS DA COSTA

Nasceu no Desterro, a 6 de julho de 1850, na antiga rua do Príncipe, hoje Conselheiro Mafra. De constituição fraca, não pôde continuar sua formação intelectual na Corte, conforme era desejo dos pais. Mas sempre foi um estudioso, alcançando boa cultura. Aos dezesseis anos ingressa no jornalismo literário e político. Exerceu o funcionalismo público e foi deputado à Assembléia Provincial.

Reuniu sua produção poética no livro *Flores Sem Perfume*, publicado postumamente, em 1883. Nas palavras de apresentação, Wenceslau Bueno compara-o a Casimiro de Abreu e a Álvares de Azevedo, e acentua que "Juvêncio é o poeta do coração, e vate do sentimento e da dor". Faleceu a 8 de outubro de 1882. É o patrono da cadeira n.º 25 da Academia Catarinense de Letras.

Sua vida de sofrimentos e atribulações reflete-se na poesia triste e elegíaca. Não obstante julgar-se um "proscrito do amor", "maldizer os sonhos" e sentir-se "moço nos anos, velho no tormento" ("Meus Vinte e Um Anos"), sua poesia revela uma busca ansiosa e febril do sonho, da casta donzela, do amor — mas resultando tudo na mais fria desilusão e frustração. Dilacerado pelo dilema sonho-realidade, frustrado na busca da mulher-anjo, extensa seus sentimentos incorrespondidos e retrata seus sonhos desfeitos. Dois versos resumem seu estado de alma:

"Inda sou jovem! reneguei da vida!  
Amei e meu amor foi só loucura..."

## SOU LOUCO

*"Fui um louco em sonhar tantos amores  
Que loucura, meu Deus!  
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,  
Todos os sonhos meus!"*

Álvares de Azevedo

Sou louco porque amo. . . ardente fogo  
Se aquece no meu peito palpitante!  
Suspiro noite e dia . . . Em doces cismas  
Vejo a fronte gentil da minha amante!

Que tristes sonhos tenho . . . Essa morena,  
Piedade não tem das minhas dores!  
Pobre de mim! murmuro inda seu nome . . .  
Mas ela dá-me vida às mortas flores . . .

Nada sente, meu Deus! sua alma é gelo  
Que se derrete ao sol de um morno dia!  
Labareda de amor que queima as fibras  
Neste mundo repleto de agonia!

Sou louco . . . mas que importa se minh'alma  
Lhe consagra amizade fida e pura?  
Não posso desprezá-la . . . no meu peito  
Sinto abrir-se em botão alma ventura!

Será terna e feliz e confortável  
Libando o fel amargo do passado . . .  
Serei o teu amor, morena ingrata,  
Embora vague errante e malfadado!

SONETO

*"Na dor do coração a morte leio."*

Álvares de Azevedo

Na alvorada da vida — o sofrimento  
Me punge o coração enternecido,  
E concentro no peito esvaecido  
Os suspiros e ais do sentimento!

Bem como a flor votada a esquecimento  
Assim é meu amor constante e fido . . .  
Ninguém perscruta meu penar sentido,  
A cisma que me aflui ao pensamento!

Fenece a crença, me maltrata a lida  
De um presente cruel, e a sorte odeio,  
Detesto os sonhos da ilusão perdida!

E a esperança, que é luz — dela descreio!  
Maldigo o meu porvir, e odiando a vida  
— Na dor do coração a morte leio.

*(de Flores Sem Perfume)*

## JÚLIA MARIA DA COSTA

Nasceu na cidade paranaense de Paranaguá, a 1.º de julho de 1844, mas com cerca de 10 anos veio residir em São Francisco do Sul, onde passou quase toda sua vida. Ali casou, em 1871, por imposição da família, com o Comendador Francisco da Costa Pereira. Dotada de temperamento místico, tímido e introvertido e de índole delicada, sua sensibilidade parece ter-se ressentido profundamente do amor frustrado ante o casamento imposto. Nos últimos anos de vida chegou à demência, falecendo em 1911.

Publicou constantemente poemas e prosa poética nos jornais de São Francisco, Joinville e Florianópolis. Editou também em livro, no Desterro, duas séries de poemas, sob o título *Flores Dispersas* (1867 e 1869). Sob o mesmo título, em 1913, sua poesia foi reunida e reeditada em Curitiba.

Seus poemas e sua prosa lírica revelam uma profunda melancolia perante a vida, uma secreta desilusão e uma vaga ânsia de compreensão, além de revestirem-se de doce ingenuidade e constante apelo à natureza.

Arnaldo S. Thiago dedicou longas páginas (417 a 432) ao estudo e defesa da poetisa, ressaltando, entre outros, os seguintes aspectos: "Júlia da Costa, que não pôde ainda alçar-se à sentimentalidade de Tereza de Jesus, o que lhe evitaria os surtos da psicastenia que a prostrou, foi poetisa na mais ampla significação do termo. Ouvi-la é um *agri-doce pungir de acerbo espinho*, porque nos vem a saudade envolver em suas delicadas carícias, a nós, míseros contemporâneos do novo homem das cavernas, que vivemos sob a pressão de grosserias e brutalidades no mundo futebolizado de hoje. . ."

"Júlia da Costa é exemplo vivo da Poesia, em sua acepção de dom pessoal, inato naqueles que recebem de Deus a outorga sagrada, exatamente para auxiliá-los à conquista mais rápida do Paraíso, no sentido que lhe deu o divino Poeta florentino".

NOITE

O céu cintila, mas embalde a terra  
Ergue seu brado pela noite em meio,  
Dormem as aves — a floresta é muda,  
Negra tristeza me oprime o seio.

A noite desce tenebrosa e fria,  
Como um fantasma pela terra nua,  
E a crença espira no vigor dos sonhos,  
Aos simples toque da roupagem sua.

Tudo fenece, e de balde em luzes  
O céu cintila de perfumes cheio;  
O mar é negro — a floresta é muda,  
Dormem as aves pela noite em meio.

Embalde a noite traiçoeira e linda  
Seu manto enfeita de gentis orvalhos;  
Mentem os ermos que lhe dão perfumes;  
Mentem as flores a tremer nos galhos.

(A SEMANA, Florianópolis, 14/09/1920).

## ALVORADAS

*"Eu vos saúdo, ó filhos da poesia!  
Dos horizontes no céu arrebol!"*

(Lins de Albuquerque)

Ergue-se o dia do seu leite morno  
Todo vestido de infantis verdes,  
E a minh'alma se desata em cantos  
Por entre moitas de cheirosas flores!

— Bom dia rosas — borboletas brancas,  
Gaivotas alvas de cheiroso abril!  
Sonoros ecos — vibrações etéreas,  
Florestas verdes — amplidões de anil!

— Bom dia cravos — sabiás do mato,  
Palmeiras lindas — vibrações do mar!  
Orvalhos frescos de risonha aurora,  
Estrela-d'alva que me vens saudar!

Como é formoso o despontar do dia  
Nas praias brancas — nos vergéis do sul  
— O mar tão liso como liso espelho.  
O céu tão lindo como o mar azul!

A vida é lago que se encrespa aos beijos  
Do manso vento de perfumes cheio!  
— Rosal cheiroso que desata em flores  
O casto sonho que lhe banha o seio.

Botão de rosa que se abre aos hinos  
De uma esperança que a mente cria!  
Luz que só morre quando a crença em sombras  
Vai no sepulcro descansar já fria!

.....  
.....

Ergue-se o dia, e eu saúdo as rosas . . .  
— Elas revelam, no perfume seu,  
Mudos anelos de tristonha virgem,  
Sonhos de um anjo que procura o céu!

S. Francisco — AMERICANA  
(*Gazeta de Joinville*, 14/03/1883).

## IGNÁCIO BASTOS

Ignácio Lázaro Bastos nasceu em Canasvieiras (Florianópolis), em 1862. Ainda criança, transferiu-se para Itajaí. Dali saiu na mocidade, passando a residir praticamente todo o restante da vida em Joinville, onde ingressou nos Telégrafos, em que trabalhou durante 42 anos, até aposentar-se. Em Joinville desenvolveu sua atividade política e literária. Abolicionista e republicano, foi político de grande atuação, mas sempre de proceder reto. Jornalista político, sabia conservar a serenidade e a decência nos debates. Sua memória está indissolúvelmente ligada à ação social de nacionalização, em que colocou sua inteligência e cultura a serviço da instrução pública, da uniformização da língua e da harmonia social. Fundou o Club Social Joinville, criou uma espécie de biblioteca pública, distribuiu livros pessoalmente adquiridos, promoveu reuniões comemorativas das grandes datas nacionais. Joinville deve-lhe, em suma, grande estímulo ao desenvolvimento político, cultural e social.

Caráter honrado mas modesto, foi um temperamento sentimental e a produção literária atesta sua bondade e delicadeza de sentimento. Alma nobre, espírito cívico e religioso, foi sempre desprendido quanto aos interesses pessoais e um grande filantropo. Embora percebesse bons vencimentos e vivesse modestamente, como solteiro, faleceu muito pobre, pois colocou tudo a serviço dos pobres e do serviço de interesse público.

Faleceu em Joinville, aos 65 anos, a 13 de maio de 1927.

Sua produção literária inclui várias peças teatrais, como: *Dura Lex* (drama), *Um Criado de Hotel*, *Os Farristas*, *No Jardim* e *Abençoada Mentira* (comédias) *A Exposição de Joinville* (revista catarinense). Escreveu também muitos contos e folhetins. Sua poesia abrange versos de circunstância, celebrando personalidades, além de muitos poemas líricos, de cunho romântico, que retratam seu enlevo perante a natureza, sua religiosidade, saudade, terno amor e, às vezes, desilusão.

Deixou esses escritos dispersos em jornais de Joinville: *Correio de Joinville*, *Comércio de Joinville* (que ele fundou e redatoriou); da Capital: *República*, *O Dia*, *O Estado* e de Itajaí: *Gazeta Popular* e *O Pharol*. Assinava muitas vezes com o pseudônimo Ginosto Saciba.

## REGRESSO

Manhã de inverno (nunca me esqueci)  
Azul e fria, luminosa e triste.  
Foi assim a manhã em que partiste,  
Foi em manhã assim que te perdi.

Mal volta a primavera alegre e quente,  
De rubras nuvens matizando os céus;  
Voltas também agora aos braços meus,  
Mas, do que foste, voltas diferente!

Tímida foste, mas te vejo agora  
De rosto alegre e de olhar travesso  
De quem fruiu as emoções da vida . . .

Quem me dera trocar por esta hora,  
Almejada por mim, do teu regresso,  
A tristíssima hora da partida!

Joinville, 1921 – Ginosto Saciba  
(de *Correio de Joinville*, 29/07/1922)

## CRISTO

Caía pelos montes a tarde entristecida.  
Era sem sol o céu, era sem luz o dia.  
Três cruzes sobre o monte, e a pálida Maria  
Chorava amargamente, com a voz desfalecida.

Com ela outra mulher, Madalena arrependida,  
Abraçadas à Cruz, onde o Filho sofria,  
Tendo por bálsamo o fel na hora da agonia,  
Sem um grito exalar quando exalava a vida!

Esse Homem sem pecado, um todo de bondade  
Que vivia do céu e que espalhava a luz,  
Que amava os inocentes e que fez a caridade,

Resignado morria nos braços d'uma cruz,  
Somente para remir a ingrata humanidade!  
— O brando Nazareno, o pálido Jesus!

11-abril - 84 – Joinville  
(da *Enciclopédia de Santa Catarina* - vol.39)

## DELMINDA SILVEIRA DE SOUZA

Nascida no Desterro, a 16 de outubro de 1854, teve uma formação bastante aprimorada, estudando Francês, Latim e noções de Literatura, com o Professor, escritor e poeta Wenceslau Bueno de Gouvea, católico sincero que, junto com a instrução, instilou no espírito de Delminda o sentimento religioso. Permaneceu solteira e dedicou toda sua vida ao magistério, numa posição voluntariamente humilde e quase obscura, de acordo com seu espírito profundamente religioso de católica.

Cultivando a poesia desde jovem, marcou presença constante, através de suas composições líricas, nos jornais e revistas da época. Publicou três livros de poesias: *Lizes e Martírios* (poemas líricos, 1908), *Cancioneiro* (poemas cívicos, adotado como livro oficial nas escolas, 1914) e *Passos Dolorosos* (composições religiosas em torno da Paixão de Cristo, 1932). Altino Flores faz referência a um outro livro de poemas — *Indeléveis* — que teria sido entregue, após a morte de Delminda, a José Boiteux, mas que parece ter-se perdido.

Delminda ocupou, como fundadora, a cadeira n.º 10 da Academia Catarinense de Letras. Usava muitas vezes o pseudônimo literário de Brasília Silva. Faleceu a 10 de março de 1932, sendo sepultada no Cemitério da Irmandade dos Passos.

Muito intimista, sentimental, às vezes melancólica, e de grande sensibilidade, cantou a natureza da sua terra natal, os apelos da alma religiosa e os anseios de amor e compreensão. Embora superando-o historicamente, permaneceu fiel aos ideais do Romantismo.

## MEU RETRATO

Meu retrato é a violeta  
no ermo vale pendida  
como a virge'entristecida  
a duro martírio afeita.

Quando a vires no vergel  
das outras flores em meio,  
colhe-a, guarda-a no teu seio,  
que é meu retrato fiel.

Meu retrato é a rola meiga  
gemendo na selva umbrosa;  
é a brisa suspirosa  
passando triste na veiga.

Quando ouvires seus gemidos  
nas brenhas da solidão,  
escuta os ais doloridos  
do meu triste coração.

Meu retrato é a saudade  
de puro rocio banhada,  
meiga flor desabrochada  
à luz serena da tarde.

Quando a vires, meiga e pura  
curvada a face mimosa,  
lembra alguém que suspirosa,  
curva a fronte de amargura.

Meu retrato é a lua triste  
vagando no azul sem fim;  
singelo, branco jasmim  
que ao vendaval não resiste.

Contempla a lua serena  
afaga o branco jasmim  
pois que pálidas assim  
são a imagem de quem pena.

E no teu peito, mais vivo,  
se me amas com ardor,  
tu verás, ó meu amor,  
o meu retrato cativo!

*(Lizes e Martírios)*

## O MEU SONHO

*“Et cette âme, soeur de mon âme,  
Hélas! que j’attendais pour aimer et souffrir. . .”*  
(Camile Deschamps)

Ah! tudo o que eu sonhei na doce primavera  
do meu viver feliz, foi tudo uma ilusão!  
julgava ser amada . . . Oh! dúlcida quimera!  
pensava amar também . . . e não amava . . . Oh! não!

Julgara amar porque, no meu sonho tão doce,  
pensava ter achado a vida do meu ser;  
— uma alma irmã da minha — um anjo que me fosse  
amparo e guia meu na senda do viver!

Ah! pobre coração! . . . ai Tântalo sedento  
ouvindo o murmurar de arroio fugidío!  
Embalde o desejaste . . . embalde! o teu tormento  
só tenhas num deserto extenso, árido e frio! . . .

Que resta ao viajor perdido, fatigado,  
na triste solidão, sem norte, sem ventura,  
sem ter sequer um dia, uma hora descansado  
em oásis gazil de flores e verdura?

.....

Ai! tudo o que eu sonhei na doce primavera  
do meu viver feliz — foi tudo uma ilusão!  
Amor — suave engano! Oh! dúlcida quimera!  
Julguei-te a flor do Céu, tu foste a ingratição!

*(Lizes e Martírios)*

## NO HORTO

Do virente olival à sombra escura  
Jesus prostrou-se, e para o Céu formoso  
Erguendo o meigo olhar, triste, ansioso.  
Com doce voz a suspirar murmura:

“Fica minh’alma imersa na tristura  
Até que a Morte traga-me repouso;  
Meu Pai! Meu Pai! — Oh! Deus tão poderoso,  
De mim passa este cálix de amargura!”

Mas . . . Não! — que toda mágoa sofreria  
Teu filho por cumprir tua vontade  
Na terra, qual nos Céus a cumpriria!

E no ardor da divina Caridade  
Sorve o fel que enche a taça de agonia,  
Mártir do Amor à ingrata Humanidade!

*(Passos Dolorosos)*

## LUIZ DELFINO DOS SANTOS

Luiz Delfino dos Santos nasceu no Desterro, na Rua Augusta (hoje João Pinto), a 25 de agosto de 1834 (ver o soneto "Ubi Natus Sum"). Fez seus primeiros estudos com os jesuítas, iniciando a seguir o curso de Humanidades, que veio a completar no Rio de Janeiro, para onde seguiu aos quinze anos. Formou-se em Medicina, em 1858, carreira que absorveu sua vida toda, embora com rápida passagem pela política, em 1891, quando foi eleito senador por Santa Catarina para a Constituinte. Faleceu no Rio de Janeiro, a 31 de janeiro de 1910.

Dotado de grande inteligência, revelou-se médico eficiente, o que lhe trouxe imediata fama. Não obstante sua alta projeção, seu espírito culto, superior e aristocrático, seu alto padrão de vida social, que lhe permitiu desenvolver elegante e requintado estilo de vida, seu temperamento sempre foi do tipo mais retraído, avesso ao fervilhante convívio social, evitando mesmo as rodas literárias.

Desde cedo revelou gosto pela poesia e durante a vida toda não parou de versejar, revelando-se extremamente prolífero e capaz de compor um soneto a qualquer momento. Embora não procurasse prender-se a Escolas Literárias, mas escrevesse por uma necessidade íntima, exprimindo na poesia uma atitude perante a vida, sua produção enquadra-se em dois Estilos de Época: o Romantismo e o Parnasianismo.

A fase inicial apresenta ligação sensível com o Romantismo (ver "A Flor do Vale", "As Três Irmãs" ou a futilidade de "A Sombra de Sua Mão"), sendo inclusive apontado como o iniciador do condoreirismo com o poema "A Filha d'África" (1862) e decidido abolicionista (ver "A Preta da Cabana"). Há muitos poemas seus voltados para a celebração patriótica. Nos seus poemas longos, alguns de centenas de versos, revela grande tendência ao descritivo-narrativo, com presença constante da história e da mitologia (ver "Tântalo"). Tais poemas longos, geralmente de caráter social, patriótico ou de alusões mitológicas, estão reunidos sobretudo nos livros: *Poemas*, *A Angústia do Infinito* e *Esboço da Epopéia Americana*. Já os volumes — *Poesias Líricas* e *Atlante Esmagado* — também ainda de poemas mais longos, focalizam temática mais lírica.

E o lirismo engloba toda a sua produção sonetística, técnica que dominou com perfeição, dentro das exigências parnasianas. Quatro livros reúnem essa parte de sua produção: *Íntimas e Aspásias*, *Algas e Musgos*, *Rosas Negras* e *Imortalidades (O Livro de Helena)*.

(Esclareça-se, no entanto, que Luiz Delfino, em vida, só publicou poemas esparsamente em jornais, tendo seu filho, Tomaz Delfino dos Santos, reunido e publicado a obra do pai, durante a década de 1930, portanto postumamente).

Sua poesia lírica desdobra-se sobretudo em duas linhas temáticas: o lirismo amoroso e o lirismo de preocupação metafísica. O tema mais constante de sua lírica é o amor, normalmente envolvido em impregnante erotismo e sensualidade, mas resultando quase sempre em amarga sensação de desalento e desengano, devido à insatisfeita irrealização e ao distanciamento platônico. O tratamento do tema amoroso está sempre envolvido por uma ambiência cósmica ou telúrica que intensifica a sensualidade exacerbada quase ao ponto de orgia (ver os últimos sonetos).

A outra vertente lírica é constituída pela preocupação de ordem metafísica, revelando-se através de constantes dúvidas e incertezas. Perpassa toda a sua obra uma profunda descrença, um ceticismo perante a religião e a metafísica, manifestando-se muitas vezes suas dúvidas, vacilações e inquietações. O longo poema "Inania Verba" é um bom exemplo. Se às vezes se refere positivamente a Deus, outras, sua existência o tortura, chegando a duvidar e descreer mesmo com certa revolta, contradizendo-se num certo desespero (ver "Deus"). No entanto, um poema de fundo religioso — "Jesus ao Colo de Madalena" — tornou-se extremamente popular em seu tempo, rivalizando mesmo com "As Pombas" de Raimundo Correa e "Ouvindo Estrelas", de Olavo Bilac.

Deve-se ainda ressaltar que Luiz Delfino escreveu muitos versos puramente de circunstância, descritivos, a partir de situações completamente banais, como é o caso de "A Sombra de Sua Mão".

Nereu Correa, em *O Canto do Cisne Negro e Outros Estudos*, desenvolveu um aprofundado estudo sobre a constante presença dos sentidos e da imaginação na poética delfiniana, enquadrando-o na linha sensualista do Parnasianismo.

### UBI NATUS SUM

Na rua Augusta, em Santa Catarina,  
A cama em cima duns pranchões de pinho,  
Aí nasci, foi aí o humilde ninho  
De uma criatura mórbida e franzina.

Nos fundos de uma loja pequenina,  
O lençol branco a arder na luz do linho,  
Da minha mãe, da minha mãe divina  
Tive o primeiro tépido carinho.

Meu pai foi sempre a honra em forma humana,  
Tinha a virtude máscula e romana  
Não era austero só, era feroz.

Trabalhava incessante, noite e dia,  
Como um leão seu antro defendia,  
E era uma pomba para todos nós . . .

—  
(*Rosas Negras*)

### A FLOR DO VALE

Adeus, ó linda flor, em que tão pálida:  
Eu vou partir: mas tu fica-te embora:  
Caía o orvalho do céu, como os meus prantos,  
Sobre o teu seio que languesce agora.

Pouse em teu cálix, transmudado em riso,  
Cada raio que a aurora desentrança;  
Cada avezinha, que do céu te venha,  
Do céu traga-te um canto de esperança.

Cada sol te renove um doce encanto;  
Mas que não venha o vento lisonjeiro  
Na asa, que arrasta noites delirantes,  
Dormir contigo ao mesmo travesseiro.

Quero-te tanto assim, pálida virgem,  
Nesse vago cismar, no olhar tão triste,  
Que parece que a morte inda agorinha,  
A dois passos de ti brincando viste.

Amo-te tanto assim . . . Oh! . . . muito! . . . És bela,  
Como o tímido olhar de uma criança:  
Tu vacilas fantástica em meus sonhos,  
Como a mórbida luz de uma esperança.

Ó nunca, meu amor, à borboleta,  
Abrindo as asas matizadas d'ouro,  
Abras o seio de cetim tão branco,  
Teu bem melhor, meu único tesouro.

Eu quero à tarde, no cair das sombras,  
A fronte reclinar em teus joelhos;  
E como fala nos sons d'harpa um anjo,  
Um anjo ouvir nos teus conselhos.

Ó meu amor, só tens as asas brancas,  
Só tens o facho, etérea formosura:

É quanto quero: as asas p'ra minha alma,  
E o facho para minha noite escura.

Oxalá que na treva em que me escondo  
Esta linda miragem me não minta;  
E que inda possa te cerrar nos braços,  
Tão pura como o canto meu te pinta.

Cedo volto, alva flor, e se no vale  
Inda encontrar-te perfumosa e linda,  
Quero sob o teu hálito odoroso  
Moles noites de amor dormir ainda;

E saber que é por ti que aspiro e vivo,  
E no fogo em que esta alma se evapora,  
Dormir contigo como um monte acorda  
No seio em brasa de uma linda aurora.

Vênus boiando nas espumas d'oiro,  
Que oceanos de luz nos montes deixa,  
Vacila, como lágrima na pálpebra,  
Após o desabafo de uma queixa.

Olha: ei-la que vem trêmula e envolta  
De raios d'oiro lânguidos, serenos:  
É a estrela do amor. — Olhando-a à tarde,  
Não te esqueças de mim . . . nessa hora ao menos.

Flor, como uma harpa em vibração tremendo,  
Eu bem cedo, outra vez, serei contigo,  
Na frente a chama, no meu lábio o hino,  
E no meu peito o meu amor antigo . . .

(1857)

(*Poesias Líricas*)

## AS TRÊS IRMÃS

A mais moça das três, a mais ardente e viva,  
Aquele que mais brilha,  
Quando sorrindo, aos seus encantos nos cativa,  
Eu amo, como filha.

A segunda, que tem da pálida açucena,  
Aberta de manhã,  
A cor, o cheiro, a forma, a languidez serena,  
Eu amo, como irmã.

A outra é a mulher, que me enleia e fascina,  
É a mulher que eu chamo,  
Entre todas gentil, é a mulher divina,  
É a mulher que eu amo.

## II

A mais moça das três é linda borboleta;  
Entra, abre as asas, sai,  
Não compreende bem, nem nega, nem rejeita  
O meu amor de pai.

A segunda é uma flor de forma melindrosa,  
De rara perfeição;  
Não sei se ela desdenha, ou compreende e goza  
O meu amor de irmão.

A terceira é a mulher, anjo, monstro, hidra, esfinge,  
Encanto, sedução:  
Amo-a: não a conheço: é verdadeira, ou finge?  
Não a conheço, não.

III

Se a primeira casasse! que alegria a minha!  
Eu lhe diria: vai.  
Veria nela um anjo, um astro, uma rainha,  
O meu amor de pai.

Se a segunda casasse, eu mesmo iria à igreja,  
Levá-la pela mão;  
Dir-lhe-ia: o céu azul virar-te aos pés deseja  
O meu amor de irmão.

Se a terceira casasse, oh! minha felicidade!  
A mais velha das três!  
No horror da escuridão, fora uma Eternidade  
A minha viuvez!

IV

Se a primeira morresse, oh! como eu choraria,  
A minha desventura!  
Com lágrimas de dor lavaria noite e dia  
A sua sepultura.

Se a segunda morresse, oh! transe amargurado!  
Eu choraria tanto,  
Que ela iria nadando, em seu caixão doirado,  
Nas águas do meu pranto.

Se a terceira morresse, em seu caixão deitada,  
Sem que eu chorasse, iria;  
Porque noutro caixão, oh! minha morta amada,  
Alguém te seguiria . . .

(1899)

(*Poemas*)

### A SOMBRA DE SUA MÃO

Saí de sua alcova a passo lento e morno,  
Onde a deixei velando  
A irmãzinha doente: olhei depois em torno,  
O dia ia baixando:

O corredor escuro em meia sombra estava,  
No fim descia a escada:  
Na minha mão direita a mão dela eu levava  
Ligeira e delicada;

A sombra da mão dela, a sombra fugitiva,  
Porque eu sentia ainda  
Roçar-me a sua mão quente, trêmula, viva,  
A sua mão tão linda,

A sua mão tão branca, a sua mão macia,  
Suave e cetinosa,  
Com unhas cor da aurora e luz do meio-dia  
Nas hastes cor-de-rosa.

Quando só me senti, levei à boca ardente  
A minha mão gelada,  
E aí de sua mão beijei profundamente  
A sombra perfumada . . .

*(Atlante Esmagado)*

## TÂNTALO

Tenho a sede do monstro. — A entranha me devora  
A ânsia de saciar a sede, que me mata:  
Quero beber-te o ouro, esplendorosa aurora,  
Beber-te o rubro sangue em ânforas de prata.

Tântalo! . . . Ouves a voz que te chama? Não mente,  
Tântalo, a maldição que há dentro desse grito? !. . .  
Tens sede? muita sede? Aí tens a água corrente . . .  
É a mulher, religião, ideal, fé, culto, mito,

Esperança, consolo, enlevo, angústia, sonho! . . .  
Abraça-a sempre, e muito, ao peito teu a aperta:  
Tens, Tântalo maldito, a tua sede certa.

Tântalo! . . . um monstro! um fero, um gigantesco assombro,  
Capaz de dar assalto à muralha celeste,  
Capaz de ter o céu em cima de um só ombro! . . .  
Mas . . . que sede a queimar-lhe a entranha, Amor, lhe deste!

A fonte pura salta, e fios d'água jorra,  
Que lhe procuram dar calma, alívio, frescura:  
Porém a sede, a sede imensa o torra,  
E assenta-lhe na frente o espasmo da loucura.

Rubra a língua lhe sai da boca e alonga tesa,  
Como a cauda de algum cometa inopinado:  
A fauce escancarada é como forja acesa;  
Parece ter lá dentro o inferno encarcerado.

Os olhos, como dois vulcões do abismo soltos,  
Das órbitas estão sinistros irrompendo;  
E os cabelos ao ar, em nuvens, e revoltos  
Tornam Tântalo um monstro enorme, feio, horrendo.

Leva a mão a um penhasco, e o penhasco vacila,  
Rola, cai, faz-se em ouro; a relva de esmeralda  
Ardendo vai tocá-la a sua mão que escalda:  
— E a relva, que verdeja, é oiro que cintila,

É oiro que lhe ri em áscuas iriantes,  
É oiro que lhe sopra à cara gargalhadas:  
É oiro que se enrola por sombras gigantescas,  
E lhe enche as duas mãos, de tê-lo fatigadas.

Que sede intensa! À boca a água chega mudada  
Em oiro derretida, em oiro que o sufoca . . .  
Nem já para gemer a voz foi deixada:  
É oiro, é oiro, é oiro, é oiro quanto toca.

Eu sou, mulher formosa, o Tântalo horroroso,  
Que tem sede e que quer, ó fonte d'água pura,  
Beber em ti somente os ressábios de um gozo,  
Beber em ti somente uns restos de ventura,

Toco . . . e sinto-te bela, e dura, e luminosa  
A cintilar, como um pedaço d'oiro ardente,  
E fica a sede imensa, a sede angustiosa,  
Sede, que me devora, e queima eternamente.

É oiro quanto toco, é oiro quanto afasto . . .  
Muda Tântalo em oiro a lágrima que chora:  
Condenado por ti, este martírio arrasto,  
Sob o fogo, que queima, e sai de ti, Aurora.

Eu sou o agrilhado à esplêndida montanha:  
Eu sou o sequioso a ver a água que corre;  
E nesta sede intensa, e nesta dor tamanha,  
Ai! Tântalo inda vive! . . . Ai! Tântalo não morre! . . .

*(Esboço da Epopéia Americana)*

## A PRETA DA CABANA

Esta preta que vês junto à cabana,  
Velha, gasta, pedindo-te uma esmola,  
Teve na terra benfazeja a escola  
Do trabalho, do amor, da luta humana.

Deixou a pátria tórrida africana  
Pelo Brasil, onde é soberba a flora;  
E, no país, em que ela é livre agora,  
Viveu escrava e a um tempo soberana.

Misturou o seu sangue ao nosso sangue,  
O seu suor, no campo, ao suor da aurora,  
Deu força e alento ao nosso corpo langue.

Helena, inda hoje embala-nos nas sextas,  
Como ria no lar conosco outrora,  
E eram suas também as nossas festas . . .

*(Imortalidades)*

## JESUS AO COLO DE MADALENA

A Guilherme Bellegarde

Jesus expira, o humilde e grande obreiro! . . .  
Sobem já, pela cruz acima, escadas;  
E nos cravos varados do madeiro  
Batem os malhos, cruzam-se as pancadas.

Ouve-se o choro em torno. — As mãos primeiro,  
Inertes, caem no ar dependuradas;  
A fronte oscila; arqueia o tronco inteiro  
Nos braços das mulheres desgrenhadas.

Soltam-se os pés. — Aumenta o pranto e a queixa.  
Só Madalena ao oiro da madeixa  
Limpa-lhe a face, que de manso inclina.

E no meio da lágrima mais linda,  
Com o dedo erguendo a pálpebra divina,  
Busca ver se Ele a vê . . . beijando-o ainda! . . .

*(Rosas Negras)*

## DEUS

*"Of Heaven, and from eternal splendour flung  
For his revolt . . ."*

Milton – *Paradise Lost*

Deus existe? — ou é Deus somente um nome vão? . . .  
E bato às portas d'ouro e de opala da aurora,  
Donde o sol — velho leão — noite e estrelas devora:  
E às estrelas da noite em louco turbilhão . . .

Ao mar, ao vento, ao raio, ao tempo, ao abismo em fora,  
Ao argueiro, e à montanha, às lavas, e ao vulcão,  
Ao passado, ao porvir, ao berço, à cova. . . Embora! . . .  
Cala-se a natureza ou me responde: — Não.

Subo à minha alma então: chamo-a, interrogo-a. . . Nada  
E ela fica a oscilar, no abismo pendurada,  
Vendo o espaço afundar-se em outro espaço sem fim. . .

Só entre o torvelim do caos em labirinto,  
Como com seu bordão na areia um cego — o instinto  
Sobre a poeira dos sóis grava um trêmulo — Sim.

*(Rosas Negras)*

## À HELENA

Com sombras deste lado e luz do lado oposto,  
Este livro reflete a tua alma e o teu rosto;  
Vem de ti este livro, e é para ti somente,  
Bem que não sei quem és; que às vezes me pareces  
O anjo doce do amor, o casto anjo das preces;  
Que outras vezes erguendo a cabeça imponente,  
O olhar fulvo brandindo, e a voz austera e rouca . . .  
Do arcanjo que caiu tens o orgulho insensato;  
Que me pareces boa e me pareces louca;  
Estrela, que se mira em límpido regato;  
Vulcão, que tem rugido e chamas de cratera;  
Céu, onde habita o raio e o sol da primavera;  
Abismo, onde a alma cai em sombra, que a devora;  
Que tens luz, que eu não sei se é do inferno, ou da aurora.  
Se vem dos anjos bons ou dos anjos danados;  
Ser superior, que esmaga Anteus desesperados,  
Monstro, esfinge, colosso informe enfim que odeio  
E que amo, e cujo casto e monstruoso seio  
Tanto me faz querer, como fugir, e cujo  
Atrativo é maior, quanto mais dele fujo;  
Clarão, do qual em torno ando queimando as asas,  
Sentindo bem que morro à luz com que me abrasas:  
Foi por ti que escrevi este livro, indeciso,  
Um pé fora e outro pé dentro do paraíso.

(Prólogo de *Imortalidades*)

## O CÉU É UM CRIME

Quando me lembro triste e descontente,  
Que essas linhas de tua forma pura,  
Que esses irradiamentos de brancura,  
Que a tua carne cetinosa e quente,  
Que isso morre, isso acaba, e tudo mente;  
Que não serás um dia a formosura,  
Que eu via com prazer e com ternura,  
Como serpe a enrolar-me um fogo ardente,  
Num frêmito de um gozo indefinido;  
O coração em dois por ti partido,  
Às carícias de tua voz sublime;  
A mão que toca e como um lírio afaga. . .  
E que isto tudo se esvaece e apaga . . .  
O céu depois só me parece um crime. . .

*(Imortalidades)*

## LEITO DE NOIVOS

Ah! quem te vira pálida e sem vida,  
Na cama cor-de-rosa amortalhada,  
E, como sendo a mesma luz tecida,  
A tua trança esplêndida espalhada.  
Assim te quero, Helena, desmaiada  
Antes do tempo, flor gentil colhida,  
Ó minha noiva, ó minha eterna amada,  
Alma para minh'alma só nascida.  
Teu corpo frio osculo com respeito,  
Tens o vestido branco de noivado,  
A boca, um lírio, onde os meus beijos deito.  
És minha toda enfim: fico ao teu lado:  
Contigo dormirei no mesmo leito . . .  
Que sono bom, profundo, e prolongado! . . .

*(Imortalidades)*

## CADÁVER DE VIRGEM

Estava no caixão como num leito,  
Palidamente fria e adormecida;  
As mãos cruzadas sobre o casto peito,  
E em cada olhar sem luz um sol sem vida.

Pés atados com fita em nó perfeito,  
De roupas alvas de cetim vestida,  
O torso duro, rígido, direito,  
A face calma, lânguida, abatida. . .

O diadema das virgens sobre a testa,  
Níveo lírio entre as mãos, toda enfeitada,  
Mas como noiva que cansou da festa . . .

Por seis cavalos brancos arrancada,  
Onde vais tu dormir a longa sesta  
Na mole cama em que te vi deitada?

*(Algas e Musgos)*

## QUEIXA

Mulher, confias muito em tua eternidade:  
Pensas que há-de prender nas mãos a primavera,  
Que as rosas da manhã durarão, que não há-de  
Ter para ti o tempo o rugido da fera,

Que entre as garras mutila a carne sem piedade,  
E os lírios brancos do rosto gentil lacera;  
Entre um beijo e um sorriso aí ruge a mortandade  
Dos sonhos d'ouro, que cria em nós a quimera! . . .

Hão-de fugir de ti, como ao inverno que chega,  
Em longas cordas vão fugindo as andorinhas:  
Cobrirão lençóis d'água o cadáver da veiga. . .

E então te lembrarás das lindas canções minhas,  
Cheias daquele meigo olhar da noite meiga,  
E para as quais o teu olhar de sol não tinhas.

*(Rosas Negras)*

### NUDA PUELLA

Soltas de leve as roupas, uma e uma  
Caem-lhe: assim a camélia se desfolha;  
E quando n'água o belo corpo molha,  
A água soluça, e o enleia, e geme, e espuma.

Logo que ela no banho, que perfuma,  
Como ao luar um cacto, desabrolha,  
Envolve-a o céu radiante, e a luz em suma  
Põe-lhe o véu d'ouro em cima, e a afaga, e a olha.

Ao sair, molemente em ondas frouxas  
À nuca, à espádua, às nádegas, às coxas  
Vão rolando os cabelos abundantes:

Cobrem-lhe um pouco o rosto, o seio, o flanco. . .  
E ei-la, bem como à sombra um lírio branco,  
No orgulho astral das deusas deslumbrantes! . . .

*(Algas e Musgos)*

## CARLOS DE FARIA

É natural de Enseada do Brito, onde nasceu a 12 de março de 1865, neto do ilustre Pe. Vicente Ferreira dos Santos Cordeiro, figura de destaque nos tempos dos Farrapos, Vice-Presidente da República Juliana de Laguna, em 1839. Grande apreciador de Castro Alves, Carlos foi companheiro e amigo de Juvêncio de Araújo Figueredo, que a ele se refere com simpatia e admiração. Espírito boêmio e anticonvencional, foi um grande idealista na luta pela imprensa. Em Laguna exerceu os cargos de enfermeiro e farmacêutico. Em seguida, na Capital, também esteve empregado em farmácia. Em 1889 passou a residir em Jaguaruna, exercendo a profissão de guarda-livro, abrindo ali também uma farmácia. Faleceu no Desterro, a 3 de dezembro de 1890.

Carlos de Faria nunca publicou livro em vida, mas deixou grande produção poética esparsa em jornais de Laguna e do Desterro. Organizara dois livros de poemas — *Meteoros* e *Alvoradas* — mas não chegou a vê-los publicados. Sua poesia é sensivelmente lírica, sobretudo amorosa, mas conferindo também à natureza posição de destaque. Situa-se entre o Romantismo e o Parnasianismo. É patrono da cadeira n.º 3 da Academia Catarinense de Letras.

Arnaldo S. Thiago a ele se refere como “um poeta bucólico, atraído vivamente pelos encantos da natureza” e como “verdadeiro cantor impressionista que conseguiu transmitir à posteridade os suaves enlevos da sua alma bem formada”.

No jornal *República*, de 6 de outubro de 1926, José Boiteux presta uma homenagem a grandes poetas catarinenses do passado, pronunciando-se sobre esse autor: “Carlos de Faria, a quem a sorte sempre foi adversa, deixando-o morrer num hospital, após uma vida sempre alanceada de dificuldades e sofrimentos, também não nos deixou um só livro (...). Esparsas pelos jornais literários... encontram-se numerosas poesias do torturado vate ‘que errou no mundo, mas errou sonhando’...”.

## A INFÂNCIA

A infância é um manso lago de miragens,  
Onde do tempo o sol brilha. . . fugindo:  
– Doirada tela de ideais imagens,  
Que a vida, no passar, rasga. . . sorrindo! . . .  
– Amadora de luz, de amor e de carinhos,  
Em que a gente desperta entre risadas. . .  
Co' o pensamento nos ocultos ninhos,  
Dormentes pelas matas orvalhadas! . . .  
Fase rica de alvor e de inocência  
Nesta tão triste e rápida existência! . . .

16-Out. 1881.

*Anuário Catarinense*, 1948, p.69.

## ENCONTRO

O sol doirava as fímbrias do Poente.  
Morria a tarde. Ao longe, nas florestas,  
Bem como templos colossais, em festas,  
A passada arrebatava a gente.  
  
Frios os ares, e a minh'alma ardente  
Do sol fitando as rútilas arestas  
Pensava em ti, apaixonadamente,  
Já que és da raça boa das modestas.  
  
Já que és daquelas castas raparigas  
Que andam através dos campos, às cantigas,  
Virgens, à tarde, quando morre o dia. . .  
  
Nisto apareces, flor, entre os palmares,  
Como um astro de amor, e nos teus olhares,  
Pensei que a tarde nunca mais morria!

*República*, Florianópolis, 6/10/1926

**PARTIDA**

Partiste! . . . e eu vejo deserto  
o ninho azul do teu lar! . . .

.....

Maria! deves por certo  
chorar um pouco. . . chorar  
ao veres o peito aberto  
e a minh'alma ainda a te olhar! . . .

Para quem ama, a partida  
é um contraste da Sorte:  
é a vida dentro da Morte,  
é a morte dentro da Vida! . . .

*Crepúsculo, Desterro, 22/07/1889.*

## ANTERO DOS REIS DUTRA

É natural da freguesia de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, Ilha de Santa Catarina, onde nasceu provavelmente em 1835, tendo sido batizado a 14/09/1837 e registrado como “filho natural de Clarinda Maria”, sem sobrenome, o que indica ser de gente humilde. O pai, que não quis ser conhecido, era Marcelino Antônio Dutra, então ainda solteiro e professor no Ribeirão. Aos quinze anos, Antero foi ao Rio de Janeiro (provavelmente por sugestão e com auxílio financeiro de Marcelino), onde abraçou a carreira comercial, estudando sozinho à noite. Casou com Januária Maria da Conceição (a “Jovina” dos seus versos)

Há muito tempo vinha escrevendo versos, aliás bem recebidos. Mas já contando mais de sessenta anos, selecionou suas melhores produções e publicou, por conta própria, em 1898, o livro *Miscelânea*.

Após enviuvar, o que o marcou com pungente golpe, já velho, pobre e fraco, regressou à sua terra natal, já então Florianópolis, sendo amparado por Martinho Callado. A 23 de julho de 1910 conseguiu abrigo no “Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim”, mas no ano seguinte adoeceu gravemente e, levado ao Hospital de Caridade, faleceu a 10 de abril de 1911. Teria deixado com Laércio Caldeira de Andrade outra coletânea de poemas inéditos — *Horas Vagas* — de que nada mais se soube.

Sua produção conhecida é a de *Miscelânea*. Difícil é situá-lo numa Escola definida, pois não é romântico, evitando sempre o exagero do sentimentalismo, notando-se mesmo uma saliente contenção emocional e, por outro lado, também não cultiva o formalismo parnasiano. Sua poesia não contém nada de sublime ou elevado, mas antes prenuncia a temática do cotidiano, própria do Modernismo: as intrigazinhas do amor, a política, as amizades, o viver social. Sabe envolver seu poema de ceticismo, de fina ironia ou mesmo de cinismo, ao lado, muitas vezes, de leve humor e jocosidade. Na segunda parte do livro, a poesia assume maior seriedade temática, com tendências filosóficas, mas sempre de contida sentimentalidade. A terceira parte do volume é ocupada pela peça teatral “Brinquedos de Cupido” — esta, sim, bastante romântica nos seus jogos de equívocos.

Antero dos Reis Dutra é patrono da cadeira n.º 2 da Academia Catarinense de Letras.

Altino Flores apresentou, em 1970, um estudo biográfico sobre o poeta no livreto *Do Sonho à Miséria e à Morte*.

## A ONDA E O HOMEM

Como a onda nos mares sem bonança,  
A esmo por tormentas impelida,  
O homem no vaivem da humana lida  
Caminha ao porto incerto da esperança.

De fragor em fragor a onda avança,  
Quebra-se no parcel interrompida;  
De luta em luta o homem nesta vida,  
Na atroz desilusão retrai-se e cansa.

E no tempo em que tudo desfalece,  
Em que a própria força alfim desmaia,  
Como frágil florinha em leito agreste,

O movimento então desaparece:  
— O da onda no ermo de uma praia,  
O do homem na sombra de um cipreste.

## AURORA

Existência serena, rude e boa,  
a da infância; feliz, despretensiosa.  
— Borboleta adejando descuidosa —  
— Flor à tona das águas na lagoa. —

Lá um dia, em nossa alma eis que ressoa  
Estranho som de orquestra misteriosa,  
Cuja música leda, voluptuosa,  
O pensamento de visões povoa.

Nascem desejos de outra fantasia.  
Mudam de essência os sonhos que sonhamos,  
Temos nova esperança que nos guia.

E no que é vida e mundo então pensamos:  
Mas nessa hora a sofrer se principia  
Porque nessa hora a amar principiamos.

ELA

Livre eu era quais livres andorinhas  
Chilreando nos ares seus amores.  
Como as brisas perpassam pelas flores  
Beijando-lhes as pét'las e as folhinhas.

Que sonhos! que cismar! que idéias minhas  
No tempo todo auroras e fulgores!  
Sem tardes da saudade nos rigores  
Sem noites de vigílias mesquinhas.

Mas, meu Deus, que fiz eu nos meus brincares  
Que merecesse em Teu alto Juízo  
A minha liberdade cativares? !

Dum anjo que desceu do Paraíso,  
— Prenderam-me os eflúvios duns olhares  
— Algemou-me o encanto dum sorriso!

GATUNA!

(Em um álbum de noivos)

Vós sois gatuna, senhora.  
Furtastes-me o coração  
De um amigo meu doutroira;  
Hoje, vosso esposo então.  
— Porque, mulher que se casa  
Furta, por fatalidade,  
E guarda na sua casa  
Maior parte da amizade  
Que algum amigo perdeu. —  
É bem certo este conceito,  
Pois que sinto-me lesado  
Numa jóia do meu peito.  
Desculpai se vos enfado;  
Sois *gatuna*, afirmo eu.

Todos extraídos de *Miscelânea*

## ARNALDO CLARO DE SÃO THIAGO

Nasceu em São Francisco do Sul, a 1.º de julho de 1886. Freqüentou a escola primária de seus pais, ambos professores. Com a idade de 8 anos iniciou sua ininterrupta adestrção na arte poética. Em 1903 matriculou-se e em 1905 diplomou-se pela antiga Escola Normal Catarinense. Passou a exercer o magistério em sua terra natal. Em 1908 contraiu matrimônio com Maria Eugênia Oliveira de São Thiago, com quem teve doze filhos. Também em 1908 ingressou no funcionalismo público da Fazenda, vivendo sempre em São Francisco, onde se aposentou em 1934, como Fiscal do Imposto de Consumo. Durante toda essa fase militou ininterruptamente na imprensa local e de outras cidades, tendo inclusive fundado dois jornais: *A Folha do Comércio* e *O Município*.

Depois de se aposentar, transferiu residência para o Rio de Janeiro, dedicando-se totalmente às atividades jornalísticas e à literatura construtiva. A par dos inúmeros livros e opúsculos que publicou, marcou presença constante em jornais do Rio de Janeiro e S. Catarina.

Faleceu em abril de 1979.

Devido à sua constante atuação cultural e literária, integrou as instituições: Academia Catarinense de Letras, Federação das Academias de Letras do Brasil, Academia de Letras "José de Alencar" de Curitiba, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Sociedade Brasileira de Filosofia, Sociedade Brasileira de Geografia, Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro, além das Academia Tiberina de Roma, Academia de Ciências de Roma e Academia Degli Immortali d'Itália — Sull'Italo Bósforo, de Messina, que o indicaram ao Prêmio Nobel de Literatura.

Publicou as seguintes obras poéticas: *Prelúdios* (1914), *Fagulhas* (1927), *Ruínas* (1936), *Escrínio d'Alma* (1944), *Pórtico* (1955), *Últimos Cantos* (1970), *Lírica Espírita* (1975), além de ter inéditos: *Cântico ao Espírito Imortal*, *Evangélicas*, *Crepusculares*.

Entre seus estudos, destacam-se: *História da Literatura Catarinense* (1957), a que nos referimos constantemente neste livro; *Dante Alighieri — O Último Iniciado*, *Paisagens Meridionais*, *Comentários à História das Religiões*, *O Conflito dos Séculos*, etc.

Poeta profícuo, em seus poemas iniciais predominava o lirismo amoroso, depois tomaram cada vez maiores proporções a busca de um sentido para a vida, as preocupações metafísicas, o espírito de religiosidade que se enfastia com a matéria passageira e aspira à transcendência. Autêntico e convicto paladino da doutrina espírita, colocou sua arte poética a serviço de uma causa: a conscientização e elevação do espírito humano. A poesia, para ele, é missão altamente dignificante. Foi sobretudo um parnasiano que dominou com perfeição a técnica versificatória, principalmente o soneto. Ocupou a cadeira 19 da A.C.L.

Em *A Gazeta* de Florianópolis, nos dias 2/07/78, 6/07/78 e 16/07/78 analisamos sua obra, numa série de artigos.

### ALGEMADO

Como a águia que vai, num vôo enorme,  
A subir, a subir, buscando um pouso  
Onde possa gozar doce repouso,  
Onde lhe deixem que seu ninho forme,

Eu também (sem que os sonhos me transforme  
A miragem do orgulho caprichoso)  
Quero às vezes subir ao céu formoso,  
Tentar para o infinito o vôo disforme. . .

Mas, Prometeu misérrimo e sem nome,  
O abutre vil da carne me consome,  
Dilacerando, cruel, meu coração.

Tenho algemado o pobre pensamento  
E o olhar, em vez do azul do firmamento,  
Encontra apenas trevas na amplidão.

*(Prelúdios)*

## PÔR-DE-SOL

E vai entardecendo, e mais a sombra desce,  
lentamente, ao cenário azul da natureza.  
Dos morros o contorno avulta negro e cresce,  
no silêncio da noite, a nêmera tristeza!

Tristeza que nos faz, de saudade transidos,  
forte, celeremente, o coração pulsar  
e nos ermos da vida, errantes e perdidos,  
para o alto dos céus erguermos nosso olhar.

Também, no entardecer da vida, as esperanças  
que tinham o verdor de alegres serranias,  
quando éramos ainda umas simples crianças,  
vivendo sempre a rir, em nossas fantasias;

pouco a pouco de negro encobrem-se, trazendo  
aos débeis corações dos trêmulos velhinhos  
o planger merencório. . . e eles passam gemendo,  
chorando de saudade, ao longo dos caminhos!

*(Escrínio d'Alma)*

## PERANTE O INFINITO

Quão triste não seria a vida humana  
se o infinito nos fosse conhecido  
e em vez de tudo ser-nos presumido,  
podermos alcançar com a mão profana. . .

Nossa alma, assim, tão pequenina e insana,  
ao seu porte haveria reduzido  
a imensidão eterna e diluído  
em si o próprio Deus de que promana!

Já pensaste, orgulhoso ser pensante,  
na equação que um problema tão gigante  
teria a resolver na eternidade? !

Teu lugar reconhece no Infinito:  
alegra-te de ser ponto finito,  
colocado por Deus na Imensidade!

*(de Cânticos do Espírito Imortal – parte  
publicada no Anuário de Poetas do Brasil,  
1977, 1.º Vol.)*

SONETO

Volve os teus olhos para os céus! Prossegue  
no caminho que aos céus deve levar-te.  
Do amor desfralda o fúlgido estandarte.  
A trilha do dever constantemente segue!

Não há no mundo quem se veja entregue  
ao domínio do mal. Procura dar-te  
à prática do Bem, sempre a escusar-te  
a qualquer pensamento que o renegue!

Terás, então, homem comum, na vida  
uma força que torne engrandecida  
a existência no mundo em que nasceste.

Despe os farrapos do egoísmo e veste  
da Caridade a clâmide celeste!  
E podes ser feliz, porque venceste!

*(Últimos Cantos)*

## JOÃO DA CRUZ E SOUSA

João da Cruz e Sousa nasceu no Desterro, a 24 de novembro de 1861, filho de negros a serviço do Mal. Guilherme Xavier de Sousa, de quem o menino recebeu as melhores condições e estímulo para desenvolver bons estudos. Inteligente e dedicado, concluiu o curso secundário em 1876, tendo o renomado cientista Fritz Müller sido um dos seus professores. Em seguida tentou o magistério particular, empregando-se depois no comércio. Liga-se a um grupo de jovens literatos: Virgílio Várzea, Santos Lostada, Araújo Figueiredo e Horácio de Carvalho, publicando seus primeiros escritos poéticos por 1879-1880. Em 1881 tornou-se *ponto* de uma companhia teatral. De 1883-1885, novamente como *ponto*, percorreu todo o País. Nessa época foi anunciado seu livro de poemas *Cambiantes*, que não chegou a ser publicado. Em 1885, de volta ao Desterro, assume a redação de *O Moleque*, mas sofre resistência, devido ao preconceito da cor. No mesmo ano estréia, em conjunto com Virgílio Várzea, no livro *Tropose Fantasias*. De 1886 a 1887 é novamente *ponto*, continuando, em seguida, o jornalismo no Desterro. Em 1888 tentou o jornalismo no Rio de Janeiro, mas foram "oito terríveis meses" e retornou.

Já em 1890, Virgílio Várzea, que estava bem colocado no Rio de Janeiro, animou-o em convite, e Cruz e Sousa segue, em dezembro, para o Rio, onde passa a viver do trabalho em jornais. Logo no ano seguinte é abalado pela morte de sua mãe, no Desterro. Torna-se adepto da Escola Nova (Simbolismo), juntamente com: Bernardino Lopes, Emiliano Pernetá, Emílio de Menezes, Nestor Vítor, Gonzaga Duque, Oscar Rosas, etc, estabelecendo-se polêmicas entre *novos* e *velhos*.

O ano de 1893 tornou-se posteriormente marco histórico-literário, devido à publicação dos livros de Cruz e Sousa: *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia), esse último deflagrando o Simbolismo.

Desde 1891 Cruz e Sousa conhecera a bela moça negra Gavita Rosa Gonçalves. Em maio de 1893 já estavam vivendo juntos e em novembro casaram, embora sem recursos, mas estando ela já no sexto mês de gravidez. Em dezembro Cruz e Sousa obtém modesto emprego de arquivista na Estrada de Ferro Central do Brasil, emprego necessário ao sustento, mas martirizante para seu gênio. Em fevereiro de 1894 nasceu o primeiro filho. A pobreza atinge níveis dramáticos que se refletem em seus versos pessimistas. Sua luta pela superação da obscuridade e sua ânsia de glória literária não chegavam a realizar-se, tendo Nestor Vítor caracterizado o poeta como verdadeiro fanático da arte.

Em 1895 Alphonsus de Guimarães o visita. Em outubro daquele ano nasceu o segundo filho e Gavita ainda o amamentava quando, em março de 1896, chegou à demência, durante seis terríveis meses. Sobrevém, ainda, em agosto daquele ano, a morte do pai do poeta. Em 1897 nasceu o terceiro filho e o poeta sente-se tuberculoso. Vê dois filhos morrerem, enquanto ele luta desesperadamente contra a doença e a pobreza. Em inícios de 1898, não podendo mais trabalhar, é transportado para melhor clima, em Sítio (MG), mas não resiste e falece, a 19 de março. Gavita, que estava grávida, deu à luz um quarto filho, João da Cruz e Sousa Jr. O terceiro filho também morre logo em seguida e Gavita, igualmente, em 1901. O filho póstumo do poeta sobreviveu até 1915, quando morreu, mas deixou grávida D.<sup>a</sup> Francelina, nascendo posteriormente Sílvio Cruz e Sousa, neto do desditoso poeta, que conservou sua descendência, residindo em Moça Bonita, Rio de Janeiro. Após a morte, a glória de Cruz e Sousa vem crescendo sempre mais. Todo o drama de sua vida está magistralmente narrado por R. Magalhães Júnior. É o patrono da cadeira n.º 15 da A.C.L.

O Cisne Negro não é só a maior figura literária de Santa Catarina, mas a maior do Simbolismo Brasileiro e das mais altas expressões da poesia universal. Pouco reconhecido em vida, não obstante sua angustiante busca de realização literária, desprezado mesmo e combatido, seu reconhecimento foi lento e gradativo. Mas, sua consagração já se manifestou de forma inconfundível pela ala espiritualista do Modernismo, com Tasso da Silveira, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Andrade Muricy, Murilo Araújo e outros. E continuou inabalável, sempre em linha ascendente.

Cruz e Sousa formou seu espírito dentro do surgimento da "Idéia Nova", ou seja, do pensamento realista e naturalista. Mais tarde, quando residia e militava no Rio de Janeiro, assimilou as novas idéias simbolistas. Sua produção inicial é claramente parnasiana, pelo rigor da métrica e meticulosidade da rima. E seu débito com o Parnasianismo acompanhou-o sempre, sobretudo pelo rigor formalista de seus sonetos e pelo materialismo pessimista de suas idéias.

Mas, na fase simbolista, enriquece sua poética com um misticismo pagão e com vagas aspirações espiritualistas e, no plano formal, com a rica musicalidade (ver *Violões que Choram*) e a potência verbal, a opulência de estilo, a capacidade de criar imagens de sensível beleza. Sua consciência de poeta sempre foi elevada (*Supremo Verbo, O Assinalado*).

Entre os estudiosos de sua obra, sobretudo Abelardo F. Montenegro a interpretou como uma válvula de escape para suas tensões interiores, como compensação de insatisfações. Realmente, sua trajetória humana e poética está marcada por uma densa angústia, por constante senso trágico, mas evidenciando ao mesmo tempo sua personalidade sofrida, sua entrega total à

realização artística, sua firme persistência na busca do ideal (Sorriso Interior, Triunfo Supremo). *Emparedado*, anseia pela libertação na transcendência e sublimação, por transpor-se para um misticismo cósmico.

Revela-se constante em sua poesia a consciência de posições antitéticas: a sensação amarga e pessimista da existência, a angústia trágica, a consciência da raça sofredora, o vivo sentimento da dor (Vida Obscura), por um lado, e por outro, a busca da libertação, de reconhecimento e igualdade, a ânsia do Infinito, a ascensão ao mundo das Essências (Cárcere das Almas, Siderações), a aspiração ao sonho, a diluição no vago, indefinido e nebuloso (Antífona, O Grande Sonho). Daí sua poesia revestir-se de dramaticidade, num jogo de contrastes entre imanência e transcendência, transitoriedade e perenidade, realidade e sonho, carne e espírito, numa angustiante busca da verdade. Pobre, doente, deprimido e angustiado, a amizade de Nestor Vítor foi-lhe essencial e soube reconhecê-lo nos magistras sonetos de "Pacto de Almas".

Roger Bastide analisou muito bem as implicações simbolistas das poesia de Cruz e Sousa, quando coloca a gênese do Simbolismo no misticismo e mostra a luta do poeta por desprender-se da natureza concreta, da prisão corporal, para ascender às esferas celestes, ao mundo das Essências, à transcendência — num misto de platonismo e cristianismo. Afirmando que o Simbolismo de "Cruz e Sousa é uma experiência sofrida e vivida do símbolo no interior de uma busca espiritual", Bastide confere ao Cisne Negro "situação à parte na grande tríade harmoniosa: Mallarmé, Stephan George e Cruz e Sousa". Essa afirmação, partida de alguém nascido na França, pátria do Simbolismo, é indiscutivelmente honrosa.

## ANTÍFONA

Ó formas alvas, brancas, Formas claras,  
de luares, de neves, de neblinas! . . .  
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas. . .  
Incensos dos turíbulos das aras. . .

Formas do Amor, consteladamente puras,  
de Virgens e de Santas vaporosas. . .  
Brilhos errantes, mádidas frescuras  
e dolências de lírios e de rosas. . .

Indefiníveis músicas supremas,  
harmonias da Cor e do Perfume. . .  
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,  
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume. . .

Visões, salmos e cânticos serenos,  
surdinas de órgãos flébeis, soluçantes. . .  
Dormências de volúpicos venenos  
sutis e suaves, mórbidos, radiantes. . .

Infinitos espíritos dispersos,  
inefáveis, edênicos, aéreos,  
fecundai o Mistério destes versos,  
com a chama ideal de todos os mistérios.

Do Sonho as mais azuis diafaneidades  
que fuljam, que na Estrofe se levantem  
e as emoções, todas as castidades  
da alma do Verso, pelos versos cantem.

Que o pólen de ouro dos mais finos astros  
fecunde e inflame a rima clara e ardente. . .  
Que brilhe a correção dos alabastros  
sonoramente, luminosamente.

Forças originais, essência, graça  
de carnes de mulher, delicadezas. . .  
Todo esse eflúvio que por ondas passa  
do Éter nas róseas e áureas correntezas. . .

Cristais diluídos de clarões alacres,  
desejos, vibrações, ânsias, alentos,  
fulvas vitórias, triunfalmente acres,  
os mais estranhos estremecimentos. . .

Flores negras do tédio e flores vagas  
de amores vãos, tantálicos, doentios. . .  
Fundas vermelhidões de velhas chagas  
em sangue, abertas, escorrendo em rios. . .

Tudo! vivo e nervoso e quente e forte,  
nos turbilhões quiméricos do Sonho,  
passe, cantando, ante o perfil medonho  
e o tropel cabalístico da Morte. . .

## SIDERAÇÕES

Para as Estrelas de cristais gelados  
as ânsias e os desejos vão subindo,  
galgando azuis e siderais noivados  
de nuvens brancas a amplidão vestindo. . .

Num cortejo de cânticos alados  
os arcanjos, as cítaras ferindo,  
passam, das vestes nos troféus prateados,  
as asas de ouro finamente abrindo. . .

Dos etéreos turíbulos de neve  
claro incenso aromal, límpido e leve,  
ondas nevoentas de Visões levanta. . .

E as ânsias e os desejos infinitos  
vão com os arcanjos formulando ritos  
da Eternidade que nos Astros canta. . .

*(Broquéis)*

## VIOLÕES QUE CHORAM . . .

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,  
soluços ao luar, choros ao vento. . .  
Tristes perfis, os mais vagos contornos,  
bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,  
noites da solidão, noites remotas  
que nos azuis da Fantasia bordo,  
vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,  
anseio dos momentos mais saudosos,  
quando lá choram na deserta rua  
as cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão soluçando,  
quando os sons dos violões nas cordas gemem,  
e vão dilacerando e deliciando,  
rasgando as almas que nas sombras tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,  
dedos nervosos e ágeis que percorrem  
cordas e um mundo de dolências geram  
gemidos, prantos, que no espaço morrem. . .

E os sons soturnos, suspiradas mágoas,  
mágoas amargas e melancolias,  
no sussurro monótono das águas,  
noturnamente, entre ramagens frias.

Vozes veladas, veludas vozes,  
volúpias dos violões, vozes veladas,  
vagam nos velhos vórtices velozes  
dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Tudo nas cordas dos violões ecoa  
e vibra e se contorce no ar, convulso. . .  
Tudo na noite, tudo clama e voa  
sob a febril agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos  
são ilhas de degredo atroz, funéreo,  
para onde vão, fatigadas do sonho,  
almas que se abismaram no mistério.

Sons perdidos, nostálgicos, secretos,  
finas, diluídas, vaporosas brumas,  
longo desolamento dos inquietos  
navios a vagar à flor de espumas.

Oh! languidez, languidez infinita,  
nebulosas de sons e de queixumes,  
vibrado coração de ânsia esquisita  
e de gritos felinos de ciúmes!

Que encantos acres nos vadios rotos  
quando em toscos violões, por lentas horas,  
vibram, com a graça virgem dos garotos,  
um concerto de lágrimas sonoras!

Quando uma voz, em trêmulos, incerta,  
palpitando no espaço, ondula, ondeia,  
e o canto sobe para a flor deserta,  
soturna e singular da lua cheia.

Quando as estrelas mágicas florescem,  
e no silêncio astral da Imensidade  
por lagos encantados adormecem  
as pálidas ninféias da Saudade!

Como me embala toda essa pungência,  
essas lacerações como me embalam,  
como abrem asas brancas de clemência  
as harmonias dos violões que falam!

Que graça ideal, amargamente triste,  
nos lânguidos bordões plangendo passa. . .  
Quanta melancolia de anjo existe  
nas visões melodiosas dessa graça. . .

Que céu, que inferno, que profundo inferno,  
que ouros, que azuis, que lágrimas, que risos,  
quanto magoado sentimento eterno  
nesses ritmos trêmulos e indecisos. . .

Que anelos sexuais de monjas belas  
nas ciliciadas carnes tentadoras,  
vagando no recôndito das celas,  
por entre as ânsias dilaceradoras. . .

Quanta plebéia castidade obscura  
vegetando e morrendo sobre a lama,  
proliferando sobre a lama impura,  
como em perpétuos turbilhões de chama.

Que procissão sinistra de caveiras,  
de espectros, pelas sombras mortas, mudas. . .  
Que montanhas de dor, que cordilheiras  
de agonias aspérrimas e agudas.

Véus neblinosos, longos, véus de viúvas  
enclausuradas nos ferais desterros,  
errando aos sóis, aos vendavais e às chuvas,  
sob abóbadas lúgubres de enterros;

Velhinhas quedas e velhinhos quedos,  
cegas, cegos, velhinhas e velhinhos,  
sepulcros vivos de senis segredos,  
eternamente a caminhar sozinhos;

E na expressão de quem se vai sorrindo,  
com as mãos bem juntas e com os pés bem juntos  
e um lenço preto o queixo comprimindo,  
passam todos os lívidos defuntos. . .

E como que há histéricos espasmos  
na mão que esses violões agita, largos...  
E o som sombrio é feito de sarcasmos  
e de sonambulismos e letargos.

Fantasmas de galés de anos profundos  
na prisão celular atormentados,  
sentindo nos violões os velhos mundos  
da lembrança fiel de áureos passados;

Meigos perfis de tísicos dolentes  
que eu vi dentre os violões errar gemendo,  
prostituídos de outrora, nas serpentes  
dos vícios infernais desfalecendo;

Tipos intonsos, esgrouviados, tortos,  
das luas tardas sob o beijo níveo,  
para os enterros dos seus sonhos mortos  
nas queixas dos violões buscando alívio;

Corpos frágeis, quebrados, doloridos,  
frouxos, dormentes, adormidos, languês,  
na degenerescência dos vencidos  
de toda a geração, todos os sangues;

Marinheiros que o mar tornou mais fortes,  
como que feitos de um poder extremo  
para vencer a convulsão das mortes,  
dos temporais o temporal supremo;

Veteranos de todas as campanhas,  
enrugados por fundas cicatrizes,  
procuram nos violões horas estranhas,  
vagos aromas, cândidos, felizes.

Ébrios antigos, vagabundos velhos,  
torvos despojos da miséria humana,  
têm nos violões secretos Evangelhos,  
toda a Bíblia fatal da dor insana.

Enxovalhados, tábidos palhaços  
de carapuças, máscaras e gestos  
lentos e lassos, lúbricos, devassos,  
lembrando a florescência dos incestos;

Todas as ironias suspirantes  
que ondulam no ridículo das vidas,  
caricaturas tétricas e errantes,  
dos malditos, dos réus, dos suicidas;

Toda essa labiríntica nevrose  
das virgens nos românticos enleios;  
Os ocasos do Amor, toda a clorose  
que ocultamente lhes lacera os seios;

Toda a mórbida música plebéia  
de requebros de fauno e ondas lascivas;  
A languê, mole e morna melopéia  
das valsas alanceadas, convulsivas;

Tudo isso, num grotesco desconforme,  
em ais de dor, em contorções de açoites,  
revive nos violões, acorda e dorme  
através do luar das meias-noites!

(*Faróis*)

## O ASSINALADO

Tu és o louco da imortal loucura,  
o louco da loucura mais suprema.  
A terra é sempre a tua negra algema,  
prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,  
mas essa mesma Desventura extrema  
faz que tu'alma suplicando gema  
e rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado  
que povoas o mundo despovoado,  
de belezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica  
toda a audácia dos nervos justifica  
os teus espasmos imortais de louco!

## SUPREMO VERBO

Vai, Peregrino do caminho santo,  
faz da tu'alma lâmpada do cego,  
iluminando, pego sobre pego,  
as invisíveis amplidões do Pranto.

Ei-lo, do Amor o cálix sacrossanto!  
bebe-o, feliz, nas tuas mãos o entrego. . .  
Eis o filho leal, que eu não renego,  
que defendo nas dobras do meu manto.

— Assim ao Poeta a Natureza fala!  
Enquanto ele estremece ao escutá-la,  
transfigurado de emoção sorrindo. . .

Sorrindo a céus que vão se desvendando,  
a mundos que se vão multiplicando,  
a portas de ouro que se vão abrindo!

## O GRANDE SONHO

Sonho profundo, ó Sonho doloroso,  
doloroso e profundo Sentimento!  
Vai, vai nas harpas trêmulas do vento  
Chorar o teu mistério tenebroso.

Sobe dos astros ao clarão radioso,  
aos leves fluidos do luar nevoento,  
as urnas de cristal do firmamento,  
ó velho Sonho amargo e majestoso!

Sobe às estrelas rútilas e frias,  
brancas e virginais eucaristias,  
de onde uma luz de eterna paz escorre.

Nessa Amplidão das Amplidões austeras  
chora o Sonho profundo das Esferas,  
que nas azuis Melancolias morre. . .

## VIDA OBSCURA

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,  
ó ser humilde entre os humildes seres.  
Embriagado, tonto dos prazeres,  
o mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste no silêncio escuro  
a vida presa a trágicos deveres  
e chegaste ao saber de altos saberes  
tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,  
magoado, oculto e aterrador, secreto,  
que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu, que sempre te segui os passos,  
sei que cruz infernal prendeu-te os braços  
e o teu suspiro como foi profundo!

## CÁRCERE DAS ALMAS

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
soluçando nas trevas, entre as grades  
do calabouço olhando imensidades,  
mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
quando a alma entre grilhões as liberdades  
sonha e sonhando, as imortalidades  
rasga no etéreo Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
nas prisões colossais e abandonadas,  
da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
que chaveiro do Céu possui as chaves  
para abrir-vos as portas do Mistério? !

## SORRISO INTERIOR

O ser que é ser e que jamais vacila  
nas guerras imortais entra sem susto,  
leva consigo este brasão augusto  
do grande amor, da grande fé tranqüila.

Os abismos carnais da triste argila  
ele os vence sem ânsias e sem custo. . .  
Fica sereno, num sorriso justo,  
enquanto tudo em derredor oscila.

Ondas interiores de grandeza  
dão-lhe esta glória em frente à Natureza,  
esse esplendor, todo esse largo eflúvio.

O ser que é ser transforma tudo em flores. . .  
E para ironizar as próprias dores  
canta por entre as águas do Dilúvio!

## TRIUNFO SUPREMO

Quem anda pelas lágrimas perdido,  
sonâmbulo dos trágicos flagelos,  
é quem deixou para sempre esquecido  
o mundo e os fúteis ouropéis mais belos!

É quem ficou do mundo redimido,  
expurgado dos vícios mais singelos  
e disse a tudo o adeus indefinido  
e desprende-se dos carnavais anelos!

É quem entrou por todas as batalhas  
as mãos e os pés e o flanco ensangüentando,  
amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando  
e entre raios, pedradas e metralhas,  
ficou gemendo, mas ficou sonhando!

## PACTO DAS ALMAS

A Nestor Vítor  
Por devotamento e admiração.  
12 de outubro de 1897

### I — Para Sempre

Ah! para sempre! para sempre! Agora  
não nos separaremos nem um dia. . .  
Nunca mais, nunca mais, nesta harmonia  
das nossas almas de divina aurora.

A voz do céu pode vibrar sonora  
ou do Inferno a sinistra sinfonia,  
que num fundo de astral melancolia,  
minh'alma com a tu'alma goza e chora.

Para sempre está feito o augusto pacto!  
cegos serenos do celeste tato,  
do Sonho envoltos na estrelada rede,  
E perdidas, perdidas no Infinito  
as nossas almas, no clarão bendito,  
hão de enfim saciar toda esta sede . . .

## II – Longe de Tudo

É livres, livres desta vã matéria,  
longe, nos claros astros peregrinos,  
que haveremos de encontrar os dons divinos  
e a grande paz, a grande paz sidérea.

Cá nesta humana e trágica miséria,  
nestes surdos abismos assassinos  
teremos de colher de atros destinos  
a flor apodrecida e deletéria.

O baixo mundo que troveja e brama  
só nos mostra a caveira e só a lama,  
ah! só a lama e movimentos lassos . . .

Mas as almas irmãs, almas perfeitas,  
hão de trocar, nas Regiões eleitas,  
largos, profundos, imortais abraços!

## III – Alma das Almas

Alma das almas, minha irmã gloriosa,  
divina irradiação do Sentimento,  
quando estarás no azul Deslumbramento,  
perto de mim, na grande Paz radiosa? !

Tu que és a lua da Mansão de rosa  
da Graça e do supremo Encantamento,  
o círio astral do augusto Pensamento  
velando eternamente a Fé chorosa;

Alma das almas, seu consolo amigo,  
seio celeste, sacrossanto abrigo,  
serena e constelada imensidade;

Entre os teus beijos de etereal carícia,  
sorrindo e soluçando de delícia,  
quando te abraçarei na Eternidade? !

### ASSIM SEJA

Fecha os olhos e morre calmamente!  
Morre sereno do Dever cumprido!  
Nem o mais leve, nem um só gemido  
traia, sequer, o teu Sentir latente.

Morre com a alma leal, clarividente,  
da Crença errando no Vergel florido  
e o Pensamento pelos céus brandido  
como um gládio soberbo e refulgente.

Vai abrindo sacrário por sacrário  
do teu Sonho no templo imaginário,  
na hora glacial da negra Morte imensa. . .

Morre com o teu Dever! Na alta confiança  
de quem triunfou e sabe que descansa,  
desdenhando de toda a Recompensa!

*(Últimos Sonetos)*

## OSCAR ROSAS

Oscar Rosas Ribeiro d'Almeida nasceu no Desterro, a 12 de fevereiro de 1864. Cursou humanidades no Liceu Provincial, sendo dessa época (1871-75) sua aproximação e amizade, depois constante, com Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e Araújo Figueredo. Seguiu para o Rio de Janeiro em 1880 para continuar os estudos, mas lá chegando passa a dedicar-se ao jornalismo, com brilho imediato. Em 1885, numa rápida visita a Santa Catarina, casa com D. Julieta Escobar, com quem teve três filhos: Ernani (que também se destacou como poeta), Corália e Berenice.

Num concurso de contos promovido pela *Gazeta de Notícias* do Rio (1888-89), obteve o primeiro lugar, com a narrativa "A Tísica", sucesso que o animou a publicar naquele jornal mais outros trabalhos no gênero: "A Feia", "Quero-Quero" e "Vampa". Em 1894 escreveu, de parceria com Virgílio Várzea, o romance *O Comodoro*, publicado em folhétins na *Cidade do Rio*, mas posteriormente reescrito por Virgílio, sozinho, e publicado em 1901 sob o título *George Marcial*.

Em 1918 retornou a Florianópolis, onde, a convite do Governador Hercílio Luz, reorganizou o Jornal *A República* e dirigiu o *Diário Oficial* do Estado. Em 1919 foi eleito deputado estadual, sendo reeleito em 1921. Naquele ano, por indicação de Othon D'Eça e José A. Boiteux, foi aprovado para uma vaga na Sociedade Catarinense de Letras, tornando-se patrono da cadeira n.º 36 da A.C.L.

Com o falecimento do seu amigo e benfeitor, o Governador Hercílio Luz, Oscar perdeu o apoio político e resolveu transferir-se novamente para o Rio de Janeiro, onde faleceu em seguida, a 27 de janeiro de 1925.

Oscar Rosas não escreveu muita poesia e seus poemas ficaram dispersos em jornais da época. Embora a poesia se lhe impusesse em certos momentos, não parece ter-lhe dedicado tanta atenção. Apesar disso, teve importante papel como um dos integrantes do primeiro grupo de simbolistas brasileiros, principalmente devido à sua grande penetração nos jornais.

Iaponan Soares reuniu parte de sua poesia num opúsculo, acentuando os seguintes aspectos da mesma: "A sua poesia é de nítido acento decadentista, particularmente pela inclinação à lascívia e ao satanismo. Tomado por um realismo agreste, a paisagem surge em seus cantos com uma nota evocativa à sua terra, onde a presença mais constante é o mar e seus elementos". E acrescenta, mais adiante, que "estruturalmente, é o soneto o seu modelo de expressão, como aliás, é o modelo eleito da maioria dos simbolistas. Seu ritmo é polifônico, com modulações bizarras que dão ao conjunto surpreendente efeito".

## VISÃO

Tanto brilhava a luz da lua clara  
Que para ti me fui encaminhando;  
Murmurava o arvoredado, gotejando  
A água fresca da chuva que estancara.

Longe, de prata, semelhava a seara. . .  
E o teu castelo à lua crepitando,  
Como um solar de vidro, formidando,  
Via como ardentíssima coivara.

Cantigas de cigarras na devesa. . .  
E pela noite muda, parecia  
Cantar o coração da natureza.

Foi então que eu te vi, formosa Imagem,  
Surgir dentre roseiras, fria. . . fria. . .  
Como um clarão da lua na folhagem.

## A VAGA

Oh! Boa do alto-Mar! Oh vaga misteriosa,  
Que tens como a serpente uma música estranha,  
Colina de esmeralda, escalvada montanha,  
A minh'alma te anela e o meu olhar te goza.

O albatroz do alto céu contempla-te a beleza,  
A cabeleira branca e a renda de escumilha,  
Tu te espraias além, saltando de ilha em ilha,  
Balouçando o galeão de minha *lady* inglesa.

Andam corcéis por ti, correndo a toda brida,  
E rola o vendaval em teu dorso a sereia,  
E à flor d'água ela canta, à luz da lua-cheia,  
Magnética, chamando ao holocausto o suicida.

E eu te sinto a *berceuse* e a Morte que em ti mora. . .  
Vaga, tu tens o amargo e a verde cor do absinto  
És nômade como eu, tu sentes o que eu sinto,  
Régia mansão do sonho, hibernal e sonora.

(A Poesia de Oscar Rosas)

## JUVÊNIO DE ARAÚJO FIGUEREDO

Juvêncio de Araújo Figueredo nasceu no Desterro, a 27 de setembro de 1864. Não chegou a completar nem as letras primárias. Desde cedo revelou inclinação para o desenho, mas não pôde dedicar-se a esses estudos porque, aos catorze anos, perde a mãe e pouco depois também o pai, tornando-se ele o arrimo da família, que morava no sítio de uma tia, em Coqueiros. Passa então a trabalhar como tipógrafo no jornal *Regeneração*, iniciando amizade com o grupo que viria a defender a "Idéia Nova" — a reação do Realismo contra o Romantismo: Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Horácio de Carvalho. Mas, logo depois deixa o jornal e passa a trabalhar na roça, no sítio de Coqueiros, sem deixar de escrever.

Em 1890 vai tentar a sorte no Rio de Janeiro, mas volta, em breve, porque só o jornalismo não era meio de vida. Em 1891 é nomeado promotor em Tubarão. Casa no ano seguinte com a italiana Maria Concepta Renzetti. Em Tubarão, sua casa é depredada, vendo-se forçado a fugir para Laguna disfaçado em mulher. Recebe a nomeação de promotor em Tijucas, mas a Revolução de 1893 o obriga a fugir, refugiando-se no Desterro. Restabelecida a ordem, monta olaria no Estreito, mas não é bem sucedido.

Desfaz-se de tudo, deixa aqui a esposa e três filhos e inicia perenigração, como tipógrafo, em jornais de Santos, São Paulo, Campinas e Itu, até decidir-se a regressar a Santa Catarina, antes visitando, no Rio de Janeiro, em 1897, seus amigos, sobretudo Cruz e Sousa, conhecendo-lhe também a esposa Gavita e os filhos. Figueredo vai então a Laguna trabalhar num colégio recém-fundado, que fecha dois anos depois. Mais uma vez desinstalado, muda-se para Bananal, próximo à Estrada de Ferro Teresa Cristina, vivendo da pesca de siri. Já nessa época é conhecido pelos seus poderes mediúnicos.

Em seguida retorna à Capital para trabalhar numa escola, continuando a viver praticamente na miséria. Sua sorte começa a melhorar quando é nomeado Secretário da Superintendência Municipal de São José, onde passa quatro anos de maior estabilidade. Mas somente ao atingir os quarenta e seis anos de idade, sua situação financeira se decide positivamente, quando Santos Lostada, que era diretor da Secretaria do Congresso Estadual, lhe obtém o cargo de amanuense naquela casa, onde posteriormente ascendeu ao cargo de subdiretor, exercendo as funções de diretor quando a morte o colheu, a 27 de fevereiro de 1927.

Em vida, Araújo Figueredo publicou apenas dois livros: *Madrigais* (1888) e *Ascetério* (1904). Deixou inéditos ou esparsos em jornais inúmeros poemas, ordenados em vários livros. Em 1966, a Academia Catarinense de Letras promoveu uma edição comemorativa do centenário, publicando um alentado volume de *Poesias*, que inclui: *Ascetério* (75 sonetos e um poema longo) e os inéditos: *Versos Antigos* (89 sonetos); *Filhos e Netos* (35 sonetos sobre seus descendentes); *Novenas de Maio* (poemas mais longos, de fundo geralmente religioso, alguns em versos livres) e o célebre *Praias de Minha Terra* (200 sonetos sobre seu tema preferido: o mar). Deixou também inédito um volume de memórias – *No Caminho do Destino* – importante documento para conhecer sua vida, sua época e seus contemporâneos. Pertenceu à Academia Catarinense de Letras, em que ocupou, como fundador, a cadeira n.º 7.

Esse peregrino da vida foi, sobretudo durante a segunda metade de sua vida, um espírita de arraigada convicção, dotado de poderes mediúnicos extraordinários, atestados por inúmeros episódios de auxílios que concedeu em consultas que lhe eram feitas. Alma simples, sensível e compassiva, profundamente humilde, verdadeiro sacerdote do bem, vivia na pobreza mas sempre a mitigar os sofrimentos alheios, a confortar os humildes e desvalidos.

Modesto funcionário, bondoso e dedicado chefe de família, filantropo convicto, gênio emotivo dotado de invulgar espiritualidade, sempre foi avesso às manobras políticas, revelando-se antes asceta autêntico. Poeta de inspiração profundamente cristã, foi chamado o São Francisco de Assis da poesia catarinense. Espírito muito religioso, revela segura e confiante crença na Providência que tudo rege e sensível devoção a Nossa Senhora (ver “Asa Guiadora”, “Rezando” e “Estrela do Mar”).

Constata-se, no início de sua produção poética, uma poesia ainda de certo modo romântica, impregnada do sentimento de enlevo ante a natureza fraternal (ver “Ciestas”).

Em seguida parece ter-se irmanado ao grande Cruz e Sousa, no Simbolismo, aderindo à temática da dor, do destino trágico e da morte (ver “Emparedado”), mas sem deixar-se sufocar por esse mundo deprimente, abrindo-se antes para o sonho e aspirando ao mundo da transcendência, liberto da matéria escrava (ver sonetos de *Versos Antigos* e de *Ascetério*).

No entanto, parte muito importante de sua obra filia-se mais ao Parnasianismo, devido ao constante caráter descritivo e narrativo, bem como ao quase permanente culto formal ao soneto. É essa poesia encerra o nosso mais expressivo canto ao mar, à praia e à saudade (*Praias de Minha Terra*). Ao lado dos ficcionistas Virgílio Várzea e Othon da Gama D’Eça, Araújo Figueredo é um marinista de destaque. O mar e sua beleza, as praias e seus atrativos contrabalançam muitas vezes com os riscos e perigos da vida em contato com o mar (ver “Incautos Desejos” e também “Estrela do Mar”). E, ligado ao tema

do mar, temos o da gente pobre, simples e humilde, sobretudo do pescador, que merecem sempre o melhor carinho e compaixão do poeta. Sua poesia bem merece uma revalorização, porque é muito pouco conhecida, mesmo pelos catarinenses.

## DE VOLTA

Volto da solidão dos campos e da serra,  
Volto para te ver e para te escutar. . .  
Meu pobre coração era um monte de terra,  
Sem lampejos de sol ou afagos de luar.

Hoje um outro ideal toda a minh'alma encerra.  
Bate o meu coração, de outro modo, a cantar. . .  
É que te vejo e escuto, e nada então me aterra:  
Durmo e acordo feliz junto de ti, ó Mar!

Perfeitamente sei, agora, que a tortura,  
Que a tristeza, que o fel, e talvez a loucura,  
Que me vinham do sonho os roseirais matar,

Era porque ninguém compreender poderia,  
Como tu, meu amigo, a ânsia que me envolvia. . .  
Pois só tu tens uma ânsia igual à minha, ó Mar!

*(Praias de Minha Terra)*

## CIESTAS VII

Das límpidas alturas  
a aurora vem rasgando  
a túnica radiosa,  
ternamente vibrando  
as baladas do amor pelas verduras.

E toda a natureza  
a seus pés se ajoelha, e reverente  
lhe beija a mão gloriosa,  
como pelos palácios do Oriente  
se beija as ricas mãos de uma princesa.

Dos alegres canários  
rompe os ares azuis, claros de maio  
fresco gorjeio matinal de vários  
tons que recordam mil gargantas d'oiro  
por um céu vasto onde o ideal espraio  
à luz de um rosto loiro.

Pelos cercados de jasmins e rosas,  
à beira dos caminhos,  
onde no estio as aves luminosas  
costumam fazer ninhos,  
do orvalho os pingos puros e sagrados  
têm a casta aparência  
de umas benditas lágrimas de prata  
na branca flor divina da inocência  
dos corações magoados.

O Sol como uma esplêndida cascata  
d'oiro em pó, vai radiando e colorindo  
o largo espaço azul, côncavo, infindo,  
undiflavando as nuvens que parecem  
asas de sonhos ideais, profundos,  
que levam dentro de si mundos e mundos  
desses amores que nos fortalecem.

Andam pelos quintais  
as cândidas crianças  
de rosto suave e lábios cor-de-aurora,  
rimando os madrigais,  
as verdes esperanças  
da sua vida angélica e sonora!

E minha namorada,  
rosa de Abril nevada  
enquanto o pai no laranjal toma ares,  
da janela que dá para o caminho  
me estende a mão alvíssima e louçã,  
a sua mão de arminho,

que tanto me seduz,  
vibrando-me de cara os seus olhares  
simpáticos, bonitos e faiscantes  
como os raros diamantes  
dos cabelos de luz  
da Estrela da manhã!

*(Madrigais)*

### A ALMA JUSTA

A alma que é justa, quando sobe ao Empíreo,  
Veste as alvas dalmáticas da lua,  
E é mais leve do que no branco lírio  
O aroma que no zéfiro flutua.

Se sofreu os espinhos do martírio,  
Como se andasse sobre espinhos, nua;  
Se andou atrás das ânsias, em delírio,  
Ei-la subindo a sacrossanta Rua. . .

Ei-la do pó do frio chão despida. . .  
Ei-la, portanto, na suprema vida,  
Que é a dos seres bem-aventurados;

Dos que na terra andaram de joelhos,  
Lendo e cumprindo os Santos Evangelhos,  
Com os braços no Amor crucificados.

## SONHA

Sonha se queres que esta vida seja,  
De tanto lodo, em flores transformada.  
Sonha, sonha feliz! Sonha e deseja  
A paz que o sonho dá à alma cansada.

No sonho, que alegria benfazeja  
Nessa do mundo indefinida estrada!  
E que a tua alma, nesse sonho, veja  
Os fulgores de uma outra madrugada.

Sonha feliz, contemplativamente,  
Porque no sonho viverás contente,  
Na alacridade do melhor falerno. . .

Sonha, de olhos voltados aos espaços;  
Sonha no amor, abrindo os largos braços;  
Sonha na morte, e até no próprio inferno.

## EMPAREDADO

Por planícies e aspérrimas montanhas  
Andei errando como um beduíno,  
E contei ao luar o meu destino,  
Velado por dragões de atrás entranhas.

E a ti, ó sol, que de purezas banhas  
Os campos verdes, num clarão divino,  
Contei, também, chorando, o desatino  
Das minhas ânsias trágicas, estranhas. . .

Mas não contei ao mar as minhas ânsias,  
Ao largo mar perdido nas distâncias,  
Para não vê-lo, dessa vez, cavado. . .

Pois esse mar é um coração doente,  
Igual ao meu, e vive eternamente,  
Eternamente triste e emparedado.

*(Versos Antigos)*

## SOMBRAS AMIGAS

Sombras da noite, leves como as aves,  
Aconchegos e frêmitos de amores,  
Que em nossas asas de esquisitas cores  
Subam para o Alto os meus anseios graves.

Sombras flébeis, tenuíssimas, suaves,  
Emigras de um chão de negras flores,  
Levai-me as mágoas e as secretas dores  
Pelas mais altas e silenciosas naves. . .

Ascendendo às alturas das montanhas,  
Que os meus anseios de ferais entranhas,  
Que todo esse clamor de ansiedade,

Erre junto de nós, sombras da noite,  
E numa estrela rútila se acoite,  
Em busca de repouso e de piedade.

## AS NOSSAS ÂNSIAS

Para as estrelas vão as nossas ânsias;  
Todas as ânsias que na Dor sentimos . . .  
São aves que se perdem nas distâncias;  
E, nas asas dos sonhos, as seguiram.

E lá, mais delicadas que fragrâncias  
Dos líriais que no caminho vimos,  
Todas elas, vestidas de flamâncias,  
São as árias da luz, que no ar ouvimos.

Mas as ânsias que vão, serenamente,  
Para as estrelas, e por lá, na albente  
Doçura casta das estrelas ficam,

São, com certeza, aquelas que, no mundo ,  
Neste sinistro báratro profundo,  
Nos cadinhos do amor se purificam.

*(Ascetério)*

ASA GUIADORA

Maria, em troca dos meus tormentos  
Que são tão frios, que são tão frios,  
Iguais aos ventos em rodopios  
No mar do sul,  
Dize, Maria, se eu nesse Azul  
Terei a graça de me encontrar  
Contigo, no mesmo Abrigo,  
Na *Turrís eburnea* do luar.

E se eu entrar no teu Abrigo,  
Na *Turrís eburnea* do luar,  
Terei a imensa felicidade  
De te beijar as mãos piedosas,  
As mãos formosas, miraculosas,  
Muito mais plenas de castidade  
Do que as rosas?

E se eu beijá-las  
Encontrarei alívio a todos os meus prantos,  
E aos meus ais, que são tantos  
Como os grãos do areal da praia nua  
Por onde correm os vendavais?

Dizes que eu suba ao Bergantim da lua,  
Que é o teu bergantim de marfim,  
E não tema viajar por entre os sóis,  
E as formosas estrelas diamantinas,  
Nas regiões divinas  
Onde existem milhares de faróis. . .

Mas quem me estenderá  
A mão banhada de doçuras?  
E quem me levará a essas grandes alturas  
Onde o teu bergantim de marfim  
Ao nosso olhar saudoso, esplêndido aparece?  
.....

— “Busca  
“A asa amorosa, a asa feliz, a asa sagrada  
“Da Prece  
“Que é uma ave azul;  
“E ela te levará aos longínquos espaços,  
“Na bendita cruzada, onde nada se ofusca,  
“Porque Jesus lá está no Cruzeiro do Sul,  
“E a todos abre os braços. . .

E por quem deve orar, sob o fulgor dessa asa  
Guiadora, através dos longes infinitos?  
— “Ora pelos aflitos”.

*(Novenas de Maio)*

## VIDA FELIZ

Ó Ilha! Ó minha mãe! Campo do meu trabalho!  
Como eu te quero bem, pelo rolar dos dias!  
Sinto que vêm de ti todas as energias,  
E o melhor e o mais santo e divino agasalho!

Ó Ilha amada! És tu quem o bendito orvalho  
Derramas nos rosais das minhas alegrias!  
E quando triste estou, nas belas sinfonias  
Da tua luz sublime, as tristezas espalho. . .

Vim de ti e de ti veio a mulher querida,  
Que é linda flor de trigo e flor de minha vida;  
E vieram de ti meus filhos e meus netos.

Quem mais feliz do que eu, Ilha verde a aromada,  
Se uma tenda construí, numa praia abençoada,  
Lendo ao mar inebriante os meus poemas diletos?

## O PRIMEIRO SEGREDO

Saudoso, vim te ver e de novo gozar  
Os aromas sutis dos teus seios morenos;  
E ouvir, neste casebre, aqui, à beira-mar,  
Da tua boca fresca os suavíssimos trenos.

Nas léguas de distância, eu me punha a cismar,  
No encanto desta praia e nos dias amenos  
Que passei, minha prenda, à luz do teu olhar,  
Tão bela como a luz dos páramos serenos.

E o teu casebre é o mesmo, ainda todo aromado  
De floridos rosais na curva do telhado;  
E canta-lhe o canário à sombra do arvoredos.

Que ninho, o teu casebre, onde nos encontramos  
Pela primeira vez e felizes sonhamos,  
Junto do altar em flor do primeiro segredo!

## INCAUTOS DESEJOS

Foram-se à pescaria os barcos da enseada,  
Do vento brando sob as asas invisíveis. . .  
E, agora, é agitação funesta, desenfreada,  
O mar! O vento e o mar são dois seres terríveis!

Mas, nos barcos que vão, às vezes, na calada  
Das tardes, para o largo, há peitos insensíveis,  
Que não crêem que o mar lhes teça, na lestada,  
Depois, uma mortalha e túmulos horríveis! . . .

E a tempestade veio, ululando, ululando. . .  
E quem diria, ó céus? Quantos barcos voltando,  
E quantos, no costão, de chofre, naufragados!

Assim são, de minha alma, os incautos desejos:  
Vivem sob a ilusão dos sonhos benfazejos,  
Mas vivem muito mais contra a dor atirados!

## REZANDO

O oceano é um templo. Reza o sino da capela,  
Rolando a sua voz, entre as serras de além. . .  
E a lua de cristal, qual turíbulo, vem;  
Surge para incensar de frente o Cambirela.

E a noite desce, numa encantadora umbela  
Salpicada de prata. A noite é de Belém,  
Em que não houve sobre a Terra imensa quem  
Não rezasse ao fitar a misteriosa Estrela. . .

Eu das montanhas faço os altares sagrados  
Aos quais sobem de vez os frementes cuidados  
Da minha alma emotiva, onde as ânsias se espalham. . .

E de onde estou rezando, humilde como um monge,  
Ouço rezar o vento, e o mar, que reza longe,  
Nesta hora em que na praia as ondas se ajoelham. . .

## ESTRELA DO MAR

Linda Estrela-do-Mar, Nossa Senhora, a tua  
Miraculosa mão, a tua mão amiga,  
Dos tristes corações toda a mágoa mitiga,  
Do destino fatal na tenebrosa rua. . .

Virgem Nossa Senhora, está de luto a lua,  
A lua nova, aziaga. . . E o vendaval fustiga  
As ondas. . . E não há quem satisfeito siga  
Por essa praia. . . E atrás de que, na praia nua?

A praia nua está, Virgem Nossa Senhora,  
Porque toda essa gente ao seu rosário chora,  
Nos ranchos que, ao bramir do vento, se fecharam.

E, lá longe, ao redor das ilhas desoladas,  
Quantas ânsias e ais! Quantas quilhas viradas!  
Mas chegaste, Senhora, e as ondas se acalmaram. . .

*(Praias de Minha Terra)*

## ERNANI ROSAS

Ernani Salomão Rosas Ribeiro nasceu no Desterro, a 31 de março de 1886, filho do poeta Oscar Rosas e de Julieta Rosas. Após estudos iniciais na cidade natal, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde viveu toda a sua vida. Ocupou apenas cargos modestos e exerceu humildes atividades profissionais. Faleceu na pobreza, em Nova Iguaçu, em princípios de 1955, de síncope cardíaca.

Sua produção poética, segundo Afonso Várzea, é bastante volumosa, mas permanece inédita na sua quase totalidade. Publicou apenas dois pequenos conjuntos de poemas: *Certa Lenda Numa Tarde*, Rio, 1917 e *Poema do Ópio*, Rio, 1918, além de poemas esparsos em jornais. Foi um simbolista da última geração. Sua obra revela influências dos franceses Mallarmé e Verlaine, dos portugueses Eugênio de Castro e Mário de Sá-Carneiro, bem como do nosso Cruz e Sousa. Sua poesia geralmente é vista como muito hermética. Péricles Eugênio da Silva Ramos o caracteriza como "malarmaico, é de cerrado e nebuloso hermetismo" (*Do Barroco ao Modernismo*, p. 206).

Andrade Muricy, na sua visão global do nosso Simbolismo, dele transcreve 20 sonetos e 3 poemas maiores, conferindo a Ernani uma boa posição: "Nenhum dos nossos derradeiros simbolistas entremostra mais curiosa subconsciência. Ernani Rosas vai tão fundo na sondagem vertiginosa das regiões subterrâneas do espírito que podemos acusar, nele, um precursor (1916-1918) do supra-realismo.

O fato de ter ficado quase completamente desconhecido e não haver, por isso, tido influência histórica, não lhe invalida a precedência divinatória (...).

Ernani Rosas é encarnação perfeita do poeta simbolista do começo do século. A sua linguagem habitual, e mesmo familiar, é repleta dos vocábulos típicos, de ressaibos do ritualismo e do hermetismo característicos.

Recita de maneira adequada: grave, exaltada, de ressonância estranha e surda". (*Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, vol. III, p. 36).

### LANGUIDEZ AUTUMNAL

Minha volúpia é como uma moléstia estranha!  
– Inverno Vento Norte, névoa no entardecer. . .  
Eu sei que um mal qualquer dentro de mim se entranha,  
Embora, sinta, enfim, desejo de viver.

Já invejei, Senhor! o cimo da montanha  
Um coração, que parte, outro logo a sofrer;  
Tudo quanto se esvai nessa horrenda campanha,  
Nesse estéril lutar, nesse aziago prever.

A dolência abateu-me! Em mim, o que ainda existe  
De apagado e sublime, unicamente, é a sombra  
De um sol crepuscular ou de um espírito triste!

De mim há de nascer o Sonho de Amanhã. . .  
Nesse prolongamento hibernal, que me assombra,  
De um Outono vermelho, aos beijos de Satã.

Rio, 1911  
(de *República*, Fpolis, 20/06/1920.)

## LÚCIFER

No espelho encantado do destino  
Mais de uma vez me vi transfigurado:  
as horas tinham timbre cristalino  
e erravam opalizadas no passado. . .

Não me farto de olhá-las, no mistério  
tênuas e loiras como a corda flébil  
do violino outonal do poente aéreo,  
que amortece em lilás num corpo débil. . .

Não me farto de olhar, erro inconsciente. . .  
o solo é de diamante e o espaço um astro. . .  
vivem mármore d'alma no poente!

Foge-me a luz e se antecipam as horas,  
no lago azul há cisnes de alabastro,  
e o espelho em que me vi é tudo auroras! . . .

1936.

## AS NINFAS

Ó cabelos das ninfas — oiro a arder-Me!  
chorando à noite em lua no arvoredos. . .  
desgrenhadas visões do meu segredo,  
que a essa hora anseiam entrever-me.

Ó suplicantes formas de Beleza,  
todas de rastos, de aneladas tranças. . .  
Eleitas vidas, que alimentam esperanças  
e erram de tarde em tarde na tristeza! . . .

Ó tântalos de carne! Sonho do Poente. . .  
corpos vagos de Incenso... . Horas rezadas...  
jardim lilás de orquídeas do ocidente! . . .

Ó Imperdurável encarnação de Ninfas! . . .  
Lá! se vão, sobre as nuvens reclinadas. . .  
Como sobre corcéis que cortem Linfas! . . .

### II

Ninfas de loiras tranças, já desfeitas,  
sobre a infusa demência dos ocasos,  
já olhares azuis, Ninfas eleitas,  
que eram formosas, como curtos prazos. . .

Alucinadas fontes que correram. . .  
saudosos voz de sombra no jardim. . .  
Linha, a chorar as Ninfas que morreram  
e a tarde bizantina desse fim. . .

Sombra do seu cabelo, a tarde em lume. . .  
que se deliu no meu olhar assim  
e ondeia em douda forma de perfume. . .

Ó ritmos de seus dedos, que são fumo. . .  
esgarçada saudade de um jardim,  
desnastradas chorando em vários rumos.

1916 — Certa Lenda Numa Tarde  
(do *Panorama do Mov. Simb. Brasileiro*, vol. III )

## OTHON D'EÇA

Othon da Gama Lobo D'Eça nasceu no Desterro, a 3 de agosto de 1892. Ainda estudante, em 1912, lançou a idéia de fundar uma Academia de Letras. Em 1918 publica seu primeiro livro — *Cinzas e Brumas* — de prosa poética. Em 1920, com Altino Flores e Ivo D'Aquino, funda e dirige a Revista *Terra*, que chegou a 24 números. Em setembro daquele ano, juntamente com José Boiteux e outros, funda a Sociedade Catarinense de Letras que, a partir de 1924, passaria a denominar-se Academia Catarinense de Letras. Em 1923 publica no jornal *República* sua novela *Vindita Brava*, que torna a ser publicada, no ano seguinte, pela *Revista do Brasil*, por iniciativa de Monteiro Lobato. Em 1923 conclui também o curso de Direito no Rio de Janeiro.

Em 1926 ocupa passageiramente o cargo de Juiz de Direito em Campos Novos. Em 1929 acompanha a jornada desbravadora do Governador Adolfo Konder pelo oeste catarinense, escrevendo um diário da viagem, que resultou no livro *... Aos Espanhóis Confinantes*. Com a abertura da Faculdade de Direito de Santa Catarina, passa a integrar seu corpo docente, diplomando-se, em 1935, como Livre-Docente.

Em 1938 começa a escrever, em sua casa de férias na praia de Coqueiros, o livro *Homens e Algas*, sua obra mais célebre, que seria publicado em 1957 pela Imprensa Oficial do Estado e reeditada em 1979 pelo Conselho Estadual de Cultura.

Em 1948 foi nomeado Secretário de Estado dos Negócios da Segurança Pública. Em 1953 torna-se catedrático de Direito Romano na Faculdade de Direito. Nesse ano empreende uma viagem ao Paraguai, de que resulta um livro (ainda inédito) de impressões de viagem, intitulado *Nossa Senhora de Assunção*.

Faleceu a 7 de fevereiro de 1965, sendo que a 19 de março do mesmo ano, a Faculdade de Direito lhe concedeu o Diploma de Professor Emérito, *post mortem*.

Othon era uma personalidade multiforme, um artista múltiplo: professor, orador, poeta e prosador, pintor, músico e pianista, além de colecionador de antigüidades. Segundo depoimento de Nereu Corrêa, era um intelectual de brilhante inteligência e cultura, um "conversador admirável" e um "homem

humaníssimo”, sempre afável, idealista, animado e cheio de planos. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e fundador da Academia Catarinense de Letras, em que ocupou a cadeira n.º 15, cujo patrono é Cruz e Sousa, tendo durante muitos anos exercido a presidência da Academia. Desenvolveu constante atividade jornalística, tendo ocupado a direção ou redação de jornais e revistas, como: *República, O Estado, Flama-Verde, A Capital, Terra*. Era figura de destaque no cenário político, social, literário e cultural.

. Dentre sua produção literária avulta, sem dúvida, a importância da prosa, destacando-se *Homens e Algas*, uma série de contos e crônicas que formam, no seu conjunto interligado, um vasto painel do homem e do mar. São retratos sofridos, comoventes e dramáticos de pescadores, gente pobre e simples cuja vida e morte estão no mar. Grande paisagista, soube captar a poesia das marinhas.

Othon D’Eça foi também poeta bissexto, com produção não-contínua nem vasta, dispersa em jornais e revistas. Adotou normalmente o verso moderno livre, focalizando preferentemente temas descritivos, sobretudo a paisagem ilhoa.

Na despedida junto à sepultura, Altino Flores afirmou dele: “Criança grande, tinha ingenuidades que revelavam apenas a grandeza de um coração onde não vicejavam as ervas más da inveja, do ressentimento ou do ódio”.

O n.º 1 de *Signo* (1968), Revista da Academia Catarinense de Letras (revista que Othon D’Eça tanto sonhara fundar, mas sem lograr a concretização do sonho), está quase todo dedicado ao escritor, incluindo uma série de depoimentos sobre o mesmo, bem como uma pequena antologia, em prosa e verso.

## A VELHA FIGUEIRA DO JARDIM

Essa velha figueira,  
Que na saudade vive junto a mim,  
Possui a sombra mais hospitaleira  
E é a árvore mais bela do Jardim.

Há na sua expressão tranqüila e doce,  
Alguma coisa de augural,  
Como se ela fosse  
Uma sacerdotisa vegetal!

Viu crescer a cidade em derredor,  
E o sol, na praia, em profusão,  
Como um perdulário messidor,  
Amadurar,  
As mãos cheias de flocos de algodão,  
Que as ondas atiravam, verdes, para o ar!

Contam que, num momento, as frondes estendeu,  
Quando, num dia longe,  
À sua sombra curta, extático, morreu  
Um santo e peregrino monge.

E desde então essa velha figueira,  
Humanizada e boa,  
Guardou no ser a alma forasteira,  
Que pela terra andara, errando à toa!

Toda a culpa ancestral, assim, remiu,  
Nas suas folhas desnudas!  
Sendo árvore infecunda, refloriu,  
Como antes de Judas.

Hoje em cada galho um braço viridente,  
Parece abençoar a circundante alfombra.  
É que essa figueira agora sente  
A glória de viver para dar sombra!

(de *Anuário Catarinense*, 1949 - p.160)

### MILAGRE DE AMOR

Quando a estrela da manhã, alta, subia,  
Reluzindo e fremente como um guizo,  
Três almas se encontraram, tiritando,  
À porta sideral do Paraíso.

E a primeira bateu. E havia  
Um altivo desdém nos seus gestos de mando.  
– Quem bate? – de dentro perguntaram.  
– Um Rei que foi na Terra poderoso!  
– Que sementes divinas espalharam  
As tuas mãos? – Batalhas! Valoroso,  
Venci e conquistei cidades e países!

E a porta de oiro, muda, inviolada,  
Como se tivesse raízes,  
Fulgindo e cintilando radiosa,  
Permaneceu fechada!

E a segunda bateu. E a voz harmoniosa  
De novo perguntou: – Quem bate?  
– Um Sábio que viveu a meditar  
E longos anos passou no duro embate  
Do saber. E envelheceu para criar!

E a porta de oiro, muda, inviolada,  
Faiscando e fremindo como um astro,  
Continuou fechada!

E a terceira bateu. E a mesma voz:  
– Quem bate? – serena e doce interrogou.  
– Um Poeta que sempre andou de rastro  
Pela Vida e que a Vida maltratou!  
– Que fizeste na Terra? – Eu amei,  
E pondo em cada rima aromas e arrebóis,  
O meu amor em versos espalhei!

Por toda a esfera azul um canto se expandiu!

Então, rútila, resplandecente,  
Rodando nos seus gonzos, lentamente,  
A porta de oiro se abriu!

(de *Atualidades* n.º 2, Florianópolis, 1946).

## JOÃO BATÍSTA CRESPO

Nasceu em Desterro, a 7 de setembro de 1887. Fez seu curso primário com os Profs. Luís das Neves e José Brasilício de Souza. Em seguida cursou o Liceu Catarinense, sempre muito estudioso, embora tímido, demonstrando desde cedo pendores literários. Estudou Português, rima e métrica com o renomado Prof. Wenceslau Bueno. Desde a juventude seus versos mereceram boa acolhida nos jornais *O Tempo*, *Folha Nova*, *O Estado* e nas revistas *Fênix* e *Esperança*, que também redatoriou.

Em 1922 transferiu residência para Jaraguá do Sul, onde exerceu durante 20 anos os cargos de escrivão e coletor de Rendas Federais, aposentando-se depois. Ali casou com Anésia Maria Walter, com a qual teve quatro filhos. Nessa cidade redatoriou, de 1922 a 1945, o conhecido jornal *Correio do Povo*. A seguir, em Blumenau, fundou, de parceria com Honorato Tomelin, o periódico *Lume*, no qual trabalhou até 1949. A partir de 1950 colaborou, em Joinville, com a revista *Vida Nova*, escrevendo muitos poemas lírico-épicos sobre a colonização da "Cidade dos Príncipes".

Faleceu em Belo Horizonte, a 30 de maio de 1966. Ocupou, como fundador, a cadeira n.º 27 da Academia Catarinense de Letras.

Embora poeta muito fecundo, com dezenas e centenas de poemas esparsos em jornais, nunca chegou a reunir seus versos em livro. Dotado de imaginação sadia e fértil, versejava com muita espontaneidade. Seus versos ora cantam os aliciamentos do amor, ora são essencialmente descritivos, embriagando-se da paisagem admirada, ora enveredam por reflexões filosóficas.

Segundo depoimento de sua esposa, Anésia W. Crespo, era "profundamente sentimental, o senso descritivo era a dominante em sua poesia; excêntricamente gostava de escrever as suas rimas em papel velho, acetinado pelo tempo (...). Sua pena não cessava, sempre encontrava motivo para inspiração (...). Não consentia que se tocasse em sua mesa de trabalho ou que o perturbassem quando escrevia".

Escreveu também peças teatrais: em 1921 causou sucesso a apresentação, no teatro Álvaro de Carvalho, da revista *Zé Catarina*, com letra sua e música de Álvaro Souza. Para o centenário de fundação de Blumenau escreveu a peça *A Conquista*, que não chegou a ser encenada.

## CANTIGAS PRAIANAS

Quem vive nas serras altas  
Não vê, não pode estimar  
Por sobre a areia da praia  
As ondas que rola o mar.

O beijo que o búzio rouba  
Rolando por sobre a praia,  
Ao seio verde da vaga  
Que sobre a areia desmaia.

A espuma, toucada de ouro,  
Das ondas que rola o mar,  
Quem não nasceu cá em baixo  
Não vê, não pode estimar.

Não sabe quanta poesia  
Tem, se a luz no céu desmaia,  
A alvura de um corpo nu,  
Depois de um banho na praia.

Não sente a tarefa inglória  
Da aranha — que é a luta cheia —  
Tecendo no fundo d'água  
A renda branca da areia!

Não sabe se é belo ou não,  
Nem quanto alivia a dor,  
Ouvir-se, de madrugada,  
O canto do pescador.

Vê-lo cuidar à tardinha,  
Da rede, que não é boa,  
Enquanto o filho mais velho  
Pinta de novo a canoa.

Ouvi-lo cantar sorrindo,  
Ao fogo, em noites de abril,  
Os pormenores mais simples  
De um lance de vinte mil. . .

E a vida corre tão branda  
Que a gente não sabe, em suma,  
Se é vida! . . . se não é sonho  
Que se desfaz como a espuma.

(de *O Momento* I, n.º 1 — Florianópolis, 16/10/1920)

## ROSA MÍSTICA

Primavera de amor que, pleno, enflora  
As áridas estepes da Alma já vencida,  
Que, sôfrega, sorvendo o róseo mel da Aurora,  
Comunga a hóstia ideal de uma ilusão perdida.

Primavera! No entanto o amor floresce agora  
Como as rosas no outono — pálido sem vida! . . .  
Espera todo o Bem do Mal que me devora  
Mas vem, um beijo só! . . . e o teu amor, querida.

E quando eu for contigo em busca do profundo  
Mistério do Porvir, — levando pelo mundo,  
De tanto amor gozar, minh'alma quase louca, —

Consente que eu murmure, inda uma vez, contrito  
— Como quem ouve, só, as vozes do Infinito, —  
Os versos que eu rimei beijando-te na boca.

(de *O Olho*, I, n.º 1 — Florianópolis, 6/04/1916)

## JOINVILLE

Loura Princesa. Flor de Lys aberta  
em terras do Brasil, estranha e rara,  
em tua origem natural e certa,  
um perfil de balada se depara.

A forma abriste, numa linda oferta,  
sob esse céu que o teu destino achara;  
e, por amor, o coração desperta  
de um reinado de lendas. . . numa ocara!

Depois foi o “domínio”, a faina bruta;  
as chaminés subindo. . . a ação do arado  
num milagre de crença resoluta.

E, entre brasões, desafiando idades,  
ficaste sendo para o nosso Estado  
a Princesa de todas as cidades!

(de *Vida Nova* n.º 10 — Joinville, 1949)

## PAISAGEM

De tarde. À beira-mar. Aureo rendão flamante  
Orla o verde matiz das altas serranias.  
Das nuvens, sob o azul damasco, as louçanias  
Vão mudando, o ocaso, o aspecto, a cada instante,

Vamos, a estrada é calma. . . Escuta as litanias  
Do crepúsculo. — Não vês? No solo, à luz distante,  
As nossas sombras, juntas, vão fugindo adiante  
Como, depois de um sonho, as leves fantasias. . .

E a Noite sobre a terra estende o véu — nascendo  
Cada estrela semelha um nenúfar abrindo —  
Enorme, pouco a pouco, os vultos envolvendo. . .

Súbito, ébria de luz, a Lua vem surgindo,  
Entre nuvens franjadas, brancas, parecendo  
Uma relíquia de oiro, entre algodão fulgindo. . .

(de *Anuário Barriga-Verde* para 1921 - p. 156)

## TEATRO DE BONECOS

Este mundo é o melhor teatro de bonecos,  
onde o Acaso controla encenações esparsas,  
que fazem rir, chorar. . . — reproduzindo os ecos  
da vaia ou do aplauso aos trêfegos comparsas.

Alguns vestem casaca, outros blusões, jalecos,  
conforme o ambiente em que se dão as farsas.  
Mas não passam, no fim, de míseros bonecos:  
— um pouco de matéria envolta em talagarças!

No entanto, cada qual parece mais humano  
nos gestos, no falar, no bem ou mal que faz,  
quando finge de herói, de magnata ou tirano.

E quando alguém aplaude o homem do jaleco,  
gritando: — Muito bem! — para fazer cartaz,  
esse alguém não passou de autêntico boneco.

(de *Anuário Catarinense*, 1956 — p. 45)

## OGÉ MANNEBACH

Ogê Mannebach nasceu no Desterro, a 30 de maio de 1885, à então rua do Príncipe, hoje Conselheiro Mafra. Era sobrinho do Marechal Guilherme Xavier de Souza, benfeitor de Cruz e Sousa. Aos 4 anos ficou órfão de pai e aos 14 também perdeu a mãe. Iniciou sua educação no Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, continuando-a no Colégio Lapagesse, em Florianópolis, sempre com notas distintas. Aos 14 anos, falecida a mãe, vê-se forçado a deixar as aulas, empregando-se como caixeiro em casa comercial.

Casou em 1906 com Otília de Souza Mannebach, mas não deixou descendência. Em 1913 foi classificado em primeiro lugar em concurso para a Fazenda Nacional, assumindo o posto de guarda-mor da Alfândega de São Francisco do Sul, onde permaneceu até a morte, a 1.º de agosto de 1942. Seu corpo foi trasladado a Florianópolis e inumado no Cemitério da Irmandade do Senhor dos Passos.

Mannebach, que costumava assinar seus trabalhos por MAN, foi um incansável jornalista, poliglota e poeta. Espírito risonho e bem-humorado, manejava seus talentos com tão filosófica serenidade quanto penetrante ironia e humor. Descontínuo em suas atividades, houve épocas em que sua presença foi quase cotidiana na imprensa, ao passo que em outras sua produção literária sofreu grandes hiatos. Continuando em nossas letras catarinenses, após longo intervalo, a veia satírica de Marcelino Antônio Dutra, sua poesia, em lugar de chorar romanticamente as dores e atribulações da vida, colocou-se a serviço do chiste, do riso, da ironia e da sátira. Assim, sua poesia confunde-se com a história de nossa terra e com fatos de repercussão nacional do seu tempo. Cada soneto seu é o retrato irônico e perspicaz de um acontecimento ou episódio da vida catarinense. Sua grande produção de poesia satírica ficou esparsa em jornais, sobretudo em *O Estado* e *A Gazeta*, de Florianópolis, *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro e em jornais de São Francisco do Sul.

Arnaldo S. Thiago a ele se refere como "Espírito cintilante, dotado de uma facilidade assombrosa para a aquisição de conhecimentos lingüísticos, tinha gênio alegre e vivacíssimo que o tornava requisitado sempre em todas as rodas sociais. Andava sempre às voltas com os seus trocadilhos e gostava de comentar em seus versos os acontecimentos sociais relevantes, quase sempre envolvendo nomes de políticos e de pessoas graduadas na administração..."

Ocupou, como fundador, a cadeira n.º 34 da Academia Catarinense de Letras, de que é patrono justamente Marcelino Antônio Dutra. Foi recepcio-

nado, em 1923, por Othon D'Eça, que dele declara: "Rimando as suas sátiras, faz rir sem ofender. O seu temperamento, misto de cortesia alemã e irreverência latina, é feito de bondade e boêmia. Sabe ver sempre o lado amável da vida". A Revista *Signo* n.º 3, da A.C.L., reproduz o discurso de Othon D'Eça e deste selecionamos um soneto.

José Cordeiro, seu sucessor na A.C.L., elaborou um retrato vivo do poeta, publicado por ocasião do cinquentenário da Academia, em 1970: *Ogê Mannebach* — no qual consta uma pequena antologia de seus poemas satíricos, donde extraímos outro soneto.

## VEÍCULOS

Segundo ousa afirmar um médico notável,  
O beijo é transmissor de muita enfermidade;  
E embora seja dura esta triste verdade,  
Do mal ele é o agente ativo e formidável.

Um outro condutor também mui respeitável,  
Que tanto dano causa à pobre humanidade,  
É o *aperto* de mão que a própria sociedade,  
Considera um costume. . . ainda tolerável.

Ora, apertar na rua a mão de qualquer um,  
É cousa tão vulgar e mesmo tão comum,  
Que os MICRÓBIOS decerto estão acostumados. . .

Porém, se for agora o beijo proibido,  
Contra o fato reclama o travesso Cupido,  
Que não liga importância a tão *falsos cuidados*!!

22-10-1918 (de *Ogê Mannebach*)

**APESAR DA FOME NA ALEMANHA, HÁ 200.000  
CACHORROS DE LUXO EM BERLIM**

(d'O ESTADO, de ontem)

Admirado, se expressa O ESTADO assim:  
"Apesar da miséria na Alemanha,  
"Há uma coisa interessante e estranha:  
"Duzentos mil cachorros em Berlim"!

— Se quem pode nutrir o seu mastim  
De carne gorda ou magra, tripa ou banha,  
Certo está de que a fome não o apanha"  
Em situação gravíssima e ruim.

Não é, portanto, caso de passar  
Que, bem ou mal, se possa sustentar  
Naquela terra qualquer um molosso;

Porém, o que me causa forte espanto  
É ver neste Brasil, tão rico e santo,  
Gente boa correr atrás dum OSSO! . . .

21-6-1923 (de *Signo* n.º 3)

## MAURA DE SENNA PEREIRA

Nascida em Florianópolis, manifestou desde criança, mesmo antes de saber ler, gosto pelas estórias que sua mãe sabia tão bem contar. E já no curso primário, suas composições despertaram a atenção. Revelando sempre talento esclarecido, cursou a Escola Normal Catarinense e em seguida iniciou dupla carreira: no magistério e no jornalismo. Obteve com destaque, por concurso, as cadeiras de Português e de História na Escola Complementar de Florianópolis.

Ressalta Arnaldo S. Thiago que “cedo chamada à responsabilidade da vida doméstica e muito jovem ainda já bem ferida pela adversidade que lhe infringiu perdas lamentáveis de pessoas de sua família, como que seu espírito dobrou-se à angústia da vida, apenas minorada pelo valor do seu espírito combativo que soube enfrentar a situação com heroicidade e altanaria”.

Em 1930 foi recebida na Academia Catarinense de Letras, onde ocupa a cadeira n.º 38. No ano seguinte publicou seu livro de estréia: *Cântaro de Ternura* – um conjunto de poemas em prosa, ou seja, cantos líricos que lembram Tagore e representam as peregrinações do amor em busca da plenitude, os cantos da solidão em busca do amor que é o sentido de sua vida.

Transferiu-se depois para o Rio de Janeiro, onde se dedica com notável brilho ao jornalismo.

Publicou os livros de poesia: *Cântaro de Ternura*, *Poemas do Meio-Dia*, *Círculo Sexto* (1959), *País de Rosamor* (1962) e *A Dríade e os Dardos* (1978), além dos volumes: *Parto Sem Dor* (reportagem de um ciclo de estudos) e *Nós e o Mundo* (crônicas e artigos).

Sua poesia sempre esteve bastante alicercada no tema do amor. Já *Cântaro de Ternura* clama pelo amor, em que tudo adquire sentido. E *País de Rosamor* revela verdadeiramente o poeta plasmador de mundos e atmosferas, que nos faz sair de nosso conturbado mundo e nos introduz num universo edênico, como que tornando-nos partícipes de um ritual de delicadeza, ternura, amor e beleza que se desenvolve suave e sonoramente nesse aprazível País de Rosamor.

Mas, além do lirismo amoroso, sua poesia também se torna participante, retratando o ser-do-mundo, ressaltando a necessidade da contribuição de cada um para o convívio e a fraternidade autêntica, o direito que todos têm ao sustento, ao amor e à felicidade.

Presas e irmanadas à terra, projeta-se e impõe-se em sua poesia aquele impulso vital, selvagem e telúrico, na sua primitiva e original beleza. Nessa comunhão cósmica, transparece um genesíaco sopro bíblico, místico e transfigurador, porém mais pagão do que cristão. Às vezes tocantemente bucólica, a natureza íntegra e virgem é o revestimento natural e a expressão constante de seu estado íntimo. Unindo a natureza, a terra e a ilha natal, identifica-se com esses elementos, em verdadeira comunhão e fusão.

Theobaldo Costa Jamundá assim a apresenta: "Maura de Senna Pereira, Ilha de Santa Catarina, poetisa desde estudante do curso normal, membro de atividade maior da Academia Catarinense de Letras. O seu primeiro livro lhe premiou os vinte anos de idade. Pertence ao grupo de poetas catarinenses de fecundidade, talento e inventiva que cedo, cedo, ultrapassaram as fronteiras domésticas. Maura com uma poesia colorida de um romântico atraente ergue-se numa conceituação invejável. Do seu livro *Cântaro de Ternura* ao último que é *A Drífade e os Dardos* oferece uma obra poética que não pode ser ignorada por quem deseje ter conhecimento do painel da poesia da gente barriga-verde. Cores, oferendas, gestos soltos, músicas de rimas pianíssimas, rimas nobres; sol e mar, que não poderiam faltar, porque não faltam no subtropical dos ilhéus de Florianópolis, fazem os integrantes da poética de Maura. Não sei doutra poetisa catarinense mais talentosa e de poesia mais ajustada na homenagem à Santa Catarina, Santa, e a Santa Catarina, terra".

## AMOR

Em verdade te digo que não foi naquela hora  
que te pertenci:  
quando me tomaste nos teus braços poderosos  
e me tiveste sob teus beijos e tua respiração.  
Em verdade te digo que não foi naquela hora  
mas quando, diante do teu, surgiu meu espírito livre e novo  
de rebento inquieto deste século  
e descobrimos todas as comunhões das nossas almas.  
Quando conhecestes as minhas derrotas  
e disseste que eram triunfos.  
Quando viste pulsar meu coração nu  
e o festejaste.  
Quando soubeste que nem sempre  
os teus pensamentos são os meus pensamentos  
nem os teus caminhos são os meus caminhos.  
Mas o amor brilhou como nunca em tua face  
e me surpreendeste com a torrente de palavras  
de que eu tinha sede  
desde a minha primeira hora consciente.  
Foi quando te pertenci.

## CONSUBSTANCIAÇÃO

Quando me deito nos teus canteiros mornos,  
Jurê-mirim, Isla de Los Patos, Santa Catarina,  
não me basta a alegria telúrica  
de ter nascido em ti  
nem o pensamento quase bíblico  
de que sou feita do teu barro.

Meu corpo é o teu imenso corpo de ilha  
e meu sangue o rasgão líquido dos teus rios  
a linfa nervosa das tuas cachoeiras  
a água matuta das tuas lagoas.  
Plantas rebentam de tuas carnes, de meus chãos  
e sinto-me carregada da tua seiva e do teu pólen  
em todas as idades  
desde tua própria pré-história  
até mesmo o teu por-vir.  
Quando me levanto  
a sacudir a tua poeira morena  
e unvida com o perfume de vinte lírios novos  
e mulher e ilha deixam de ser uma unidade pagã  
ainda sinto-me prender e me abraçar  
e envolver, implacável, a tua existência cósmica  
o abraço varonil do mar.

## BALADA PARA O VENTO SUL

O vento sul chegou  
desfolhando papoulas  
vergando caules  
sacudindo polens  
agitando palmeiras.

As águas se levantaram em cóleras plebéias  
as aves tremeram.  
Tremeram  
as penas leves das glicínias  
e os gerânios duros dos balcões.

No meio do jardim convulsionado  
toda entregue ao seu desvario  
fico de pé como uma árvore flexível  
— as ânsias e os cabelos em desordem  
e as mangas largas voando —  
a parecer uma alegoria do vendaval.

O vento sul chegou  
abanando possesso  
a minha velha cidade menina  
roçando casas  
virando esquinas  
levando folhas, areias, conchas.

Sou tua namorada, vento!  
Leva-me também  
leva-me contigo  
para longe de mim.

### ROSA DA FEIRA

Moça desceu lá do morro  
que a feira vai acabar.  
Veio buscar o refugio?  
Fruta estragada no chão  
o pé de couve final  
Caixa vazia de figo  
Varredura de feijão?  
Moça sorriu de contente  
os olhos arregalou.  
Se havia alfaces não viu  
viu uma rosa tombada.  
Moça levantou a flor  
pegou a rosa pisada.

Madame lá da janela  
abanou muito a cabeça  
os olhos arregalou.  
Diabo de negra é essa!  
Vejam só o que ela achou.  
Comida até que eu entendo  
que ela procure no chão  
pois a gente dessa raça  
não quer mesmo nada não.  
Mas gostar assim de rosa  
fazer aqueles dengues todos  
para uma flor murcha de feira. . .  
Isso onde é que já se viu?

Moça sorriu de contente:  
flor é flor embora murcha  
flor faz parte da beleza.  
Adorou aquele achado  
endireitou a corola  
cuidou bem do seu tesouro  
a rosa ressuscitou.  
Moça que mora no morro  
que vai fazer dessa flor?  
Vai botá-la no vestido  
vai enfeitar os cabelos  
para o namorado olhar?  
Vai mergulhá-la na jarra  
de lata do seu barraco?  
— Vou jogar a minha rosa  
nas espumas de lemanjá.

(de *A Dríade e os Dardos*)

## BARREIROS FILHO

Francisco Barreiros Filho nasceu em Tubarão, a 26 de setembro de 1891. Desde os tempos de estudante, manifestava acentuado gosto pelo idioma vernáculo. Inteligência lúcida e grande erudito, bacharelou-se em Letras pelo Ginásio Catarinense, tornando-se um exímio estilista e um mestre no estudo da Língua Portuguesa, minucioso na correção gramatical.

Prosador de estilo brilhante, orador e poeta — formado sob a influência dos portugueses Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco e Fialho de Almeida, bem como dos brasileiros Machado de Assis, Rui Barbosa e Coelho Neto, todos mestres no estilo — Barreiros Filho dedicou-se ao magistério, ao jornalismo e à política.

Desde 1912 pontificava na imprensa, em que deixou vasta produção, sobretudo nos periódicos: *Argos*, *A Semana*, *Terra*, *Ilha Verde*, *República*, *Renovação*, *Oásis* e *O Estado*, do qual se tornou Diretor em 1946. Ativo participante do movimento literário, integrante do grupo constituído por Altino Flores, Othon D'Eça, Haroldo Callado e outros, participou da fundação, em 1920, da Sociedade Catarinense de Letras, atual Academia, em que ocupou a Cadeira n.º 24.

Desde 1916 regia a cadeira de Português e Literatura na Escola Normal, cuja direção ocupou posteriormente por três vezes, vindo a ser nomeado, em 1930, Diretor-Geral do Ensino em Santa Catarina.

Como político, foi Deputado Estadual de 1935 a 1937, Secretário do Governo de Aderbal Ramos da Silva e Assessor Técnico do Governo nas gestões de Celso Ramos e Ivo Silveira.

Faleceu em Florianópolis, a 4 de outubro de 1977.

Sua produção literária está, infelizmente, toda dispersa em jornais e revistas. Destacou-se mais como prosador, sempre hábil no manejo da ironia e vibrante na polêmica, sendo digna de menção a série de crônicas "Os Dias". Como poeta, foi bissexto, não deixando produção muito volumosa, constituída sobretudo de sonetos ao estilo parnasiano.

Sobre ele pronunciou-se Liberato Bittencourt: "Escritor correto, grande conhecedor da língua portuguesa, que estuda com amor e dedicação de um vero apaixonado. É desses espíritos que tentam pôr a mão no coração do universo para poderem tomar com segurança o pulso da Natureza" (Vol. III, p. 96).

CRUZ E SOUSA

I

Cruz e Sousa, meu poeta emparedado,  
Nascestes pária, em casa de um patrão,  
E o leite maternal, por ti sugado,  
Foi um soro letal de escravidão.

Cresceste, e no teu peito rebelado  
Irrompeu tua raça em convulsão:  
Há dores retransidas no teu brado,  
Soluços de senzala na aflição.

Teu pai foi carne negra de um senhor,  
Tua mãe, negra e escrava — que amargura!  
Tu foste a flor dos cardos desse amor,

E és agora uma flor de eterna dura:  
— Flor da raça, maldita em sua cor,  
— Flor da glória, nos hortos da Tortura!

II

Laocoonte em espiras de serpente  
Brame, e reage à constrição que o invade:  
Tal Cruz e Sousa, — um batalhar fremente  
Da Poesia com a Fatalidade!

Curtiu o mesmo círculo mordente  
De áspides, numa agônica ansiedade  
E arfou, convulso, no bochorno ambiente,  
Que era o hálito das bocas da Maldade. . .

E nos tranSES da luta desigual  
Vazou em prosa a mágoa, em versos os prantos,  
BROQUÉIS, FARÓIS, EVOCAÇÕES, MISSAL,

E SONETOS. . . sonetos? não, estrelas,  
Via-Láctea de lágrimas e cantos,  
Que explode em luzes, sem poder contê-las!

III

Foste em verdade sofredor: sedento  
De bálsamos à dor em que ti gemia,  
Foi o verso teu trágico sustento,  
Teu rude pão de fel e de ironia. . .

Tendo o teu ritmo a livre sinfonia  
Que ulula, em vendaval, a voz do vento,  
No pegão dos clamores repelia  
Os moldes mais comuns do pensamento:

Assim a Idéia, musicada em grifos,  
E o original fragor com que rimavas  
Sentimentos rebeldes ou aflitos,

Fazem-te d'alma a forja de um titã,  
Onde o teu verbo olímpico dá lavas  
E golfadas vulcânicas de Chã!

*(da Revista do Centro Catarinense de Letras,  
Florianópolis, Ano I, maio de 1925).*

## MÂNCIO DA COSTA

Antônio Mâncio da Costa nasceu a 15 de fevereiro de 1886 na Ilha de Santa Catarina. Concluídos os estudos secundários, seguiu para o Rio de Janeiro, onde se matriculou e formou em Farmácia, sendo seu diploma assinado por Osvaldo Cruz. Paralelamente estudou também Medicina, tendo por colegas Leonel Franca (mais tarde célebre filósofo jesuíta) e Manuel de Abreu (inventor da Abreugrafia). Após o quarto ano de Medicina, teve que abandonar o curso, regressando doente à terra natal. Para recuperar-se da enfermidade, passou algum tempo em São Joaquim da Costa da Serra, cujo bucolismo o restabeleceu, ativando-lhe a produção literária.

De volta a Florianópolis, iniciou sua atividade política: secretário particular do Governador Hercílio Luz em 1918; Superintendente Substituto (Prefeito) de Florianópolis em 1919; Deputado à Assembléia Estadual em 1922; secretário particular do Governador Adolfo Konder em 1926 e diretor da Instrução Pública (equivalente a Secretário de Educação) em 1927. Em 1928 desentende-se com Adolfo Konder e deixa a atividade política, apenas exercendo ainda a direção da Imprensa Oficial do Estado.

A partir de então dedica-se exclusivamente ao magistério e aos estudos. Foi Catedrático de Português e de Ciências no Instituto "Dias Velho", Diretor da Escola Normal (1932) e um dos fundadores da Faculdade de Farmácia de Santa Catarina (1947), hoje integrada à UFSC.

Iniciado desde cedo no positivismo, Mâncio seguiu seus princípios durante toda a vida. Afeiçoado ao estudo das ciências naturais e físicas, dedicou-se a observações de astronomia e meteorologia.

Cultivou, desde jovem, a arte literária. Como teatrólogo, destacou-se nas peças *Seu Jeca Quer Casar* e no célebre *Flor da Roça*, musical, em parceria com Álvaro Ramos, apresentado em 1922 e que lhe valeu, em homenagem, uma placa de prata, em 1952, no Teatro Álvaro de Carvalho.

Além de estudos de caráter científico, deixou ensaios literários, como: *A Psicologia na Obra de Dannunzio* e *A Química de Os Lusíadas*.

Como poeta, deixou esparsos em jornais e inéditos muitos poemas, sobretudo sonetos que revelam filiação ao Romantismo (pelo conteúdo mais sentimental) e ao Parnasianismo (pelo esmero formal). Seus poemas abrangem dupla temática: a lírico-amorosa e a filosófica, esta incluindo indagações sobre o sentido da vida e poemas científicos.

Mâncio ocupou, como fundador, a cadeira n.º 25 da Academia Catarinense de Letras, cujo patrono é seu tio, Juvêncio Martins da Costa. Faleceu repentinamente em Blumenau, a 10 de junho de 1971.

### MÃOS

Estas que são tão leves como as penas  
e como as penas são doce veludo,  
têm o casto frescor das açucenas  
e o suave perfume sobretudo.

Quando as tenho nas mãos, devoto e mudo,  
aperto-as, beijo-as, mansas e serenas  
e esquecido de mim, de ti, de tudo  
só o meigo tremor lhes sinto apenas. . .

Estas mãos sedutoras, mãos formosas  
onde floresce em cada palma um lírio,  
para a minha alma são mãos misteriosas

que vão tecendo a teia do meu sonho,  
urdindo fio a fio o meu delírio,  
tornando-me o presente mais risonho.

(de *Vida Nova* n.º 6, Joinville, março de 1949)

### ESFINGE

À beira do Deserto a viver o passado  
do faraônico fausto em pedra adormecido,  
a esfinge vela ainda o enigma indecifrado,  
sob a brasa do sol, no areal esquecido.

No solo adusto e nu, do simum açoitado,  
como quem sonha, ou busca um fruto apetecido,  
o indômito felata, o caminho vencido,  
interroga a mudez do monstro esborcinado:

“Que é a vida afinal, com os seus gloriosos pomos?  
Um bem? Um mal? Inferno ou céu? Urzes ou flores?  
Para onde vamos? Onde estamos? e que somos? ”

Ou será que esta esfinge à vida conhecida  
indaga a própria sorte ausente de fulgores,  
na tortura maior de ser incompreendida? . . .

## OLIVEIRA E SILVA

Francisco de Oliveira e Silva nasceu no Recife, em 1897. Ali se formou em Direito e seguiu, em 1919, para o Rio de Janeiro, onde desenvolveu contatos literários nas redações de jornais e em salões.

Em 1921 veio a Santa Catarina, como Fiscal da Inspetoria dos Bancos, em Florianópolis. Aqui casou e teve quatro filhos. Ocupou em seguida o cargo de Promotor Público, mas renunciou e, em 1929, seguiu para Blumenau, onde advogou até 1938. Na entrada da década de 1940 voltou ao Rio de Janeiro. Lá ingressou, por concurso, na Magistratura, inicialmente como Juiz Substituto do antigo Distrito Federal (1944), sendo logo promovido a Juiz de Direito (1946), para alçar-se a Desembargador do Tribunal de Justiça em 1960, cargo em que se aposentou, passando a residir em Teresópolis.

Pertence à Academia Luso-Brasileira de Letras, Academia Teresopolitana de Letras e Academia Catarinense de Letras, tendo sucedido nesta última, a Juvêncio de Araújo Figueredo, na cadeira n.º 7. Seu filho, Léo Vítor, também se destacou como escritor, quer de histórias infantis, quer de três vigorosos romances.

Desde os 15 anos, quando editou seu primeiro livro de poemas, Oliveira e Silva vem escrevendo e editando ininterruptamente. Depois de aposentado sentiu recrudescer necessidade mais profunda de escrever, o que vem fazendo, mesmo octogenário. Publicou 35 livros, entre ensaios, memórias, pensamentos, conferências e, sobretudo, contos e poemas.

O conto o absorveu mais nos últimos anos e vem marcado por características de picaresco, humor e ironia. Tem 5 livros publicados no ramo: *A Máquina da Felicidade*, 1935; *A Mão sem Anéis*, 1965; *Coração Transplantado*, 1968; *A Valsa Vienense e outros Contos Picarescos*, 1972; *A Delfia da Casa Própria*, 1974.

A poesia constituiu sempre seu gênero literário preferido. Publicou 16 volumes de poemas: *Cardos*, 1913; *Emoção*, 1916; *Horizonte*, 1922; *O Poema da Humildade*, 1924; *O Vôo Interrompido*, 1930; *Sagitário*, 1943; *Uma Estrela no Amanhecer*, 1951; *Serenidade e Abismo*, 1956; *51 Sonetos Líricos*, 1957; *Sonata Patética*, 1960, *Antologia de um Pequeno Poeta*, 1967; *Canções de Embalar Marina*, 1969; *Traduções ou Traições*, 1972; *Poesia Espontânea*, 1976; *Volta à Juventude Perdida*, 1977 e *A Chuva no Vento*, 1978.

A poesia de Oliveira e Silva é muito variada na temática. Mas é uma poesia feita de palavras e contendo sentimentos, nem sempre em versos isométricos, sendo estes, às vezes, bastante longos, mas de rima muito constante. Sua poesia é lírico-amorosa, regionalista, religiosa, filosófica, mas sobretudo poesia da vida cotidiana. A crônica da vida e a poesia social destacam-se: são poemas a partir de fatos noticiosos, quadros e retratos da vida do dia-a-dia, cenas vividas, observadas ou alegóricas. A presença bucólica da natureza e um natural sentimento religioso envolvem seu poema que, não raro, revela um desejo de fusão com o cosmos. Às vezes, depreende-se um fino senso filosófico, perquirindo o sentido dos acontecimentos, a passagem do tempo acarretando modificações, as vicissitudes e os ambíguos caminhos do amor.

Segundo declarou Ferreira de Castro: "Lendo-o, nós sentimos que o Mundo é mais belo e profundo do que parece; nós sentimos que a sua poesia ajuda a recriar e a descobrir o Mundo".

Hélio Chaves dedicou um alentado estudo à poesia deste autor em *Oliveira e Silva, o Homem e o Ético na Poesia*.

## ILHA

Quisera ser uma dessas ilhas  
Desconhecidas,  
Perdidas, perdidas,  
Em meio do mar.

Com árvores selvagens, cujos ramos  
Mão nenhuma pudesse tocar.  
Onde somente os pássaros viajeiros  
Pousassem para gritar.  
Cheia de penhascos, que as espumas  
Bravias do oceano  
Viessem borrifar.

Quisera ser uma dessas ilhas,  
Que os navios não vêm, ao longe,  
E o clarão dos faróis não pode revelar.

Para sentir, à noite, ante a pureza  
Do céu e sua música estelar,  
Toda a palpitação da terra  
Onde há vidas anãs a rastejar,  
E coqueiros esgalgam-se, esguios,  
Espionando o mar.

Quisera ser uma dessas ilhas  
Que parecem o sonho do mar,  
De verdes vivos, rochas desafiantes,  
Flores imensas e coloridas,  
De beleza espetacular.

Nas noites claras em que as ondas rolam,  
Com uma fosforescente pedraria,  
— Ilha encantada — brandejar,  
Sob o luar, como outro luar. . .

Uma dessas ilhas desconhecidas,  
Perdidas, perdidas  
Para sempre, no mar. . .

(de *Sagitário*)

## HÁ SEMPRE UM NOME

— Chuva remota que sussurras sobre as torres e os telhados,  
Por que me evocas o seu nome, a melodia do seu nome?  
Por que compões uma cantiga que ressoa sem palavras,  
E fazes doer aquela dor que não se apaga, não se some?

— Chuva remota! — Sabes ao menos, da existência dos cansados,  
Dos que sofrem de ternura a fome terrível, secreta fome?  
Quando começas a cair, os nossos olhos ficam molhados,  
Que há sempre um nome inextingível, doce nome, caro nome. . .

(de *Sonata Patética*)

## A CHUVA NO VENTO

Que somos nós, senão a chuva e o vento,  
Quando, por um acaso, dialogamos,  
Sob um céu vago, às vezes pardacento,  
Ao gemerem as árvores nos ramos?

Quem mais desce ou mais sobe? O movimento  
É de um galope rápido nos ramos  
Das árvores vergadas pelo vento  
Que fustiga, decerto, o que sonhamos.

Que somos nós? O torvelinho, o alento  
Exausto, raro o rútilo momento,  
Quando, irrequietos, nós nos encontramos.

O vento assovia e vaia, violento.  
Não nos enxuga as lágrimas o vento,  
O vento se espedaça e desmoronamos.

*(de A Chuva no Vento)*

## ALFREDO DE OLIVEIRA

Nasceu Alfredo de Oliveira em São Francisco do Sul, a 20 de março de 1863. Após os estudos primários, foi, aos doze anos, estudar na Corte, onde continuou, depois de completar Humanidades, por algum tempo, a desfrutar das rodas estudantis, da boêmia intelectual e do teatro, aprimorando sua cultura e gosto artístico.

Aos 25 anos regressou à Província, radicando-se em Joinville, onde se associou, no comércio, ao cunhado Abdon Batista.

Como político, teve marcante atuação dentro do partido Republicano. Foi eleito deputado estadual por Joinville, em duas legislaturas. Exerceu também o cargo de superintendente municipal de Joinville.

Católico de religiosidade convicta, intelectual de destacada cultura para a época, espírito dotado de alto civismo e moral, o Cel. Alfredo de Oliveira colocou sua cultura e inteligência a serviço da causa pública joinvillense e da promoção da paz e do sadio convívio social. Como intelectual e político, demonstrou sempre elevação de espírito, nobreza de sentimentos e culto à verdade.

Embora versejasse desde a mocidade, seu estro poético manifestou-se mais intensamente na idade já avançada, sobretudo por influência da grande dor que o torturava após sofrer o duro golpe de perder sua filha mais moça, Emília, num acidente na praia de banhos. Em consequência, grande parte de seus sonetos estão impregnados de profunda dor e amargura. Tencionava publicar um livro de poemas, mas não chegou a fazê-lo. Seus escritos ficaram dispersos por quase todos os jornais do Estado e mesmo por diversos de outros Estados, com os quais colaborou.

Faleceu a 25 de junho de 1946, na avançada idade de 83 anos, deixando quatro filhos e duas filhas, todos bem situados.

## VIDA

Vida, ó vida, que és tu? vereda incerta  
Estrada do sofrer e da amargura,  
Eterna sucessão de desventura  
Em que do pensamento a luz deserta!

Deveza sempre dúbia, sempre escura  
A nos mostrar o fim, fatal e certo  
A fria tumba cuja porta aberta  
É o fantasma da Paz e da Ventura!

Ó vós que de uma efêmera alegria  
Vos orgulhais e que na curta sorte  
Viveis com a ilusão de eterno dia.

Lembrai-vos que na vida há um só norte  
Que nos conduz p'ra torva penedia,  
Para o Fim, para o Nada, para a Morte!

*(de Álbum Histórico do Centenário de Joinville)*

## CRISTO NO CORCOVADO

Na gigantesca rocha, colossal  
— Braços em cruz a dominar o espaço —  
Num amplexo imenso, universal,  
Abres o peito em dadivoso abraço.

Abres, sereno, almo e fraternal,  
Eternamente bom e sem cansaço  
— A um tempo austero, meigo e paternal  
Do teu Amor o cândido regaço.

Senhor! Ó Deus clemente, lá da altura  
Donde tu vês, no desvario terreno  
da turba ignara a rábida loucura,

Dá-lhe tua Luz, ó Doce Nazareno,  
Dá-lhe essa Luz que há dois mil anos pura,  
Radiante espalha o teu olhar sereno!

*(de Vida Nova n.º 3 — Joinville, Nov/48)*

## ANTENOR MORAES

É natural de Taquari (RS), onde nasceu a 14 de outubro de 1881. Transferiu-se em 1924 para Santa Catarina, residindo durante três anos em Imbituba e depois em Florianópolis. A partir de 1933 foi inspetor escolar do ensino secundário. Colaborou constantemente em diversos jornais e periódicos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, entre outros: *República, A Gazeta, O Estado, Anuário Catarinense*, etc.

Publicou os livros: *Na Fazenda* (poesias regionais gaúchas), *O Crime da Aldeia* (poesia), *A Pátria* (poesia), *O Pão Nosso* (poemas sobre a campanha de plantio do trigo).

Em 1955, acometido de grave enfermidade, procurou recursos em São Paulo, mas não resistiu, vindo a falecer a 7 de dezembro daquele ano.

A poesia de Antenor Moraes apresenta constante tendência descritiva, ao gosto do Parnasianismo. Envolvendo-a muitas vezes em sensível bucolismo, decantou muito a paisagem da nossa Ilha, onde viveu por trinta anos e onde escreveu seus melhores versos.

No *Anuário Catarinense* de 1956, em artigo intitulado "Morreu um Poeta", M.C. (Martinho Callado) assim o caracterizou: "Nasceu gaúcho e poeta; poeta e gaúcho viveu a vida inteira... Era franco, simples e bom como uma criança. Revelou sempre muito amor pela natureza que descreve amiúde nos versos com acentuado naturalismo... Bom e simples, amava as coisas boas e puras...".

Embora gaúcho de nascimento e alma, viveu muitos anos em nossa terra, amou-a e aproveitou sua paisagem para muitos poemas, pelo que podemos considerá-lo também dentro de nossa Literatura.

## DESCANSEMOS

Vamos parar aqui. Depois desta jornada  
Que fizemos, faz bem um decanso sadio  
À proteção da sombra, há muito desejada,  
Desta rude figueira, à margem deste rio.

Não precisas temer a mata engrinaldada  
Que de nós perto está, festejando o estio.  
Vou dela te trazer a fruta delicada,  
O perfume da flor e o musgo mais macio. . .

Vê como se ama aqui! Os próprios malmequeres  
São vassalos do Amor, são almas de mulheres  
Amando à luz do sol, pecando à luz da lua. . .

Neste sagrado altar não vive um só mistério  
Porque o eterno Amor rege o seu grande império  
No divino esplendor da Natureza nua! . . .

(de *Anuário Catarinense*, 1956 - p. 124)

## SILHUETA MARÍTIMA

Costa extensa de mar . . . Rumorejando  
Sobre rochedos vêm, uma por uma,  
Cadencialmente, as ondas se quebrando  
Em farfalhante turbilhão de espuma.

O céu empalidece. . . Um calor brando  
Todo o ambiente límpido perfuma  
De bálsamos sutis. Vem arrastando  
O silêncio da tarde o véu da bruma.

E quando o extenso mar todo se turva,  
De um navio aparece, além na curva  
Oriental, a grande silhueta.

E qual dragão dantesco e singular,  
Vai o gigante cavalgando o mar,  
Sob um novelo de fumaça preta . . .

(de *Anuário Catarinense*, 1948 - p. 64)

## CARLOS CORRÊA

Carlos José da Mota de Azevedo Corrêa, irmão de um dos componentes da trindade parnasiana, Raimundo Corrêa, nasceu no Rio de Janeiro, a 13 de janeiro de 1886. Formou-se pela Faculdade Nacional de Medicina em Farmácia, em 1906 e em Medicina, em 1911. Durante o período acadêmico foi revisor de jornais. Já formado, e como médico do Ministério da Agricultura, veio a Santa Catarina.

A partir de 1913 está em Florianópolis, onde desenvolveu intensa atividade como médico, ligado a instituições oficiais. Em 1926 foi nomeado membro do Conselho Penitenciário do Estado, do qual veio a ser presidente em 1935. No mesmo ano de 1935 foi o mais votado para a Câmara Municipal de Florianópolis, da qual foi presidente, e foi, ainda, recebido na Academia Catarinense de Letras. O jornal *República*, de 7/10/1926 transcreve seu discurso de posse, bem como o discurso de recepção, por José Boiteux.

No ano seguinte, Adolfo Konder o nomeia Diretor de Higiene do Estado e Diretor da Maternidade de Florianópolis, entidade que ele ajudara a fundar e que posteriormente passou a denominar-se "Maternidade Carlos Corrêa". Exerceu também o magistério.

Como profissional de Medicina, pertenceu a várias associações e escreveu duas obras. Como amante e cultor da poesia, foi membro titular da Academia Catarinense de Letras (cadeira n.º 39), membro correspondente das Academias Mineira e Rio-Grandense de Letras, tendo deixado muitos poemas em jornais e revistas, bem como o livro publicado postumamente: *Confidências* (1948). Foi ainda membro dos Institutos Históricos de Santa Catarina e de Minas Gerais.

Faleceu a 29 de novembro de 1947, em São Bento do Sul, tendo deixado cinco filhos e a esposa D. Maria Guiomar de Almeida Corrêa.

Pelo conteúdo, a poesia de Carlos Corrêa inclina-se talvez mais ao Romantismo, embora a forma seja parnasiana. A maior parte de suas composições é constituída de sonetos. Sua temática abrange sobretudo o amor, mas tende constantemente a um tom elegíaco, de tristeza e desilusão. A lírica amorosa sempre conduz o belo e feliz início a um desfecho desilusório, de incompreensão ou separação, retratando o amor irrecuperável, do qual resta apenas a saudade na evocação do passado de sonho. Como parnasiano, no entanto, esse sentimento elegíaco é bastante contido. Destacam-se, ainda, na

sua poesia: a criação de quadros descritivos da natureza, poemas narrativos, passagens de religiosidade e admoestações à virtude e ao amor.

Almiro Caldeira de Andrada, seu sucessor na Academia, publicou na revista *Signo*, n.º 3, um estudo interpretativo: "Carlos Corrêa e a Expressão de sua Temática".

### TEU AMOR

Teu amor, faz lembrar a folha mal-nascida,  
Que da árvore arrancou um golpe de tufão,  
E que ao léu, sem destino, ao vento sacudida,  
Sobe, volteia no ar, para rolar no chão.

Teu amor foi assim. . . Promessa mal-contida,  
Feita no impulso bom de uma grande paixão,  
E que após ser jurada, a boca arrependida  
Não sabe repetir e faz-se negação.

Foi assim teu amor. . . E pela vida afora,  
Irás amando assim, e irás jurando, embora  
A essas juras não dêes o seu justo valor.

E como um sonho bom que passa e se evapora,  
Como a folha o vento arranca e joga fora,  
Foi assim teu amor. . . Foi assim teu amor. . .

### A FIGUEIRA

Essa figueira, a cuja sombra amiga  
Vens te abrigar em tardes de verão,  
Tem uma história delicada e antiga  
Que fala à alma e toca o coração.

Contam que um noivo, que hoje a dor fustiga  
E torna presa de desolação,  
Plantou-a em honra à linda rapariga  
A que o ligara férvida afeição!

Mas a noiva morreu-lhe, e o desgraçado,  
Junto à Figueira, vinha diariamente  
Chorar a morta e o seu amor fanado.

E o pranto seu, fertilizando o chão,  
Transformou-a nessa árvore frondente  
Que hoje te abriga em tardes de verão!

(de *Confidências*)

## CASTORINA LOBO DE S. THIAGO

Castorina Gonçalves Lobo nasceu em Tubarão, a 28 de dezembro de 1884. Teve infância calma e feliz. Em 1890 seu pai, militar, é transferido para a Capital. Ali Castorina fez estudos primários e secundários. Aos quinze anos, aguardando idade para ingressar na Faculdade de Medicina, inicia carreira no magistério, que a fascinou e lhe proporcionou condições de realizar os pendoros literários. Torna-se, também, assídua colaboradora da imprensa em várias cidades.

Em 1906 chega como professora a São Francisco do Sul. Decide não mais separar-se da família e desiste do curso de Medicina. Encontra-se com Vicente Lobo São Thiago, com quem casa a 16 de março de 1907. Este a incentiva na atividade literária, que nunca esmorece. Na década de 1930 foi residir no Rio de Janeiro, dedicando-se a estudos religiosos e filosóficos.

O golpe da morte do esposo, em 1941, fê-la transferir-se para Florianópolis, passando a morar com a filha Vicentina, casada com Dr. Polydoro S. Thiago. Em 1942 vai residir com sua outra filha, Branca Flor, em Blumenau. É a época em que, embora tardiamente, se desencadeia sua atividade poética, sobretudo movida pela saudade do inesquecível companheiro. E em Blumenau falece a 24 de agosto de 1974.

Em 1958 fora eleita para ocupar a cadeira n.º 10 da Academia Catarinense de Letras, sucedendo à poetisa Delminda Silveira. Além de poemas esparsos em periódicos e de outros inéditos, publicou os seguintes livros de poesia: *Rimas de Outono* (1955), *Clarinadas* (1959) e *Aquarela da Ilha de Santa Catarina* (1962).

Sua poesia pode ser considerada ainda ligada ao Parnasianismo, no seu culto à forma fechada do soneto, geralmente decassílabo e perfeitamente rimado, abordando a temática descritiva de quadros da natureza ou da alegoria humana. Muitos poemas cantam circunstâncias familiares ou patrióticas. A filosofia espírita e a luz evangélica orientam sua cosmovisão, considerando-a sempre uma simples passagem para o além. Revela grande senso humanitário e vivo sentido de moralização, a par de sincera vibração religiosa e fé inabalável no Senhor do Universo.

Prefaciando *Clarinadas*, Othon D'Eça ressalta que Castorina resistiu aos novos caminhos da Poesia: "Poetisa para quem o verso não perdeu aquela música e aquele aroma lírico que fizeram a existência em outros tempos uma fragrância perene e um eterno sonho (...) Os seus motivos, feitos do mais puro

idealismo lírico, revelam um sossego íntimo, aquela paz deliciosa em que a alma se aconchega, contente da sua tranqüilidade, da sua pureza e da sua fé (...) Temperamento sensível e tímido... prefere procurar emoções tênues, macias e aladas", constituindo "o maior encanto deste seu livro: a vibrante alegria, uns leves tons ingênuos e a doce sensibilidade que em cada página vivem e cantam".

### VIVER E VEGETAR

A Vida é doce bem ou cálix de amargura,  
Florido roseiral, ou senda de silvais,  
É misto de prazer, de dor e de tortura,  
Ciclo de provas bem duras e cruciais.

Viver da carne! Que ilusão da mente humana,  
Para gozar o bem sublime de viver,  
É preciso quebrar a ganga vil, mundana,  
Que das belezas da alma impede o resplender.

O Grande Foco Eterno e Divinal  
Acende, em cada ser, a lâmpada imortal  
Para a finalidade excelsa de brilhar! . . .

As cinzas da maldade intensa e da ignorância  
Abafam, geralmente, o brilho, a rutilância,  
Que distinguem o Viver do simples vegetar.

### MEU CORAÇÃO

Uma por uma, as folhas vão caindo,  
A desnudar essa árvore, que deu flores,  
Deu sombra e sob os ramos protetores,  
Abrigou frutos de sabor infindo!

Vai se acabando o Outono. O Inverno chega.  
É patente o prenúncio das nevadas. . .  
Feias parcas se abatem, em revoadas,  
Sobre a rama, onde o mocho se aconchega.

E o velho tronco anoso e solitário,  
Já não tem a beleza, que foi sua,  
Cedendo ao Tempo, indômito, arbitrário.

Mas não é realmente o que parece. . .  
A vida está no cerne e nele estua. . .  
Assim, meu coração. . . Nunca envelhece. . .

(de *Rimas de Outono*)

## GERALDO ATTO DE AZEVEDO

Geraldo Atto de Azevedo, conhecido como "O Poeta de Biguaçu", nasceu a 22 de maio de 1885, em Ribeirão do Meio – Camboriú, onde viveu os primeiros anos. De 1903 a 1921 residiu em Canasvieiras, onde se impregnou com o contato íntimo da paisagem marinha. Em seguida passou três anos no Rio Grande do Sul, donde veio para fixar residência pelo restante da vida em Biguaçu, como comerciante. Ali casou posteriormente com Izaura Silva, a quem amava desde os tempos escolares. Faleceu a 30 de janeiro de 1947, deixando cinco filhos.

Geraldo é um desses poetas simples e espontâneos do povo. Nunca teve grande iniciação nas regras da Arte Poética, na metrificacão meticulosa, nos mistérios das rimas e dos ritmos. Escreveu seus versos como amador, praticando geralmente com correção o soneto. Sua produçãõ ocupou os jornais da época.

Após a morte, alguns amigos reuniram num opúsculo 39 sonetos seus (*O Poeta de Biguaçu*, Florianópolis, 1948). Seus sonetos revelam um misto de Romantismo e Parnasianismo, cantando sobretudo a natureza e o sabiá, particularmente, o mar, as praias e o pescador, bem como a amargura do coração ante os vícios e maldades do mundo.

Sobre ele escreveu Liberato Bittencourt em sua *Nova História da Literatura Brasileira*: "Escreveu sonetos, verdadeiros cromos, pintando com maestria lindas paisagens. Cantor subjetivista, de boa cultura literária... Escreveu com facilidade e delicadeza, como quem sabe tomar com firmeza o pulso das escolas em uso" (Vol. III, p. 332).

## PAISAGEM

Aqui o mar sereno a espreguiçar-se  
Na praia, — o longo leito alvinitente; —  
O céu límpido e puro a retratar-se  
Das águas no espelho transparente!

Qual argêntea serpente a enroscar-se  
Passa ali o ribeiro mansamente,  
E à tarde em suas águas vai banhar-se  
De garças brancas um casal contente!

Lá estende-se o alegre e verde prado  
De polícromas flores matizado  
Onde adejam falenas multicolores.

Além, distante, à beira da estrada  
A casinha gentil da minha amada,  
Ninho doce e feliz de meus amores! . . .

## GEMIDOS

Febo se oculta! A tarde vai morrendo!  
Há por tudo uma sombra de tristeza!  
A cachoeira, além, se ouve gemendo,  
Geme a rola dos bosques na devesa!

A noite vem, de trevas estendendo  
O manto em que amortalha a natureza;  
A paz erma, o silêncio o campo enchendo  
De amores faz gemer a camponesa.

Ao longe, muito longe, o mar gigante  
A praia vem beijar de instante a instante,  
Gemendo sem cessar, constantemente.

E lá da ermida a torre que campeia,  
Deixa cair, saudoso, sobre a aldeia,  
De gemebundo sino o som plangente! . . .

(de *O Poeta de Biguaçu*)

## J. AMAZONAS

João Batista Amazonas nasceu em Propriá (Sergipe) a 3 de agosto de 1890. Frequentou o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, onde estudou jornalismo.

Em 1917 transferiu-se para Santa Catarina, aqui passando os restantes anos de sua existência. Trabalhou como advogado provisionado, sobretudo nas comarcas de Joaçaba e Campos Novos, até 1933. Nos anos seguintes, praticou o jornalismo, dirigindo o jornal *A Voz do Oeste*, de Joaçaba, época em que empreendeu vibrante campanha de crítica aos perigos do fascismo. Em 1944 passou a residir em Caçador, onde exerceu o cargo de Diretor da Biblioteca Municipal, até 1952. Ali faleceu a 12 de janeiro de 1955.

Sua atividade literária dividiu-se entre o jornalismo e a poesia. Em 1946 obteve o segundo lugar em concurso literário promovido pela Liga de Defesa Nacional do Rio Grande do Sul. Publicou um livro de poemas: *Nebulosas*. Posteriormente apareceu outra edição aumentada do livro, organizada por Celso Amazonas: *Nebulosas e Poesias Dispersas*.

O poema de J. Amazonas revela a consciência do poeta sobre a situação do homem no mundo, sujeita à provação e a angústia. No canto trágico do sofrimento e da desilusão, assemelha-se mesmo a Cruz e Sousa. Lançando interrogações existenciais, apresenta uma imagem amarga e dura da vida, desvirtuada por tantos descaminhos. Sente-se os frêmitos vitais brotarem vibrantes de seus poemas vivenciados. Um constante apoio espiritualista consubstancia-se em convite à elevação ética e à ânsia superior por uma vida justa e livre.

Formalmente, prefere o poema metrificado e rimado, sobretudo o soneto, que cultiva com perfeição. Sua linguagem vigorosa reveste-se de dinamismo, em decorrência do emprego seletivo de verbos, adjetivos e substantivos.

## DÚVIDA

Essa dúvida atroz que me entedia  
E me faz delirar num surdo anseio,  
Dá-me aos sentidos a impressão doentia  
De que desprezo tudo e tudo odeio.

Por que tanto me aflige e de onde veio  
Esse humor que me abate e me agonia?  
Será raiva, paixão, melancolia  
Ou marasmo que acaba em vil receio?

Ah! nessas horas de aflições veementes,  
De surda angústia, de paixões latentes,  
Eu quisera, num êxtase profundo,

Ao invés do nada que meu todo encerra,  
Ser estrela, ou ser pedra sobre a terra,  
Ser tudo aquilo que não sou no mundo.

## SONHAR

Eu, que fui sempre um sonhador ardente,  
Todo animado de um ideal risonho,  
E ser, agora, um mísero descrente  
Da própria Luz em que meus olhos ponho?

Mentira! Embora o mundo, ontem ridente,  
Hoje me seja aspérrimo e tristonho,  
Quero a vida sofrer, constantemente  
Perdido na miragem do meu Sonho.

E, doce e eterno engano de minha alma  
Em horas mansas de infinita calma,  
Por ele sofro e minha dor abrando.

Se fui louco em sonhar, santa ventura:  
— Que os loucos, na vertigem da loucura,  
Têm a delícia de morrer sonhando!

*(de Nebulosas e Poesias Dispersas)*

## MÁRIO VIEIRA DA COSTA

Nasceu em Lages, a 30 de agosto de 1888, descendendo de importante família da sociedade local. Othon D'Eça reconhece nele um romântico autêntico, não só pela sua poesia, mas também pela sua vivência, pois, não obstante descender de tradicional família de políticos, viveu alheio a essa realidade, entregue ao culto da poesia. Foi um colaborador constante de vários jornais, não só de Lages mas também de Florianópolis, como *República* e *A Gazeta*. Assinava muitas vezes com o pseudônimo Marcus Vinicius.

Escreveu vários livros em prosa: *Algumas Páginas* (contos, 1920); *Reminiscências* (contos, 1925); *Lágrimas Ocultas* (romance, 1938) e *As Xifópagas* (novela). De poesia, além das constantes publicações em jornais, editou dois livros: *Rimas da Solidão* (1928) e *Estrela D'Alva* (1943), ambos editados em Florianópolis.

Sua poesia é lírica e filia-se sobretudo ao Romantismo, embora composta em pleno século XX. Canta os enlevos amorosos, a saudade e o êxtase por sua terra natal, valorizando muito a natureza amiga, além de externar seus sentimentos cívicos ante temas patrióticos, deixando também ressoar sua fé e espiritualidade.

Othon D'Eça, no prefácio a *Estrela D'Alva*, reconhece que o livro não é "uma obra definitiva, um florão de obras-primas". Mas, considerando que "vivemos num mundo infenso às emoções", podemos encontrar "em *Estrela D'Alva* muitos versos que revelam, de maneira nítida e forte, a tortura de um espírito que se esforça por traduzir a graça e a beleza do ritmo, os sons, a luz e o colorido da paisagem sentimental em que a vida se justifica, se sublima e se transfigura".

Mário faleceu em Porto Alegre, a 7 de abril de 1971.

O erudito historiador Licurgo Ramos da Costa, na sua *História Geral de Lages*, a ser em breve publicada, ao tratar da evolução cultural e da presença da poesia em Lages, além do poeta Mário Vieira da Costa, refere-se a outros que desenvolveram relevante atividade poética, principalmente: Henrique José Siqueira, o primeiro no tempo; Sebastião da Silva Furtado, que chegou a ser influenciado pela poesia simbolista de Cruz e Sousa; Caetano Vieira da Costa, irmão de Mário; Antônio Joaquim Henriques, perseverante e fecundo poeta que assinava muitas vezes com o pseudônimo "Tota"; Wilson Vidal Antunes (Sênior), além de outros.

## OS OLHOS

Os olhos são da alma as janelas,  
Refletem do interior as emoções,  
Mostram o furor das íntimas procelas  
E algo do que sentem os corações.

São lagos calmos os olhos das donzelas,  
Os de Jesus são fontes de perdões,  
Os dos maus — abismos de maldições,  
Os das crianças — estrelas muito belas.

Os olhos de Maria são os faróis  
Que guiam à eterna salvação,  
Os dos amantes são ardentes sóis.

Os dos santos têm luz da redenção,  
Os da juventude — são arrebóis,  
E os das mães — vitrais do coração.

*(de Rimas da Solidão)*

## SAUDADE

Saudade! Secreta mágoa indefinida,  
Do coração recôndita harmonia,  
Saudade! Dor da ausência e da partida,  
Que punge e faz sofrer melancolia.

Saudade! Lenço ao longe em despedida,  
A dor de quem ficou, a dor de quem partia,  
Saudade! Livro pretérito, da vida,  
A valsa da lembrança "Nostalgia".

Saudade! Sol que morre atrás do monte,  
Saudade! Vela branca no horizonte,  
Adeus que é soluçado em alto-mar!

Saudade! Violinar do coração,  
Saudade! Padecer da solidão,  
Um túmulo banhado de luar!

*(de Estrela D'Alva)*

## NICOLAU NAGIB NAHAS

Nagib Nahas nasceu na cidade de Campos (RJ), a 2 de março de 1898, de pais sírios. Ainda criança, veio para Florianópolis, onde viveu toda a vida. Gênio alegre e bondoso, exerceu o funcionalismo. De 1918 a 1929 desempenhou as funções de Oficial do Registro Civil, Escrivão do Juízo Federal, Escrivão do Crime, Escrivão do Cível, Escrivão da Polícia Militar. Em 1932 foi investigador da Delegacia de Polícia. Por ocasião da revolta de 1932, foi convocado para Polícia Militar como 2.<sup>o</sup> Tenente. Parece ter sofrido grave decepção política, que o levou ao leito e à morte, com apenas 36 anos de idade, a 26 de fevereiro de 1934.

Casou a 10 de dezembro de 1922 com Carmen Hoffmann, natural de Palhoça, com quem teve sete filhos. Pertencia à Irmandade do Senhor dos Passos.

De 1925 a 1932 trabalhou em várias peças teatrais, todas promoções beneficentes. Marcou época, em 1927, a revista "Ilha dos Casos Raros", de sua autoria. Membro ativo de sociedades literárias, grande orador, marcava presença constante em jornais e revistas da época, com poesias, crônica social, comentários sobre teatro, poesia e política. Ocupou a redação de: *Revista Ilustrada* (1918), *A Semana* (1922), *Revista Ilha Verde* (1930).

Além dos numerosos poemas esparsos, publicou os seguintes livretos: *Hosanas ao Estado de Santa Catarina* (1916), *Canções Incultas* (1922), *Boas Festas* (1932), *Prelúdios Vespertinos* e, em edição póstuma, em 1947, a família publicou *Versos da Minha Vida*.

Seus versos são sempre metrificados, de rima constante, predominando o soneto. Há muita poesia de circunstância, celebrando momentos patrióticos, personalidades ou membros familiares. Depreende-se de muitos poemas seus uma grande fé e confiança em Deus, ao lado daqueles momentos de pessimismo, como também manifesta amiúde seu profundo sentimento de solidariedade e de virtude. Segundo Barreiros Filho, em nota introdutória a *Versos da Minha Vida*, Nahas "não se preocupou muito com a forma. Como quem quisesse pegar, num só gesto, a idéia e as emoções, atirava num jato abundante o seu soneto ou a sua composição literária, livre dos incômodos da técnica". E acrescenta: "não deixou coisa notável. Mas, na escassez de cultura florianopolense, vale a pena registrar que ele foi um espírito bom e grande".

Os familiares do poeta estão providenciando uma reedição de seus poemas.

## ASPIRAÇÃO SUPREMA

Alma que tanta dor sofreste, certo  
Outra não há como esta que persegue  
O meu ser que da mágoa vive perto  
E as pegadas da Angústia ansiosa segue. . .

Alma que já descreu de tudo. . . Agora  
Enclausurada vive no meu ser;  
Já não lhe emociona o vir da Aurora,  
Só quer silêncio e dor. . . Só quer sofrer!

Predestinada à Dor, à Dor cativa,  
Mesmo que ela assim na mágoa viver  
Ela aspira sorrindo alguma cousa. . .

É desgarrar-se um dia da matéria,  
E voar em busca da Mansão Sidérea,  
Ou descansar por fim sobre uma lousa! . . .

(de *Canções Incultas*)

## ÁRVORE VELHA

Como a árvore velha, desgalhada,  
Que não dá frutos mais, nem folhas tem,  
Nem sombra amiga pode dar a quem  
Parou, exausto e exangue em meio à estrada,

Ó minha mãe assim sou eu também,  
Porque tu foste a seiva pura e amada  
Desta existência minha atribulada,  
A vida, o encanto, o amor, o anseio e o bem!

Eu guardarei, porém, a graça e o encanto  
E a bondade de teu olhar tão santo  
E os beijos que me deste, idolatrados.

Como a árvore velha guarda ainda  
A saudade do tempo que foi linda  
E teve seiva e ramos enflorados!

(de *Versos da Minha Vida*)

## OTAVIANO RAMOS

Nasceu em São José, a 11 de março de 1882, de família tradicional e de boa posição social. Em 1905 transferiu-se para Indaial, onde permaneceu por 17 anos como chefe da Estação Telegráfica. Lá casou, em 1907, com Adélia Gruner e lá compôs grande parte de seus poemas que retratam seu amor e feliz convivência com a esposa e com os filhos que alegravam o lar, sua serenidade e ternura.

Já com três filhos em idade escolar, aceitou com prazer a remoção para Itajaí, onde permaneceu só dois anos, passando a residir em Blumenau. Nessa cidade iniciou longa e profunda amizade com o historiador J. Ferreira da Silva, editando os dois o jornal *A Cidade*, que Otaviano dirigiu de 1926 a 1930, redigindo editoriais, as notas mais importantes, escrevendo contos, crônicas e poemas, assinados com o pseudônimo JOR.

Em 1931 foi removido para a Diretoria Regional Telegráfica de Florianópolis, onde passou também a dirigir o jornal *O Apóstolo* e a página literária de *A Gazeta*. Em 1937 aposentou-se, mas continuou em Florianópolis até 1952, quando se transferiu para sua terra natal, São José, para a casa onde nascera e onde tencionava morrer. Mas, em 1954 seu filho mais moço assumiu a promotoria de Canoinhas, levando consigo os pais. E lá, a 6 de outubro de 1954, Otaviano Ramos faleceu de insuficiência cardíaca, aos 72 anos.

Otaviano era um temperamento mais contemplativo, tímido, introvertido e discreto, um espírito profundamente crente, religioso e quase místico — qualidades que se refletem na sua poética. Era também jornalista vigoroso, versátil e idealista. Sua forma poética preferida foi o soneto, por vezes de sabor romântico, mas geralmente de influência parnasiana. Sua produção poética abrange sobretudo três linhas: a celebração do amor e da vida familiar, em sonetos de muita simplicidade, ternura e placidez; a vibração ao impacto da cidade e dos centros mais intelectuais, que tornou sua poesia mais inflamada; e a religiosidade, sobretudo o culto a Nossa Senhora, o que fez com que fosse chamado de "Poeta da Virgem". Infelizmente, nunca chegou a reunir seus poemas em livro.

J. Ferreira da Silva pronunciou, em 1970, uma conferência na Academia Catarinense de Letras sobre o poeta, trabalho que foi posteriormente mimeografado com um apêndice de muitos poemas de Otaviano.

## ASCENSÃO

Como o canoro pássaro liberto  
Do cativo em que a penar vivia,  
Batendo as asas, num revoar incerto,  
Em gorjeios traduz sua alegria,

Também tu, pobre coração, desperto  
Do silêncio mortal que te angustia  
Èrgue-te e deixa o cárcere deserto,  
Foge a essa estância lóbrega e sombria.

Faz-te senhor, em vez de ser cativo.  
Desfere, e aos céus altíssimos levanta,  
Um canto varonil, claro e festivo.

O vôo alça, num místico transporte,  
E no afago da luz unge-te e canta!  
Canta a glória e a alegria de ser forte!

## VELHO TEMA

Muita gente há que a vida amaldiçoa  
Só porque não tem brilho a sua estrela.  
Queixa-se, clama e desespera à toa  
Perde a alegria, sem poder reavê-la.

A vida é sempre bela e sempre boa  
Quando um raio de luz paira sobre ela.  
Pois se o olhar do bom Deus nos abençoa,  
Que mais lhe falta para ser mais bela?

Mal um sopro de dor nos entra n'alma  
A fé perdemos, fuge-nos a calma  
Que muitas vezes nunca mais se alcança.

Sem nos lembrarmos que melhor seria  
Fazer toda a terrena travessia  
À celeste mercê duma esperança.

## TRAJANO MARGARIDA

Nasceu Trajano Margarida no Desterro, a 16 de janeiro de 1889. Foi casado com Mamede Luz Margarida e grande amigo de Ildefonso Juvenal. Como funcionário público, não teve uma carreira muito tranqüila. Participou decididamente das manifestações e círculos literários do seu tempo, marcando presença constante em jornais e periódicos. Espírito lírico e sentimental, um tanto pessimista, sofria facilmente as influências dos acontecimentos e do meio social. Assim, a morte de seu filho Nélon, aos 20 anos, marcou sensivelmente sua vida e poesia. Faleceu, humilde como sempre foi, a 14 de setembro de 1946.

Chamado de *poeta do povo*, devido à sua despreocupada simplicidade, deixou vasta produção esparsa em jornais, além de uma série de livretos, como: *O Natal do Orfãozinho*, 1914; *Pic-nic da Morte*, 1916; *A Fome e a Seca no Ceará*, 1919; *Minha Terra*, 1926; *Brack*, 1936; *Paz*, 1936; *Nélon*, 1943; *A Pátria e o Sorteado*.

Poeta sentimental e sofrido, sua poesia abarca diversas linhas, como: a temática amorosa e de saudade, reflexões de fundo religioso, poemas de circunstâncias sociais, casos familiares e pessoais e muitas letras de hinos.

Liberato Bittencourt se refere a Trajano como "cantor lírico, um tanto pessimista, caprichoso no arquitetar bons sonetos. Sensibiliza quem o lê: é o poeta do povo" (Vol. IV, p. 172).

E Othon D'Eça, num artigo que escreveu sobre esse que chamou "dos mais lídimos e genuínos poetas do povo", assim se expressou: "O Sr. Trajano Margarida é, na verdade, um poeta de suave emoção, com o sentimento muito profundo das incoerências da vida, de que sabe tirar, sem rancores e sem pessimismo, motivos sonoros e ritmos que comovem e que encantam. Pode não ser um artista perfeito... Mas o que ninguém lhe pode negar, sem clamorosa injustiça, é a sua inteligência e sua ternura pelos que sofrem, o seu largo sentimento por todos os que, como ele, são vítimas de incompreensão do seu tempo e da indiferença do seu ambiente".

## ETERNA SAUDADE

Esquecer-me de ti, não me foi dado ainda,  
Um momento, sequer, durante a tua ausência.  
Comigo vive sempre esta saudade infinda,  
A iluminar feliz meus dias de existência.

A todo instante escuto a doce confiança  
De uma jura de amor, cheia de afetos, linda.  
Do teu olhar de santa, eu sinto a refulgência,  
Aclarando a saudade eterna que não finda.

Ainda hoje, ó minha amada! o berço teu beijando,  
Recordei-me de ti, que outrora, em tua boca,  
Muitos beijos depus, cheio de amor, cantando.

Por isso é que minha alma atroz gemido solta,  
Clamando sem cessar, cheia de angústia, louca:  
— Meu passado feliz! . . . Não me desprezes! . . . Volta! . . .

## MÃO

A mão que ampara, afaga, anima e que abençoa,  
Que acena, benze em cruz, que enxuga o pranto e cura;  
A mão que num adeus tremula por ser boa,  
Porque obedece à lei do afeto e da ternura;

A mão da majestade altiva, que coroa,  
Que em gestos, fortalece a essência de uma jura;  
A mão que assina a paz, que alenta e que perdoa  
Erguida para o céu, mostrando Deus na altura,

É divinal em tudo. É um mundo na grandeza.  
É uma réstea de luz na qual sempre se abriga  
O que há de mais perfeito em toda a natureza.

Porém, a que é mais santa em todo o seu fadário  
É aquela que a tremer de velha e de fadiga,  
Desfia lentamente as contas de um rosário.

## ANÍBAL NUNES PIRES

Nascido em Florianópolis, a 9 de agosto de 1915, Aníbal recebeu esmerada educação, completando em 1934 seu curso secundário no Colégio Catarinense. Bacharelou-se em ciências Econômicas em São Paulo, em 1944, e em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Catarina, em 1946. Não obstante essa sua formação exerceu durante a vida inteira o magistério, desde 1935 até sua morte, quer no nível secundário, nas áreas de Português e Matemática, quer em nível superior, em que chegou a Professor Titular de Literatura Brasileira na Universidade Federal de Santa Catarina.

Como um dos intelectuais de destaque em sua época, Aníbal foi o fundador do Círculo de Arte Moderna e o líder, junto com Salim Miguel, desse destacado movimento cultural que batalhou pela implantação das idéias modernistas nas Letras e Artes de Santa Catarina, já com grande atraso. Aníbal foi a grande alma do Grupo Sul, que iniciou suas atividades em 1945, com a revista datilografada *Cicuta* e, de 1948 a 1957, editou a Revista *Sul*, que atingiu uma gloriosa sobrevivência por trinta números, sob a direção firme e corajosa de Aníbal N. Pires.

Casado com Eugênia de Oliveira N. Pires, Aníbal teve quatro filhos. Em 24 de abril de 1978 faleceu, inesperadamente, vítima de derrame.

Como escritor, Aníbal deixou publicados em jornais e revistas (sobretudo nas revistas *Atualidades* e *Sul*, bem como no jornal *O Estado*) diversos contos e poemas. O Grupo Sul editou um volume seu — *Terra Fraca* — constando de 29 poemas modernos. Integrado na vivência bastante intensa, por parte do Grupo Sul, da filosofia existencialista da corrente de Sartre, nos poemas de ANP predomina a temática amarga e pessimista, ou melhor, centrada na realidade da vida. Quase todos os seus poemas colhem sua temática no viver cotidiano e revelam a consciência que o poeta tem do caráter transitório e deteriorante da existência, evidenciando um contínuo perquirir do significado e destino das coisas e de si mesmo. Sua forma normalmente é muito comedida, sintética, elíptica, podando o poema de todo supérfluo e atendo-se às palavras essenciais, selecionadas com cuidado e exatidão para sugerirem mais do que declararem. É autor mais preocupado com a qualidade do que com a quantidade.

### AMANHECER

Quero falar às gentes  
Na linguagem  
que é ternura  
que é desapego  
de quem semeia  
na velhice.

Os que hão de vir  
irmanados pela alegria  
das colheitas, sentirão  
a força mágica e resplendente  
que transmuda o ódio em amor,  
o sonho em realidade,  
os crepúsculos em madrugada.

Havendo paz, sempre é céu;  
Em paz, nunca diremos "não".  
Luz e sombra hão de ser sempre luz;

Dia e noite serão sempre dia.  
Força mágica e resplendente  
é a paz que tudo assegura,  
que tudo realiza  
num eterno amanhecer.

### POEMA ÍNTIMO

Fecho os olhos  
e, no silêncio revelador,  
eu vejo o passado,  
Os sonhos irrealizados,  
as paixões fortes e humanas,  
as expressões não pronunciadas. . .

A verdade sobre mim mesmo  
fica tão perto quando estou  
de olhos fechados. . .

. . . E as cogitações estéticas  
que a palavra rude e imprecisa  
não pôde manifestar. . .

A verdade sobre mim mesmo  
fica tão longe quando estou  
de olhos abertos. . .

(de *Terra Fraca*)

## ANTÔNIO PALADINO

Antônio Paladino nasceu a 24 de agosto de 1925, em Florianópolis, onde também veio a falecer, ainda jovem, a 20 de maio de 1950, consumido pela asma e tuberculose.

De constituição pequena e magra, sempre de saúde frágil, sofrendo desde pequeno de angustiante asma, foi, não obstante, um espírito boêmio, ávido por sorver e desfrutar o gozo da vida, integrando-se a grupos que varavam as noites em farras. Embora um cético perante a vida, dominado constantemente pelo pessimismo decorrente da doença que o consumia, não era triste, mas, até pelo contrário, revelava-se um extraordinário apreciador das belezas da vida: uma farra, uma boa mulher, uma animada conversa, um bom livro...

Por volta de seus vinte anos, incansável leitor e experimentando os caminhos da criação literária, integrou, desde seu início, o grupo que se reunia para 'discutir Literatura e Arte, do qual surgiu o importante Círculo de Arte Moderna, ou seja, o conhecido Movimento Sul. Salim Miguel, Aníbal Nunes Pires, Eglê Malheiros e Ody Fraga foram dos mais assíduos e pertinazes companheiros no Movimento. Antônio Paladino — o Toninho — sempre foi dos mais ativos colaboradores, secretariando a revista *Sul*.

Começou a realizar, assim, seu grande desejo de escrever. Colaborou constantemente com poemas, contos e críticas. Marcado pela permanente doença, perseguido pelo espectro da morte, é natural que sua temática seja geralmente pessimista, desiludida, apreciando o ambiente noturno e boêmio, para acabar deparando com a esfinge da morte em contraste à busca da vida, sobretudo da infância na saudade do passado perdido. Também revela-se muitas vezes filosófico, à procura de um sentido para a existência.

Infelizmente foi tolhido muito cedo da vida, interrompendo sua produção literária que muito prometia. É reconhecimento geral que seus contos superam em valor seus poemas. Estes são escritos em versos livres, sem preocupação com metro e rima.

Selecionamos um poema em versos e o texto "A Ponte", um dos mais célebres escritos seus que, embora escrito em prosa, é essencialmente lírico e profundamente trágico em sua simbologia.

As Edições Sul lançaram em Florianópolis, em 1952, um volume intitulado *A Ponte*, que reúne a produção em prosa e verso de Antônio Paladino, contendo um estudo introdutório de Salim Miguel.

## A PONTE

Gigantesca ponte sem começo e sem fim. De vigas enormes, pretas. Estrada larga, espaçosa. Já me sinto aborrecido, sem sossego, sem animação. Um trecho, um bem pequeno trecho percorrido. Falta o resto. Todo o resto desconhecido, medonho, a percorrer ainda. Uma multidão de pessoas me acompanha. Umas mais fortes que eu, outras mais fracas. Algumas já curvadas pelo cansaço da jornada. Muitas alegres, muitas tristonhas. A ponte é imensa, formidável. E eu caminho sozinho, indiferente, e cantando a canção sem som, sem eco que nunca vibra fora de mim mesmo. A meu redor pessoas se esbatem, agonizam. Gemidos. Gargalhadas. Sofrimentos. Homens que caem. Homens que se erguem. Os infelizes socorrendo os desgraçados. Os felizes aplaudindo os venturosos. A inveja dos que caem e não se levantam mais. O pouco caso dos que se levantam e não caem mais.

## BALADA DO SILÊNCIO

Nasce o silêncio no seio das horas,  
E se repete através dos dias e dos anos,  
E morre e nasce  
Numa sucessão indefinida de velhice e rejuvenescimento.

E vai parar em algum lugar  
O silêncio que nasce no seio das horas  
E a alma busca esse lugar,  
E a alma não encontra esse lugar.

A alma quer repouso  
A alma quer conforto  
Quer o silêncio que nasce no seio das horas.

A alma não encontra repouso.  
A alma não sente conforto.  
Onde vai parar  
O silêncio que nasce no seio das horas?  
A alma sofre!  
A alma chora!  
A alma deseja!  
O silêncio que nasce e que morre.

E ela não quer ser efêmera  
E ela não quer ser mortal.

A alma quer vida  
A vida incomparável  
Fugidia,  
Que refloresce  
No silêncio de todas as horas que passam.

(de *A Ponte*)

## ARNALDO BRANDÃO

Arnaldo Brandão nasceu em Itajaí, em 1922. Desde cedo sentiu inclinação ao jornalismo, no qual se diplomou pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. No entanto, iniciou sua vida como piloto da Marinha Mercante, onde passou três anos, experiência que ligou profundamente seu pensamento ao mar, vindo a influenciar sua criação literária, sobretudo o romance *Bartolomeu*.

Pertenceu ao Centro Catarinense do Rio de Janeiro, de que foi bibliotecário. Membro do Pen-Club do Brasil, também nessa entidade desempenhou durante anos a função de bibliotecário. Foi sócio da ABI, da Sociedade de Homens e Letras do Brasil e, desde 1958, ocupou a cadeira n.º 1 da Academia Catarinense de Letras. Era colaborador de revistas, como: *Vale do Itajaí* e *Sul* e de jornais, como: *O Estado*, *A Gazeta*, *Jornal do Povo*.

Deixou obra literária bastante vasta e diversificada por gêneros literários. Publicou os seguintes livros: três peças de teatro: *A Taverna do Gato Preto*, *No Mundo da Lua* (poema teatralizado) e *Luz* (a vida de Santa Luzia, um volume de crônicas: *Um Brasileiro nos Caminhos da Europa*; um volume de contos: *O Vendedor de Pinhões*; um romance: *Bartolomeu* e três volumes de poesia: *Sol Perpendicular* (prosa poética), *Bas-Fond* (versos existencialistas, obra que recebeu menção honrosa no concurso da União Latina – Clubinter-Press – de Paris) e *Poemas de Arbran*.

*Sol Perpendicular* reúne páginas confessionais de amor apaixonado, saturadas de bucolismo e dirigidas à amada.

*Bas-Fond* retrata temática de prostituição, perversão e misérias morais, num ambiente noturno, sombrio, sórdido, de sensualidade e orgia, em ruas, quartos, cais, etc. A agitada vida noturna, de malandros, boêmios, marinheiros e prostitutas é captada dentro da mentalidade existencialista de liberdade plena, numa deprimente paisagem física e humana, saturada de paixões, revelando um mundo em pleno desmoronamento moral. Há, no fundo, um toque humano sensibilizador.

*Poemas de Arbran* apresentam, na primeira parte, uma série de textos em prosa poética: reflexões, alegorias, embriões de contos ou crônicas, rápidos quadros impressionistas – sempre com predominância da subjetividade. O *Caleidoscópio* da segunda parte inclui poemas que registram, com felicidade, aspec-

tos característicos de localidades visitadas, sobretudo na velha Europa, ou que captam cenas ou vivências do cotidiano, cenas religiosas ou imagens litúrgicas. Há muita contenção sentimental, mas sem tornar frio o poema. São versos livres que aproveitam a música da rima.

Arnaldo faleceu a 5 de fevereiro de 1976, em Blumenau, em consequência de acidente ocorrido no dia 1.º de fevereiro, na BR-101, entre Piçarras e Penha, envolvendo três veículos e causando seis mortes. O escritor residia ultimamente em Brasília, onde era funcionário da Procuradoria da Presidência da República. Foi sepultado na terra natal — Itajaí.

### A TRANSVIADA

Todas as noites tu passas  
lá em baixo, na rua,  
retinindo os teus sapatos  
de encontro às pedras.  
Eu te espreito  
por detrás da minha janela,  
vejo o fogo do teu cigarro  
e a fumaça que dele serpenteia.  
Admiro a tua cabeleira,  
os teus cabelos avermelhados,  
desejo os teus braços,  
roliços e claros,  
teu colo, tua cintura  
e o teu olhar  
— do qual não quero falar. . .  
Pareces uma gata,  
esguia  
com teus gestos sensuais.  
Encostas-te ao lampeão da esquina  
e, assim, posso melhor te observar. . .  
Para mim és bela! . . .

Para os outros. . . mulher. . .  
Tenho vontade de dizer-te baixinho  
o que representas para mim.  
Não te censuro,  
ao contrário,  
acho que fazes bem. . .  
És como a lua  
que vagueia na noite profunda,  
inutilmente, sem saber o que fazer. . .  
Um homem te olha de cima a baixo  
e tu, o olhas com desdém. . .  
Às vezes, eles te levam,  
outras vezes, contentam-se em te rebaixar. . .  
Sentem nojo da vida, dos homens,  
de tudo o que a noite te deixa distinguir.  
Mas eu. . . te observo por muito tempo,  
te olho e te sigo com o pensamento,  
te admiro, mulher infeliz! . . .

(de *Bas-Fond*)

## PENSAMENTO

Amassei, com as minhas mãos, algumas rosas brancas e tomei  
aquele sumo da cor da madrepérola. . .

Senti um bem-estar e um doce alívio em meu coração. . .

Fiz o mesmo com as rosas vermelhas e embriaguei-me, sen-  
tindo uma sensação de prazer porque elas tinham a cor dos teus  
lábios. . .

## RIO ITAJAÍ

O céu azul, as margens verdes  
e as águas vivamente amareladas.  
Esta é a longa bandeira  
que se desprende do alto da serra  
e vem, graciosamente, encontrar-se com o mar. . .  
Por ela deslisam touças de água-pés  
e pelas suas ribanceiras florescem aleluias  
e se debruçam salgueiros chorosos. . .  
O rio corre por sobre as pedras  
e foi, assim, que o chamaram  
os primitivos guaranis.  
Rio caudaloso e longo  
por onde sobem e descem  
pequeninas embarcações.  
A brisa que sopra no vale  
faz ondular, com elegância,  
os imensos canaviais  
e os arrozais dourados pelo sol da manhã.  
Nas tuas margens, grande rio,  
cidades e aldeias se reclinam,  
para mirar nas tuas águas  
as torres das suas igrejas  
e as flores dos seus jardins.  
. . . e o rio, correndo e saltando  
por sobre as pedras  
vem se arrastando,  
até encontrar-se com o mar.  
Aí, então, os dois se abraçam  
e deste amplexo grandioso,  
nasceu a cidade de ITAJAÍ! . . .

(de *Poemas de ARBRAN*)

## HUGO MUND JUNIOR

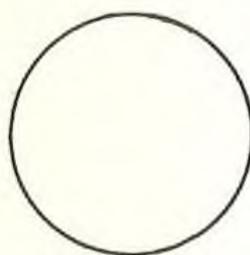
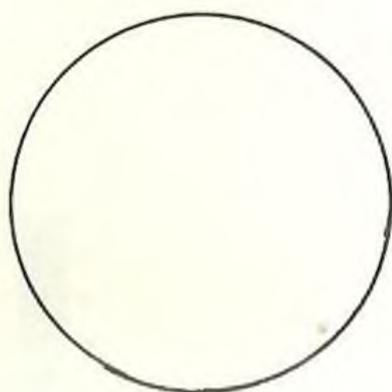
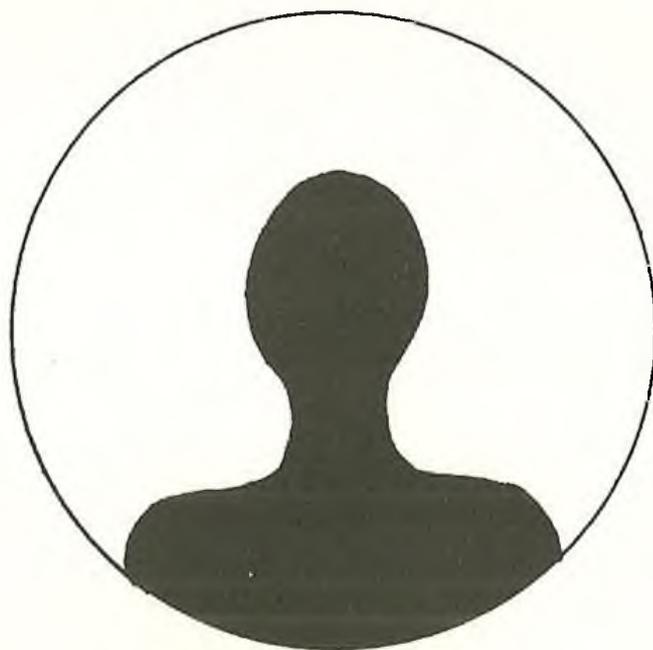
Hugo Mund Jr. nasceu em Mafra, a 27 de dezembro de 1933. Após estudos primários, cursou o secundário em Florianópolis, no Colégio Catariense e no Instituto de Educação, de 1945/51. Participou, nessa época, do movimento de vanguarda do Grupo Sul, com desenhos, gravuras, contos e teatro. Em seguida, após trabalhar com Vasco Prado, cursou Pintura na Escola Nacional de Belas-Artes, de 1953 a 1957, trabalhando depois junto a Oswaldo Goeldi. Em 1958 retorna a Florianópolis, dedicando-se à gravura e ao desenho, ilustrando com xilogravuras livros de Cruz e Sousa, Silveira de Souza e Maura de Senna Pereira.

A partir de 1962 lecionou na Universidade de Brasília, ali produzindo seus primeiros poemas visuais. Após 1968, integrou grupos do MEC para estudo e planejamento na área de artes e programação visual. Em 1977/78 coordenou a implantação do Centro de Criatividade da Fundação Cultural do Distrito Federal.

Participou de muitas exposições de artes plásticas, no Brasil e no exterior. Atualmente trabalha em pintura, programação visual, poesia e artes gráficas. Publicou: *Desenho de Observação* (1968), *Percepção* (1969) e os livros de poesia visual: *Gráficos* (1968) e *Germens* (1977), este incluindo "imagens, gráficos, textos, poemas, projetos", representando sua trajetória poética entre 1967/1977. Participou, ainda, do livro de Wladimir Dias-Pino: *Processo, Linguagem e Comunicação* (Ed. Vozes) e de *Poetas do Modernismo* (vol. VI – INL/MEC).

Partindo da imagem visual, Hugo Mund aproximou-se da palavra, tentando criar uma nova expressão poética — o poema gráfico, resultante da fusão do desenho com a palavra, sempre preocupado com a comunicação visual. Para ele, "o artista, como nunca, é a antena do porvir" e conceitua arte como "atividade de fazer algo, se sentindo muito bem, e se relacionando integrado com o meio". Sua atividade criativa inscreve-se na linha do concretismo e, principalmente, do poema-processo. No entanto, é um pesquisador e experimentalista que não se prende a movimentos, não se preocupa em ajustar-se a tendências. Segundo declara, "meu trabalho visa essencialmente a *poética do visual*, isto é, extrair dos elementos visuais uma estrutura que se poderia chamar de poética, no sentido da *poiésis*". Declara-se "não radical, apesar de estar fazendo este tipo de trabalho", por isso "não tenho compromissos com formas", respeitando outras tendências, porque "quando a gente quer dizer alguma coisa, todas as formas são válidas".





EGO

170

*(de Garmens)*

## MARCOS KONDER REIS

Marcos Konder Reis é um dos mais destacados expoentes da poesia catarinense, integrando o panorama nacional dentro da Geração de 45, ou seja, do Neomodernismo.

Nasceu em Itajaí, em 1922, no ano da explosão do Movimento Modernista. Estudou em diversas localidades: Itajaí, Blumenau, Santos e Rio de Janeiro, onde se formou na Escola Nacional de Engenharia, em 1944.

Desde esse ano de formatura, sua produção poética vem crescendo sempre, abrangendo os seguintes volumes: *Intróito* (1944), *Tempo e Milagre* (1944), *David* (1946), *Apocalipse* (1947), *Menino de Luto* (1947), *O Templo da Estrela* (1948), *Praia Brava* (1950), *Herança* (1951) — todos editados por Irmãos Pongetti, formando um primeiro conjunto. Em seguida houve um hiato na publicação, não na produção, voltando à edição sistemática a partir de 1965: *O Muro Amarelo* (1965 — José Álvado Editor), *Armadura do Amor* (1965), *Praça da Insônia* (1968), *O Pombo Apunhalado* (1968), e *Teoria do Vôo* (1969) — estes quatro pela Edições Orfeu, *Antologia Poética* (1971 — Ed. Leitura), *Sol dos Tristes e Caporal Douradinho* (1976 — Martins-MEC), *Campo de Flechas* (1978 - Cátedra) e *O Irmão da Estrada* (1979 - Lunardelli/MEC). Publicou ainda dois volumes em prosa: *Figueira Maldita* (1972-Cátedra) e *Caminho de Pandorgas* (1972-Ed. Brasília) e participou de *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Lunardelli, 1979).

Nos poemas dos primeiros livros de Marcos Konder Reis, um dos traços mais constantes, ou talvez um dos estados de alma mais recorrentes é o do deslumbramento. A poesia representa uma verdadeira embriaguez que provoca na alma do poeta um estado de contínuo otimismo ou delírio de felicidade. Trata-se de uma poesia que poderíamos chamar de cosmopolita: o poeta é um turista que percorre os caminhos do mundo, um incansável *vagabundo* que se extasia ante a contínua beleza que o mundo faz desfilar, como que numa tela, ante seus olhos.

Outro aspecto fundamental em sua poesia é a constante volta à infância. Desde seu primeiro ao último livro de poemas, o tema da infância sempre o atraiu, fascinou e sensibilizou para criar os melhores poemas, ocupando nesse sentido posição ímpar dentro de toda a Literatura Brasileira. Seria talvez uma forma de evasão do poeta — alma sensível e emotiva, mas esmagada pelo frio

automatismo da tecnologia, procurando um refúgio no regresso à edênica despreocupação, ao límpido idealismo do mundo da criança. Se nenhum outro mérito tivesse sua poesia, a sua elegíaca evocação da infância perdida certamente lhe asseguraria um destaque no panorama nacional.

Também anotaríamos em sua obra a acentuada presença da paisagem catarinense, paisagem humana e paisagem geográfica sensivelmente valorizadas, ansiosamente buscadas, na saudade da distância. Sobretudo nas crônicas de *Caminho de Pandorgas* e nos poemas de *Praia Brava* (em prosa), de *Soldos Tristes e Caporal Douradinho* e *O Irmão da Estrada*, a paisagem catarinense constitui elemento buscado e valorizado.

Como autêntico poeta lírico, o canto do amor não poderia estar ausente de sua poética. E aparece focalizado como o sentido, a razão de ser do convívio humano, assumindo formas diversas: amor-sentimento, amor espiritual e amor sexual.

E apontaríamos, a seguir, para o traço da espiritualidade, uma constante em seus poemas, bem mais acentuada na fase inicial, inclusive pelos próprios títulos bíblicos ou litúrgicos de vários livros: *Apocalipse*, *David*, *Intróito*, *Templo da Estrela*, *Tempo e Milagre*. Muitos poemas assumem mesmo a forma de oração.

Seus últimos livros apresentam-se de forma cada vez mais complexa, tornando-se sua poesia mais abstratizante, liberta da seqüencialidade e concatenação lógica, aproximando idéias e imagens sensivelmente desconexas, numa espécie de surrealidade ou alogicidade de abrangência globalizante. O símbolo e a alegoria, que brotam da alogicidade surreal, desestruturam a linearidade e a transparência, tornando o poema aparentemente desconexo, *opaco*, exigindo muito maior participação do leitor.

Quanto à forma, Marcos contraria, de certo modo, a tendência geral da Geração de 45, utilizando normalmente o verso livre, embora não despreze o poema metrificado e mesmo rimado (*Armadura do Amor* consta unicamente de sonetos). Sua linguagem é permanentemente poética, tendo a expressão marcada pela conotação, pela metaforização criativa, pela eufonia, pelo trocadilho, pela sinestesia, num culto constante à musicalidade e à imagem carregada de beleza poética. Sentindo a poesia vibrar em seu ser, o poeta sempre teve consciência da missão e das exigências do fazer poético. Tem consciência de que a poesia é indispensável à plena vivência do ser humano e que à poesia estaria reservada a alta missão de promover o entendimento e a comunhão entre os homens, transcendental função que evidentemente só pode realizar-se de forma muito sutil e espontânea, sem nenhum recurso à imposição ou à violência.

Lúcio Cardoso, destacado ficcionista e poeta da corrente católico-espiritualista do Modernismo e amigo de Marcos, assim a ele se referiu: "Em

Marcos Konder Reis reside uma das mais espontâneas forças de nossa poesia moderna, uma das naturezas poéticas mais generosas entre quantas ultimamente aparecem entre nós (...) Seus poemas evidenciam um poeta de raça, um criador autêntico e capaz de dar vida a velhas e novas fórmulas, um completo gerador de mitos”.

Elaboramos uma análise mais ampla da poesia de MKR para o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, n.<sup>os</sup> 657, 658, 659, 660 – maio de 1979.

## VAGABUNDAGEM

Pela madrugada eu bebo nas janelas o boião da miséria  
Como ao meio-dia nas cozinhas de milho carne seca e pirão.  
Canto pelas tardes nas vendas vagabundas  
E amo a toda hora, amo demais, Senhor!

De noite a minha casa é essa bola do mundo,  
Que engole vertigem num rolar sem fim.  
Minha cama é um retalho de vela,  
Minha lágrima um bemol de saudade,  
Minha roupa nebulosa gigante,  
Meu violão o meu peito ofegante.  
Ai de mim!

Há no mar um bailado de luzes,  
Há no céu uma sombra de Deus  
Há no rosto devastações de adeuses,  
E na minha alma um vácuo infindo  
De ausência.

Lua, ó lua, vem dormir comigo!

Meu travesseiro é um baralho de conchas,  
Meu corcel um relâmpago azul,  
Minha amada é um sonho boiando nos meus olhos,  
Eu sou o poeta, serei um anjo?  
Meu cigarro, na treva, é o farol do milagre.

(de *David*)

ODE III

Ó ser da infância em minha vida morta  
A força do mistério e o ressurgir do amor,  
Ó ser da infância em minha vida morta  
Como um jardim deserto a rosa branca  
E o perfume que é ela no espaço e no clarão.  
Foste em minha vida, ó ser da infância,  
Em minha vida pobre e sem surpresa,  
A força do que vive e do que reza,  
A sensação da que se entrega sem nunca perguntar. . . sem amanhã,  
Como numa branca sepultura a flor que abrisse imensamente linda  
Sobre da morte o silêncio perene  
Ao sol que ela saúda igual e pleno  
Foste em minha vida, ó ser da infância, rosa rubra e respingada,  
Rosa nova,  
Rosa de inverno feita boca e beijo,  
Feita olhar profundo e sem  
Feita vida eterna, ó ser da infância,  
Foste em minha vida.  
Assim como o milagre que chega inesperado  
E traz essa notícia atônita e afobada  
Daquilo que perdemos e que nos mutila.  
Foste ao morto que sabe o mundo,  
A guirlanda, a festa, o baile,  
O vô sem pergunta ao começo do tempo,  
A descoberta intensa de um céu imenso e fundo  
Onde um anjo perdido brinca com uma estrela.  
Éramos nós outrora assim como tu és,  
Foram meus teus gestos ou são meus ainda  
E os acorrento porque os sinto proibidos  
Porque demais completos.  
Foram meus teus olhos e teu riso  
Ou nunca olhei assim nem pude rir completamente,  
Porque um poeta é sempre  
Um ser desesperado, um triste ser demente  
Que mata e que se perde.  
Não me perguntes nada, para ti sou novo,  
Não tenho passado nem futuro.  
Posso dizer-te o sonho, falar-te a loucura da hora, o riso  
inconseqüente,

Posso começar a vida novamente,  
Não como ela foi mas como sonhei que era,  
Ó ser da infância em minha vida morta.  
Foram teus olhos um espelho arcado  
De anjos e de nebulosas  
Côncava visão de um roseiral perdido. . .  
Quase natal. . . quase vertigem. . .  
Súbito retorno de um passado atônito,  
Que a luz enorme de um ponto cardeal  
Nos devolvesse.

Ó ser da infância, irmão, amor. . .  
Mas amor de repente e sem lembrança  
Chegado em minha vida morta  
Como a trombeta cintilante e límpida  
Intensamente linda, intensamente amanhecer  
Do arcanjo Benjamim  
Que o pai do céu nos enviasse.

Ó ser da infância em minha vida morta.

(de *Menino de Luto*)

## SONETOS DURANTE O ANO – VI

Na branda luz do frio, gravo a ternura  
De andar sofrendo, pela vez primeira,  
O amor que, por engano, a vida inteira  
Transforma numa lenta desventura.  
Se no ar desta manhã sopra tão pura  
A obrigação de respirar-me, à beira  
De uma esperança enferma e derradeira,  
Vou respirando a flor de uma armadura  
Imposta pelo amor. Sobre a incerteza  
Do noivo abandonado, abre a firmeza  
De prosseguir lutando, e ardentemente  
Este poder desperta o ardor de um canto  
No cárcere de vidro onde, inclemente,  
O amor confina o amor, como num pranto.

(de *Armadura de Amor*)

## ANTE O ROSTO DO CRISTO

Senhor,  
Teu rosto ri?  
Teu rosto chora?  
Nós não sabemos mais nem rir nem chorar,  
Porque não olhamos mais a tua face.

Senhor,  
O mundo pensa poder esquecer-te  
Mas teu rosto luminoso permanece.  
Teu rosto de homem,  
Teu rosto de Deus.

Teus olhos que compreendem e que exigem,  
Teus lábios que beijam e que comandam,  
Teu choro que salva,  
Teu riso que arrasta,  
Teu rosto que é força,  
Que deslumbra e é sol da madrugada sem fim nas fronteiras  
do universo

E é luar nas clarabóias do segredo,  
Que entontece e é nebulosa vertigem de gozo eterno;  
Que fataliza e é grito de fanfarra. . .  
Ah! sou um dos fatalizados do teu rosto!

Quero ser teu orador no cume do Everest,  
Quero ser teu guerreiro nas planícies sem horizontes,  
Quero ser teu mártir no Cruzeiro do Sul,  
Mas sempre teu poeta na cidade do mundo.

Teu rosto, Senhor, é um rosto assim:  
Faz a gente berrar a maldição  
Para todos que não te amam.

E agora, quando vou saltar no trapézio,  
Quero, Senhor,  
Que teu rosto fique sempre no meu rosto  
E é só.

(de *David*)

**ELEGIA DE FLORIANÓPOLIS/Epílogo: Fim de Papo**

uma cidade capital, de ruas descendo para o mar,  
de chácaras e plátanos;  
uma cidade de chalés, de praças no topo de colinas  
e à sombra da figueira;  
uma cidade de miramar, de fortalezas e de regatas;  
a dona de uma ilha,  
de verdes pastinhos e macegas acesas de repente  
pelo crepúsculo; as rivas  
de uma veneza, e o garoto de gorro colorido tarrafeando,  
talvez, a palidez  
desta tarde, o português, o luso, a bruxa.  
naqueles dias remotos, o pequeno avião da latecuère,  
caiu nas dunas do campeche,  
como o pássaro da infância relembrando.  
e a mulher, que saiu de casa, quando soube, e se foi a cavalo  
era, naquele tempo, a juventude,  
o desafio, aquela que recolheu da nacele o corpo  
fraturado do piloto, e o carregou  
para o hospital. ficou com ele, à sua cabeceira,  
noventa dias, que de guerra  
tão longa demorava uma vitória mais plena do romantismo,  
da vida e da liberdade.  
mas, quando foi que partiste, tabu, paixão de todas  
e de todos, e por quê? !  
quem te pode dizer o teu segredo, quem te pode,  
pierrô, sonhar-te, a ponto  
de poder, com teus braços, abrir-te, carinhoso, abrir-se de  
andorinha o cofre e o coração  
desta elegia? !

### DE NOVO ITAJAÍ

Há neste mundo apenas uma casa,  
que sei de cor:  
o meu ponto-de-vista, na cidade,  
rosarena, que sei de coração.

Olho da sacada o verde málbürg,  
duas janelas no velho casarão.

A música da tarde, como um buso,  
a sombra verde dos oitis na praça,  
os sinos da matriz de antigamente,  
que ressuscitam, de repente,  
meninos budapestes e brincando,  
nas ruas do amanhã.

*(de O Irmão da Estrada)*

## LINDOLF BELL

Lindolf Bell, nascido em Timbó, em 1938, já foi lavrador, polícia do exército, funcionário de escritório, contabilista, jornalista, professor e poeta.

Após o ginásio e o curso de contabilidade, diplomou-se em Dramaturgia pela Escola de Arte Dramática de São Paulo, onde, em 1962-63, conviveu com os *novíssimos* poetas e iniciou e liderou, de 1964 a 1968, o movimento nacional de *Catequese Poética*, numa tentativa de levar a poesia ao povo. No período de 1968-69 participou, nos Estados Unidos, do *International Writing Program*, na Universidade de Iowa. Retornando ao Brasil, em 1969, estabeleceu-se em Blumenau, onde participou da fundação da galeria de arte Açú-Açú, em frente à qual está desenvolvendo um meritório trabalho de divulgação das Artes Plásticas em Santa Catarina. Está casado com a artista plástica Elke Hering Bell.

*Catequese Poética* constituiu "um movimento que propugna pela revalorização do poético e seu alastramento na realidade brasileira". Tendo consciência de que não adiantava escrever e publicar livros, se esses não eram lidos, os poetas do movimento propuseram-se a levar a poesia ao povo, a colocar o poeta frente a frente com o público, pois tinham consciência que "a arte não pode ser dissociada do sistema social". Por isso, para se aproximarem da *multidão*, atingi-la e interagir com ela, utilizaram muito a récita, complementada por técnicas audiovisuais: encenação com jogos de luz, coreografia, cartazes, acompanhamento musical, etc.

A *Catequese* iniciou suas atividades em maio de 1964, em São Paulo, atingindo nos anos seguintes praticamente todo o sul do Brasil, levando seus poetas aos teatros, às boates, aos estádios, aos clubes, às ruas, às escolas e casas, buscando sempre o contato direto com o povo, nos lugares preferidos por este.

Posteriormente, Bell voltou a liderar novas tentativas de chegar ao povo com a poesia: pendurando seus poemas em varais, nas ruas e praças, e transcrevendo poemas em camisetas, multiplicando o chamado *poema na camisa*.

Tudo isso decorre de uma específica concepção do poema e do lugar do poeta: "O Poema é o delírio organizado precariamente. Seu lugar é onde possa desorganizar. O lugar do Poeta, onde queira detonar a linguagem poética do deslumbramento, do rompimento do mundo interior, da agressividade à acomodação fora do sonho, fora do coração, fora do homem, centro criador e receptor de toda atividade poética..." Por isso, "feito o poema, o poeta

leva-o. É sua forma de contribuir à vida e à cultura. Seu canto e seu grito. Cantogritar em qualquer lugar, única forma de atingir ao múltiplo destino da Poesia”.

Como poeta, Bell tem-se revelado um experimentalista constante, sempre em busca de novas maneiras de aproximar a poesia do povo. Além da novela lírica *Curta Primavera* (1967) e de alguns contos, publicou os livros de poesia: *Os Póstumos e as Profecias* (1963), *Os Ciclos* (1964), *Convocação* (1965), *Antologia Poética*, congregando os anteriores (1967), *A Tarefa* (1967), *Catequese Poética*, antologia em co-autoria (1968), *As Annamárias* (1971), *Incorporação* (1975), reunindo toda sua produção poética anterior.

Bell revelou-se sempre um poeta inquieto e inquietante. Testemunha do seu tempo, traduz uma sincera agressividade, um vigoroso protesto ante as frustrantes contingências sociais. Poeta comprometido com o *aqui* e *agora*, manifesta sua sede de comunicação e sua ânsia de liberdade e cooperação, evidenciando uma lúcida consciência da árdua missão do poeta.

Poeta participante e comprometido, sua temática é predominantemente social — um grito de conscientização, um apelo à união e fraternidade na luta pela vida, um veemente protesto à angustiante tensão gerada pela civilização tecnológica — revelando seu vigor de juventude, sua inata liderança, sua eloqüência de linguagem, que nada devem ao condoreirismo de Castro Alves.

Poeta vigoroso na sua coragem denunciatória, impregna seu poema de alta simbologia e o envolve em linguagem polivalente, preocupado sempre com a elaboração e expressividade formal de suas criações. Prefere o verso livre, cultivando os efeitos gráficos e sonoros, bem como as implicações semânticas e processos como a reiteração, a anáfora, o trocadilho, a aliteração, a modulação fônica, a desarticulação, transformação ou reorganização vocabular, evidenciando uma consciência criativa e um esmero formal constantes. Sobretudo a partir de *A Tarefa* esmerou-se no experimentalismo formal. E *As Annamárias* revela uma outra face do poeta: o puro e autêntico lirismo amoroso, a delicadeza do sentimento, envolvida na mais bela roupagem verbal e em sensível musicalidade.

Lindolf Bell é um dos poucos poetas catarinenses de renome nacional e mesmo internacional. Publicamos uma série de análises da poesia de Bell no *Jornal de Santa Catarina* de 7/08/77, 14/08/77, 21/08/77 e 2/10/77. Maria Joanna Tonczak elaborou uma monografia para curso de especialização na área de Teoria da Literatura, editada na Coleção Cultura Catarinense: *Lindolf Bell e a Catequese Poética*. No *Suplemento Literário* de Minas Gerais, n.º 668, de 21/07/79, publicamos um extenso estudo sobre o *Movimento da Catequese Poética*.

## O POEMA DAS CRIANÇAS TRAÍDAS

Eu vim da geração das crianças traídas.  
Eu vim de um montão de coisas destroçadas.  
Eu tentei unir células e nervos mas o rebanho morreu.  
Eu fui à tarefa num tempo de drama.  
Eu cerzi o tambor da ternura quebrado.

Eu fui às cidades destruídas para viver os soldados mortos.  
Eu caminhei no caos com uma mensagem.  
Eu fui lírico de granadas presas à respiração.  
Eu visualizei as perspectivas de cada catacumba.  
Eu não levei serragem ao coração dos ditadores.  
Eu recolhi as lágrimas de todas as mães numa bacia de sombra.  
Eu tive a função de porta-estandarte nas revoluções.  
Eu amei uma menina virgem.

Eu arranquei das pocilgas um brado.  
Eu amei os amigos de pés no chão.  
Eu fui a criança sem ciranda.  
Eu acreditei numa igualdade total.  
Eu não fui canção, mas grito de dor.  
Eu tive por linguagem materna roçar de bombas, baionetas.  
Eu fechei-me numa redoma para abrir meu coração triste.  
Eu fui a metamorfose de Deus.

Eu vasculhei nos lixos para redescobrir a pureza.  
Eu desçi ao centro da terra  
para colher o girassol que morava no eixo.  
Eu descobri que são incontáveis os grãos no fundo do mar  
mas tão raros os que sabem o caminho da pérola.  
Eu tentei persistir para além e para aquém do ser humano,  
o que foi errado.  
Eu procurei um avião liquidado para fazer a casa.  
Eu inventei um brinquedo das molas de um tanque enferrujado.  
Eu construí uma flor de arame farpado para levar na solidão.

II

Eu sou a geração das crianças traídas.  
Eu tenho várias psicoses que não me invalidam.  
Eu sou do automóvel a duzentos quilômetros por hora  
com o vento a bater-me na cara  
na disputa da última loucura que adolesceu.  
Eu faço de tudo a fonte  
para alimentar a não-limitação.  
Eu sei que não posso afastar o corpo que não transcende  
mas sei que posso fazer dele a catapulta para sublimar-me.  
Eu sou o que constrói, porque é mais difícil.  
Eu sou não o que é contra, mas o que se impõe.  
Eu sou o que quando destrói,  
destrói com ternura.  
E quando arranca, arranca até a raiz  
e põe a semente no lugar.

Meu coração é um prisma.  
Eu sou o grande delta dos antros.  
Os amigos mais autênticos  
são as águas que me acorrem.

Eu sou o que está com você, solitário.  
Quando evito a entrega, restrinjo-me.  
Quando laboro a superfície  
é para exaurir-me.  
Quando exploro o profundo  
é para encontrar-me.

III

Sem bandeira que indique morte qualquer  
avanço das caliças.  
Sem porto fixo à espera, nem lar de maternas mãos,  
ostento meus adeuses.  
Sem credo a não ser à humanidade  
dos que se amam e desamam,  
anuncio a catarse numa sintaxe de construção.

Eu escreverei para um universo sem concessões.  
Eu saberei que a morte não é esterco  
mas infinda capacidade de colher no chão menos adubado,  
que poderei sorvê-la como à laranja que esqueceu de madurar,  
que serei alimento para o verme primeiro da madrugada,  
que a vida é a faca que se incorpora em forma de espasmo,  
que tudo será diferente, que tudo será diferente, tão diferente. . .

Eu quero um plano de vida para conviver.  
Eu ostentarei minha loucura erudita.  
Eu mantereí meu ódio a todos os cetros, cifras, tiranos e exércitos.  
Eu mantereí meu ódio a toda arrogante mediocridade dos covardes.  
Eu mantereí meu ódio à hecatombe do pseudo-amor entre os  
homens.

Eu mantereí meu ódio aos fabricantes das neuroses de paz.  
Eu direi coisas sem nexos em cada crepúsculo de lua nova.  
Eu denunciarei todas as fraudes de nossa sobrevivência.

Eu estarei na vanguarda para conferir esplendores.  
Eu me abastardarei da espécie humana.  
Mas eu farei exceções a todos aqueles que souberem amar.

## POEMA DA GRANDE CIDADE

Tarde é o vento  
e eu me ponho de braços  
e colho a melancolia da tarde  
e apanho os frutos derrubados.

Nada sei do que todos sabem.  
Nada sei dos gases e ruídos.  
E mesmo assim sou os que se cruzam  
entrecruzam  
descruzam  
e cruzam novamente  
e não deixam flor  
e não deixam dor  
e vão

e vêm  
na grande nave da urgência  
e sou o visor  
tela panorâmica  
olho mágico  
e nave da completa incapacidade de entender  
o passar o passar o passar  
dos que passam como se não passassem  
— imensas tochas de pressa  
que ardem sem saber que ardem na tarde.

Sinto o cheiro da multidão que se arrasta.  
Taturana de milhares de pés e milhares de sonhos.  
Roçantes cruzadores de grande cidade  
que atravesso com um nó atravessado na garganta.

Na Ladeira da Memória  
o cais da infância devolve águas.

Abre, rio, a porta.  
Deixa a sombra dos amados  
invadir o infrareino  
— teu areal.  
Existe um rio  
E eu toco este rio.  
É um rio de não parar  
— rio desabado edifício desfeito.  
É um rio um rio,  
um rio simples e total.  
Abre, rio, o corpo  
— teu trânsito invisível.  
Abriga olhar pesadelo barca.  
Deixa o peito abrir-se  
feito janela que dá para o mar  
e abre a cidade em duas partes  
de fruto imenso e vário.

E a chuva que se desfaz comigo.  
E que limpa a sarjeta da falta de conseqüências.  
E que borda o dia com a plumagem  
de um pássaro neutro.

E a chuva que rompo com meu estandarte.  
E que chove no tanque seco das grandes ternuras.  
E que navega pelas ruas amordaçadas do povo.  
E a chuva guarda  
e eu aguardo.  
E a chuva estoura sobre a ferragem das cabeças  
e eu estouro por dentro.  
E a chuva estala  
e eu me instalo.  
E a chuva move os tentáculos  
e eu amasso o corpo plangente  
da cidade rangente  
da inútil corrente  
do tempo presente.

Chove.

Chovo.

Chuvo.

Chuivo.

E sei da dor que esplende  
e da dor que se guarda.  
E das frondes luminosas das libélulas  
e dos sambaquis do Largo Memorial do mesmo rio,  
rio rio, rio-acho, rio que racho  
nas entranhas deste pesadelo.

E assim me estilhaço, Grande Cidade,  
(incertamente inserido)  
em teu sol na vidraça despedaçada  
de aço e mormaço  
girassol do ar  
que cunha as rugas de meu rosto  
e martela a fachada fechada da tua glória  
e chora a minha lógica desmedida de existir.

Só, sol, solo, solar,  
solidão  
— extrema lembrança destas galerias  
metropolitanas névoas  
que me habitam por dentro  
e por fora.

Dorme, Grande Cidade, na vegetação  
de teus jardins suspensos.  
Dorme na tua urgência de dormir esta dor  
que me esmaga à tarde  
e me presume na praça.  
Dorme, que meu canto é acalanto  
que levanto  
nas fibras pressagas  
do estandarte.

Grande é a cidade e grande é o dia.  
Como se passam as coisas  
que se pãssam em mim?  
Sou parte, mesmo estando  
à parte.

## EXERCÍCIOS

Exercício sobre uma alegre tarde de verão  
com chuva no início

e no telhado

p n o  
i g s

brincam de saltar  
cordas invisíveis

AS ANNAMÁRIAS – II

Vaga, vaga Lua,  
vaga cheia, vaga plena,  
vaga dentro, vaga fora,  
vaga onde, vaga quando,  
vaga tudo  
onde todo

e tanto te esperei.

Vai sob o sal dos olhos  
e a pressa presa,  
nos solavancos do coração rachado,  
achado e dado,  
a ti, amada alada,  
que te ergues do vento que passa,  
pássaro  
que voa no escuro lugar ferido,  
onde te guardo,  
onde te, rei. guardo,  
onde te ardo e te nasço e te ostento  
– mais alto estandarte de minha praça.

(todos de *Incorporação*)

## CARLOS RONALD

Carlos Ronald Schmidt nasceu na Ilha de Santa Catarina, a 2 de dezembro de 1935. Desde cedo sentiu a atração da arte, passando a dedicar-se à poesia, à pintura e ao desenho.

Participou, em Florianópolis, ao tempo de estudante, do Grupo Litoral, época em que publicou um primeiro opúsculo: *Poemas*, versos ainda bastante claros e transparentes, que revelam o vigor e a paixão juvenis. Em seguida publicou o álbum *Cantos de Ariel* (Seleção de Poemas) — Florianópolis, 1959, Edição do Autor — livro de duas partes: *A Presença de Mefistófeles* — o descaminho em busca da mulher e *A Redenção de Gabriel* — a vaga ânsia de retorno, tateando na noite sombria da alma.

Em 1962 formou-se em Direito, ingressando em seguida na Magistratura. Na década de 60 viveu algum tempo no Rio de Janeiro. De volta à terra natal, somente na década de 70 sua produção poética definiu-se num caminho decisivo e de forma orgânica. Três livros já publicou numa mesma linha poética: *As Origens* (Ed. Livros do Mundo Inteiro/MEC, 1971), *Ânua* (Ed. do Escritor/UDESC, 1975) e *Dias da Terra* (Ed. Quiron/MEC, 1978).

Poeta-pensador, sua poesia tende à hermeticidade e a uma aparente abstracção obscura, porque profundamente simbólica, de difícil acesso à mensagem místico-filosófica. Seu poema é o resultado do artista que se dobra sobre si mesmo, não para se fechar evasivamente, mas para indagar-se sobre sua essência, como ponto de partida para entender o relacionamento em sua existência. Poesia feita da própria vida, não na sua concepção rotineira e automatizada, mas sim num repensar consciente e conscientizador, procede a uma sondagem reflexiva acerca da problemática existencial do ser no mundo, em trânsito, em busca do mistério cósmico.

Poesia de indagação filosófica, situa-se em torno do homem em sua essência (o ser), nas circunstâncias ambientais envolventes (o estar) e no mistério transcendental do destino cósmico (o devir), na busca do indizível que está no âmago do real. Sua matéria é a palavra, despreocupada com jogos de experimentalismo gráfico-visual, mas centrada no pensamento. A linguagem, permanentemente alegórico-metafórica, apresenta-se bastante opaca e impenetrável a uma leitura puramente diletante.

Na *Advertência* inicial a *Ânua*, o poeta define suas coordenadas. Constatando a falta de profundidade filosófica na arte de nosso País e a realidade de que em nossos poetas e artistas "os pensamentos inexistem", tendo-se eles perdido no "superficial" e no "brilhantismo falso do vulgar", C. Ronald prega a necessidade de a poesia tratar seriamente do "pensamento", brotado da intuição. Mas, de imediato, tem consciência de que esta sua "poesia surgida em reação a uma tradição incipiente (...) está arriscada a cair (pelo menos por enquanto) no vazio total da incompreensão por falta de condicionamentos dentro de uma cultura (ou erudição?) que nunca me inspirou respeito".

Theobaldo Costa Jamundá assim vê a poesia de C. Ronald. "Eis um poeta de universo que é seu mesmo, não é triste, não é desesperado nem é consumido nas feiras-livres. Não é solene e fechado apenas não tem poética para o consumo popularesco (...) Falarão dele quando for preciso mencionar o acervo das letras barúgas-verdes, pelo que têm de mais talento na inventiva e artístico como gótico. À primeira vista sua poesia é difícil, não passa todavia a impressão de um problema de penetração no seu contexto. Só os habituados às leituras sem artesanato intelectual ou atacados de preguiça mental esbarram naquela primeira impressão; efetivamente, não é uma poesia para ser lida apenas com os olhos, exige a participação do cérebro".

Normalmente seus poemas não têm título nem pontuação.

A tristeza da água amordaçada  
 lembra um pouco esse trigo sem moldura  
 Nela deixamos a mesma figura  
 e um coração de ave entrelaçada

Deixamos uma torre desgarrada  
 pastando sobre a carne mais escura  
 e um bandolim aceso que murmura  
 à água com outra nuvem semeada

Vivemos como espigas refletidas  
 nas montanhas viúvas que a paisagem  
 adorna de vidraças coloridas

Somos dunas de asas estivais  
 que as colméias desovam na outra margem  
 fecundados por frutos e animais

## ENTRE A PELE E A GRAÇA

A consciência alimentada por lobos  
nesse losângulo cruel e a delicadeza resfria  
num canto qualquer da estátua  
Os navios já não transportam as feridas dos gêmeos  
Somos prisioneiros dessa negra gordura  
Um paraíso onde há sempre a mulher  
e a suspeita quando ali voltamos  
Nem há odor de anjos no parapeito das janelas  
Embora as excitações destruam o delírio  
damos razão para o cadáver dos outros  
ou damos razão para o cadáver da terra

(de *As Origens*)

O silêncio já não é da casa pois há sempre  
alguém no mundo: o ser que ama.  
Fronteira dessa mão estendida que ainda treme  
e o sangue a dois passos do homem.  
Mas a distância também corre.

Tudo que nos cobriu sem olvidar-nos,  
a figueira de um só fruto no final da terra.  
Pela parede branca das estrelas onde não se abre  
nenhuma porta, o que foi cego  
para a grandeza humana, uma ordem absurda  
nesse lado igual da esperança?

Para quem se despe numa esquina, certo de ter  
o calor devido e a proteção da casca que se adere  
à volta, agora que o inverno geme na superfície  
e tem um espírito tão grande como o do pai.

(de *Ânuva*)

## ANIVERSÁRIO

A vida é o crédito da imagem. Enigma que a natureza  
exibe ou deixa atrás de nós. O mesmo que sair do ninho  
sem precisar de vôo. As ruas mal-iluminadas familiarizam  
a dúvida como sinônimo da aurora. Surge o eco, as mãos  
separam-se. Este dar e tirar da transparência  
numa caverna de vinte andares. Pode, como visão suspensa,  
ser a lua de outra noite, atizar os veículos sobre os percursos  
indiretos da nossa novidade. Os rios serviram ao fim dos que  
amaram abrindo um sulco de fogo sobre os leitos.  
Hoje, a sombra de Platão contra as paredes define o achado  
pelas marcas. A realidade tangível atrás dos ossos  
é toda a melodia dos espelhos. Volta a ser lei nesse espaço.  
Não se emancipa do conjunto de anjos o som de um sino.  
E a nudez de ontem desespera o limite até onde o homem  
chega. Equilibra a intempérie entre a mulher e a terra: uma  
lembra a outra. Reagirá o amor sem objeto  
por aquele que nada trouxe.

(de *Dias da Terra*)

## PEDRO GARCIA

Pedro Garcia não é catarinense de nascimento, tendo nascido em Porto Alegre, em 1938. Mas, embora nascido fora do Estado e tendo vivido em várias regiões brasileiras, residindo atualmente no Rio de Janeiro, onde exerce o magistério superior na área de educação, como poeta traz as marcas catarinenses. Durante cerca de vinte anos residiu e impregnou-se profundamente da ambiência da Ilha de Santa Catarina. A própria Ilha, o mar, o pescador e sobretudo o peixe são constantes na sua temática. Em Florianópolis participou ativamente do movimento literário *Litoral* e nesta Capital lançou todas as suas obras.

O primeiro livro de poemas apareceu em 1959 — *Viagem Norte* — um grande poema único em que revela a preocupação constante em aproveitar e valorizar a palavra em sua disposição gráfica e em sua sonoridade, sobretudo através da rima (muitas vezes interna), da aliteração, da paronomásia e de hábeis trocadilhos.

Em 1964 as Edições Livros da Ilha, de Florianópolis, publicaram o segundo livro — *Ilha Submersa* — um livro mais densamente humano que explora, através do símbolo e da alegoria, o mistério do coração humano, a noite com suas conotações, o mar, como cenário e envolvência, sugerindo o tema do naufrágio iminente e da morte que espreita, inevitável.

*Paisagem Móvel* foi publicado em 1973, em co-edição da UDESC e do Movimento de Porto Alegre. A arte poética de Garcia continua evidenciando esmerado artesanato, uma rigorosa busca da palavra poética, da expressividade gráfico-visual e sonora. E continua a desestruturação do real através da irrupção do surreal alógico, embora o nível geral seja de elevada racionalidade.

Finalmente, em 1978, lançou pela UDESC Editora seu último livro: *Trapézio & Trapezista*, que revela profunda atividade lúdica, não gratuita e sem sentido, pouco sentimental e até densamente racional. Trazendo a marca da civilização moderna, da tecnologia, da coletivização e do desaparecimento do homem, tragado por esse monstro artificial ("a cidade engole o homem"), verifica-se uma redescoberta, sob outra perspectiva, da natureza sacrificada. O poema torna-se denso, carregado de simbologia, de emoção contida e controlada. Bastante hermética, a poesia de Pedro Garcia entrega-se lenta e progressivamente ao esforço interpretativo do leitor.

dois mortos permanecem na cabine do avião submerso:  
o contrabandista e a mulher

ele a cintura coberta de jóias  
ela pintada a pintura desbotada

dentro do aquário-avião permanecem  
e os peixes olham enternecidos

(de *Ilha Submersa*)

### UM ROMÂNTICO EM DIREÇÃO À ESTRELA CANOPUS

XIII

a morte se travestiu em peixe  
em pássaro  
para passear entre actínias fosforescentes

a morte se travestiu em dona  
e assentou-se à mesa  
e bebeu vinho (muito)  
e copulou travestida em mulher  
proliferou

### VARIAÇÕES SOBRE A DOR

a dor é incolor  
a dor alicia a dor  
faz da sua essência o branco

a dor se enforca como pássaro e depois  
liberta do laço lança-se livre  
da dor

por isso a dor é maravilhamento  
triste lamento  
acre-doce acalento  
pranto

a dor é a seta que fere e alcança e estabelece  
como seta  
a ligação

a dor dá asa ao homem  
ao homem que come  
ao homem que dorme  
a dor se alimenta do próprio homem  
que come que dorme  
a dor é mais forte que o homem

a triste litania não era dor  
a dor tem cor de exaltação  
nunca será canção triste  
a dor  
transcende a canção

a dor pode ser um detalhe:  
um copo caído  
um corpo caído

a dor pode ser um sopro:  
do teu cigarro  
do teu assobio

a dor grita se cortares um braço  
pois diminui o espaço

*(de Paisagem Móvel)*

a ponte condenada não cai  
permanece porque permanece a paisagem  
como fotografia estática  
o tempo congelado

### **COINCIDÊNCIA & DESENCONTRO**

na margem esquerda me acompanha a bela  
na margem direita eu acompanho a bela  
mas não nos acompanhamos: andamos na mesma direção

*(de Trapézio & Trapezista)*

## ALCIDES BUSS

Alcides Buss nasceu em Rio do Sul, em 1948. Licenciado em Letras, pós-graduou-se em Literatura Brasileira na UFSC, defendendo tese sobre *Cobra Norato*, de Raul Bopp. Reside em Joinville, onde leciona Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, sendo um dos líderes do grupo e um dos editores responsáveis pelo Caderno Literário *Cordão*.

Em 1970 publicou seu primeiro livro de poesia: *Círculo Quadrado*, poesia de adolescente, ainda às vezes imatura na forma, mas que já aborda os grandes temas vitais (o amor, a vida, a morte), deixando transparecer um tom reflexivo sobre o destino do homem e do mundo.

Em 1971 venceu o Festival Catarinense de Poesia Universitária, promovido pelo Diretório Central de Estudantes da UFSC, que também publicou o livro vencedor: *O Bolso e a Vida*. Este já revela um poeta intensamente preocupado com o tratamento formal, inclusive dividindo o livro em duas partes com os sugestivos títulos de *Aprendizagem 1* — que consta de poemas em versos livres, mas ainda sintaticamente perfeitos e *Aprendizagem 2* — em que desaparece a sintaxe e passa a explorar a palavra-objeto, dentro da técnica da poesia concretista. Destaque-se o seu empenho na exploração do poder encantatório da palavra, sobretudo através de processos como a montagem ou desmontagem de palavras, a reiteração, o trocadilho, a metáfora criativa.

Em 1976 voltou com outro livro de poemas: *Ahsim*, publicado pela Editora Lunardelli, de Florianópolis. Com este, Alcides pretende uma retomada do *Cobra Norato*, de Bopp, obtendo bastante proximidade estilística, considerando o envolvimento num clima de magia, o tom de humor e ironia, a imagística concreta e visual. A exercitação da linguagem, a exploração da palavra que cria o seu mundo e o caráter experimental parecem ser os pontos altos desse volume.

Alcides apresenta-se como um exímio artífice da palavra. Mas não da palavra vazia e sim da palavra rica de conteúdo, de vivência, de protesto, de conotações. É o valor da palavra — de sua sonoridade, de seu ritmo, de sua articulação — que se impõe com vigor extraordinário. Não há nele nenhuma preocupação servil com o verso medido e a rima, quando aparece, é natural e espontânea. O que há, é a procura da palavra exata, da palavra adequada, diria

LAURO JUNKES

mesmo da palavra-objeto, da palavra que, em sua riqueza de sugestões, dispensa quase a frase, porque em si mesma constitui um rico microcosmos.

Alcides Buss, embora ainda jovem, já trouxe sensível contribuição à poesia catarinense que ainda mais espera de sua obra em construção. Análise maior de sua obra elaboramos para o Suplemento Dominical do *Jornal de Santa Catarina*: 1.º/05/77, 8/05/77 e 15/05/77.

## ENIGMA

Dentro da rua há um ser que passa.  
Dentro do ser há outro ser  
e não há rua.

## SER

RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES
RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES
RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES
RES	SER	RES RES
RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES
RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES
RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES
RES	SER	RESRES
RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES
RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES
RESRESRES	SERSERSER	RESRESRESRES

(de *O Bolso ou a Vida?*)

## NOITE

Ao longo a noite  
com a ajuda da chuva  
vem desfazendo a cidade

Uniforme a tinta noturna  
tinge o de-ver.  
Os olhos sobrenegrecem.

O céu se encolhe  
e o horizonte se avizinha pra cá

Mudo silêncio se junta na gente.

(de *Ahsim*)

## ORAÇÃO

O verbo secou  
na tua garganta,  
qual terra, secou.

Com ele pedias  
o pão, o perdão  
— pedias em vão?

Secaste também!  
Mas rezas ainda  
. . . seca oração.

(de *Cordão* n.º 3)

## VI-VER

Que bom fechar os olhos  
e ver  
os olhos da gente!

Ver!  
Os olhos dentro do corpo  
e o corpo dentro dos olhos!

Mais ver!  
Ver o ver, ver  
acon-tecer a visão!

(de *Projeto Alcapão* - 1)

## VILSON VIDAL ANTUNES

Vilson Vidal Antunes Sênior nasceu em Lages, em 1925. Formado em Direito, desenvolveu carreira na Magistratura, culminando com sua nomeação, em 1979, para desembargador do Tribunal de Justiça. Tem curso na Escola Superior de Guerra e é uma pessoa muito viajada, conhecendo todos os continentes. Não obstante seus afazeres forenses, soube sempre reservar uma parcela de tempo para atividades jornalísticas e para a Literatura. Após longo e comprovado contato com o leitor, através da imprensa periódica, e já entrando na quadra dos cinquenta anos de idade, Vilson Vidal resolveu publicar seu primeiro livro de poesia: *Poemas de Amor e Paz* (1977), logo seguido de um segundo volume: *Canto Imergente* (1979). É o canto que atingiu a maturidade e se consolida em livro.

O poema de Vilson V. Antunes quase que se atém a um tema único: o amor, embora muitas vezes envolto pela paisagem-ambiente da região serrana, é um poema eminentemente universal. Constante é a alusão ou apóstrofe à segunda pessoa (tu, te, teu, contigo), aproximando, presentificando e vinculando o poeta à amada, que encerra todo o sentido da vida. Em meio a uma constante ambiência de ternura, suavidade, delicadeza, harmonia, o amor sempre é cantado como a força que tudo solucionará, inclusive eliminando o ódio e a discórdia. E assim, o amor muitas vezes aparece associado ao sonho e ambos têm como correlato a paz. A natureza, bela e amiga, é o envoltório mais agradável, buscado amavelmente até à integração.

No entanto, por vezes, o amor reveste-se de grande sensualidade ou revela a impetuosa exigência do "ato d'amor", na alcova e mesmo na grama. A referência a corcel, crina, cavalo, tropel desperta conotações vigorosas nesse mesmo sentido.

É bastante freqüente também a associação do amor com a passagem do tempo: o passado, a distância, a saudosa lembrança, por um lado, falam do vazio que causa a ausência da amada; por outro, os temas da busca, do regresso, do retorno conduzem à plenitude da presença, à força transformadora e saciadora do amor.

Muitas vezes romântico, exprimindo-se em versos de variados metros, atingindo medidas muito longas, mas revestindo-se duma linguagem poética

de belas e tocantes imagens, o poema de Vilson Vidal Antunes aprofunda-se em variações constantes sobre o obsessivo tema do amor.

## PASTORAL

Os cavalos dispersos da madrugada  
trouxeram de milênios,  
no dorso intocado,  
o amor perdido das virgens sem luar.

Vontade dos deuses de fina intuição,  
para quem a noite prateada do luar de agosto  
fez renascer, na face nublada de Vênus,  
todas as virgens que morreram sem paixão.

O orvalho da silente e intocada noite dos tempos  
por certo fez em ti a prodigalidade dos beijos  
que depositaste um dia  
em todas as crianças tristes,  
adormecidas sem ver as margaridas em flor.

Os cavalos dispersos da madrugada  
acordaram para os séculos e para o amor  
quando beberam em ti  
as lágrimas que choraste outrora,  
como angústia e protesto,  
pela rosa condenada a morrer em botão.

Eis porque persigo o teu carinho  
e no silêncio amigo das noites de lua  
um estranho sussurro, sem ti, mas cheio de ti,  
traz ainda nascente  
a mensagem d'esperança e afeto  
com que fizeste reviver em mim  
o menino adormecido no repouso do Tempo.

Uma floresta d'estrelas vive em ti,  
cresce em ti, vibra em ti  
e reverdece o teu amor.

## SAUDADE

Além do horizonte perdido,  
Na terra do "nunca mais"  
Tua sombra me deteve.

Segurou-me a mão devagar,  
Levou-me pelos campos desertos,  
Além da torre de prata do amor perdido.

Voltei num corcel de fogo,  
Nunca mais te encontrei.  
Só me resta hoje a lembrança  
Dos beijos que te roubei.

(De *Poemas de Amor e Paz*)

## CANTIGA DE SEPARAÇÃO

A flor que acariciaste com ternura  
e que aspirava o teu regresso,  
fundiu-se com o pássaro migratório  
que buscava o infinito,  
na vã tentativa de encontrar-te  
com a Primavera,  
no regresso triunfal das cotovias.

Tu não vieste,  
me deixando só.

Longe de ti,  
na longa e inútil senda da procura,  
minhas mãos, sem o teu calor,  
acenam debilmente para o nada.  
E meus cabelos brancos,  
longe da carícia dos teus beijos,  
apenas mostram o tempo perdido que não volta mais.

(de *Canto Imergente*)

## JOSÉ CORDEIRO

José Borges Cordeiro da Silva nasceu no antigo Distrito Federal (Rio de Janeiro), a 26 de março de 1897. Após freqüentar a Escola Naval até o terceiro ano, passou à Marinha Mercante, onde foi piloto e oficial, viajando por quase todo o mundo. Deixou em seguida a vida do mar e, enquanto cursava a Escola Politécnica, no Rio de Janeiro, iniciou-se e praticou intensamente o jornalismo.

Já formado engenheiro geógrafo, veio a Santa Catarina em 1926 e aqui se radicou e constituiu família, vivendo até hoje. Participou constantemente de nossa vida cultural e teve atuação marcante na imprensa. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e à Academia Catarinense de Letras.

Escreve contos, crônicas e poemas. Além de vasta obra dispersa, ressaltamos a seguinte: *Luz e Sombra* — poemas, 1951; *Um Alemão Ilustre* e a novela *A Sombra do Passado*, ambos publicados na seção de Livros do *Anuário Catarinense* de 1955 e 1953, respectivamente; *Ogê Mannebach*, 1970, uma narrativa livre sobre aquele poeta e *Águas Passadas*, 1970, instantâneos episódicos de velhas recordações. Deixou, como já dito, muitos contos e poemas dispersos em jornais e sobretudo na revista *Atualidades* e no *Anuário Catarinense*.

A maior parte de sua poesia está reunida em *Luz e Sombra*. Trata-se de poesia predominantemente filosófica, bem mais racional do que de lirismo emocional, ressaltando valores morais, espirituais e transcendentais, através da retratação, em forma parabólica, de problemas e situações existenciais: exploração, decadência, guerra, liberdade, egoísmo, etc. É poesia muitas vezes narrativo-dissertativa, objetivando a conscientização do ser humano sobre os valores da existência, focalizando as oscilações entre o amor e o prazer, entre a realidade e a transcendência. Através de advertências sobre a conduta humana errônea, busca a luz da verdade em meio às trevas da existência, pregando a harmonização entre pensamento, emoção e ação. Os versos são livres e a linguagem é muito alegórica, perpassada de metáforas. Segundo ressalta Nereu Corrêa no prefácio, "A sua forma é simples e nobre como o seu pensamento. É um poeta que, através dos seus versos, nos vai dando lições de humildade, de abnegação, de altruísmo, de renúncia, de compreensão, de tolerância e de amor

(...). É uma obra de pensamento, embora em forma de poesia. Se o poeta em muitos lances se retraiu, foi para dar lugar ao pensador. Mas o que a obra perdeu em leveza, em diafaneidade, lucrou em consistência..."

Cordeiro cultivou também bastante o estilo satírico, na tradição de Marcelino A. Dutra e Ogê Mannebach, cuja cadeira na Academia Catarinense de Letras passou a ocupar.

## SERENIDADE

No silêncio das horas vazias  
eu ouço a voz que deveria ouvir todas as horas  
se o tumulto das emoções,  
a força do instinto,  
o império do desejo  
não me cerrassem os ouvidos.

No auge da tempestade,  
quando mais intenso é o conflito  
e, como num vórtice monstruoso,  
os fatores condicionantes da mente  
surgem  
e turbilhonam  
no campo de seu entendimento,  
eu percebo a causa do conflito  
e a razão de ser da tempestade;  
mas deixo-me levar pela voragem,  
e perco-me no oceano imenso das sensações. . . .

Para que me encontre a mim mesmo  
e meus ouvidos se abram às harmonias universais,  
será preciso que eu me alheie do conflito  
e não sinta a tempestade,  
e ouça,  
e ouça sempre,  
durante todas as horas,  
a voz que só me chega aos ouvidos  
no silêncio das horas vazias.

(de *Luz e Sombra*)

## A PROVA

Numa valsa dolente,  
lenta, romântica e sentimental,  
enlaçados os dois, alheios ao ambiente,  
— o bacharel e a loura divinal  
conversavam baixinho. . .

Ele, a roçar-lhe a face maquilada  
com o bigodinho,  
falava.

Ela escutava  
admirada.

Dizia ele: — Ao pé de ti me inflamo!  
Sinto um desejo imenso, uma vontade louca,  
de unir num longo beijo a minha e a tua boca!  
Não calculas, querida, quanto te amo;  
nem avalias como me domino  
para não cometer um desatino. . .

Assim, para extinguir esta ansiedade,  
este ardente desejo  
de alguma coisa mais além de um simples beijo,  
quero a suprema felicidade  
de uma prova “real” do teu amor!

Como se o pensamento estivesse distante,  
a agitar a cabeça mansamente  
e a cabeleira ondeante,  
— ela sorria.  
Parece que refletia,

porque disse, afinal, e num repente:  
— Conheço bem essa cantiga.  
Vem de nossos avós. É muito antiga. . .  
Um bacharel usando-a! Quem diria?  
Devias adotar uma tática nova. . .  
Não ignoras que já sou sabida  
e não vou na corrida. . .

Se caio na tolice e dou-te a prova,  
— eu sei — não compras a mercadoria! . . .

(de *Águas Passadas*)

## ARTÊMIO ZANON

Artêmio Zanon nasceu em Perdizes, atual município de Videira, a 12 de maio de 1940. De 1952 a 1960 estudou com os Irmãos Lassalistas. Em seguida, após o curso de técnico em Contabilidade, cursou Direito na Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara, de 1965 a 1969.

Foi lavrador, professor, militar e funcionário público: Escrivão da Polícia Civil, Delegado de Polícia e finalmente, desde 1973, Promotor Público, atualmente em Campos Novos.

É impressionante o volume de sua produção poética. Presença constante em jornais, só no *Suplemento* de *A Gazeta* publicou mais de 150 poemas no biênio 1971-72, além de um conjunto de 100 sonetos intitulado *Evangelho dos Amantes*. Publicou os seguintes livros: *Canção da Vida Amor* (1969), *No Caminho da Vida* (1973), *Poetas Atuais do Brasil* (participação, 1974) e *A Execução da Lavra* (incluindo o livro de sonetos *O Gato*, 1976). Tem inéditos mais de uma dezena de livros de poemas, além de obras de ficção e teatro. Participa de *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Lunardelli, 1979).

Seus dois primeiros livros contêm poemas fundados no amor como princípio básico de vivência e convivência. Canta a iniciação à vida, através do amor espontâneo e natural, que busca a autenticidade do ser. Parte das origens míticas do ser, da gênese humana, sempre em busca da autenticidade original. Revela uma convicção sadia, uma visão humana da existência, uma aspiração constante à realização do ser no amor. Em contraposição, repudia a violência, a tortura, a falta de liberdade.

Já *A Execução da Lavra* reúne poemas escritos em 1974, certamente sob influência da região das minas de carvão do sul catarinense, época em que o poeta era promotor em Urussanga. São poemas que exploram, em paralelismo, uma dupla temática centrípeta: a mineração (a lavra da mina) e a escritura (a lavra da palavra) — um passo na linha do que já fizeram Tomaz A. Gonzaga e C. Drummond de Andrade em relação às Minas Gerais. São poemas muito bons, de sentimento ao mesmo tempo contido e vibrante. A forma é trabalhada, em versos curtos, distribuídos regularmente, embora variem de 2 a 7 sílabas. Todos os poemas são rimados e, combinando com a fluência e leveza do verso curto, a estrofe preferida é o dístico, ao lado do terceto e quarteto.

Também o conjunto de sonetos *O Gato* revela a mesma forma trabalhada, com rima constante, versos decassílabos e alexandrinos. A temática central volta a ser o amor — versos dirigidos à amada, revelando atitude ainda romanticamente sonhadora.

Zanon é um poeta que não encontra nenhuma dificuldade em conciliar essa atividade artístico-cultural com a função profissional de Promotor. Esperemos que condições editoriais possibilitem fazer chegar aos leitores sua vasta produção inédita e ainda por escrever.

### SINFONIA, OU QUASE SINFONIA — 4 Retorno

Sou.  
Não faças que eu não seja!  
Quero que sejas  
porque também  
és.

Então cantemos a canção de amor  
a canção de viver a vida.

Somos.

(de *Canção da Vida Amor*)

## LAVRA—AÇÃO

Ser mineiro,  
antes de mais nada,  
é ser cavador.

Empreiteiro  
que na sua jornada  
se envolve na cor

subterrânea  
na mina que fere  
no negro que malha.

Temporânea  
a frase difere  
na força que valha

sob a luta  
de tirar da lavra  
a útil mensagem.

Resoluta  
prosegue a palavra  
na exata linguagem.

Fica a ganga  
no entulho sem uso  
da lavra que cavo

e na sanga  
ponho o verso infuso  
do poema que lavo

(de *A Execução da Lavra*)

## A FLOR E A GRADE

Por trás da flor existe a grade e a pedra  
e a face oculta a espera de uma dádiva  
sem pena, sem medidas e sem memórias,  
e a semente germina-se da terra  
avolumando-se em espigas prenes  
aguardando outra aurora lúcida, ávida,  
enquanto a mesma flor no tempo medra  
crescendo pelo olhar em fria guerra  
entre as reais e irreais histórias  
avolumando-se em espigas prenes.

O homem esquece a flor por trás da grade  
esperando o perfume da manhã  
nas vísceras do sonho enquanto a pena  
o faz viver fechado no seu mundo  
sem damas, sem seus reinos, sem cavalos  
ouvindo ao longe o surdo rataplã  
do tempo de menino com saudade.  
Sente-se, agora, só, e num profundo  
esforço arruma a voz, outrora amena,  
clamando por suas damas, seus vassalos.

Por trás da grade existe a face e a dor  
que espera pelo tempo que se escoia  
no diálogo monótono das horas  
e olhos cansados esperando a luz  
que sobe entre os quadrados da janela.  
O homem por trás da luz se julga à toa  
e tem vontade de pegar a flor  
e, sorvendo o perfume que a seduz,  
perder-se no seu sonho e ouvir sonoras  
ilusões nos quadrados da janela.

Dentro da noite existe a morte e o sono  
e a força humana que se faz em vida  
a espera de uma estrela, de um sorriso,  
erguendo as mãos para agarrar o sonho  
da flor em seu perfume encarcerado,  
pulsando sob a terra carcomida.  
Dentro da noite, o nômade abandono  
põe o silêncio em tréguas e eu suponho  
que o homem, por trás da grade, espera o aviso  
da flor em seu perfume libertado.

*(de Poetas Brasileiros Atuais)*

## PÉRICLES PRADE

Nasceu em Timbó, a 7 de maio de 1942. Enquanto cursava o científico em Blumenau, iniciou atividades jornalísticas como redator de *A Tribuna*, estendendo em seguida sua colaboração a diversos órgãos da imprensa. Formou-se em Direito e exerceu as funções de professor universitário e juiz federal, estando atualmente a advogar em São Paulo.

É intelectual de ampla abrangência. Pratica a crítica literária e de Artes Plásticas, escreve poesia e conto e é conferencista. Sua obra literária abrange: na poesia: *Este Interior de Serpentes Alegres* (1963), *Sereia e Castiçal* (1964), *A Lâmina* (1964), *Nos Limites do Fogo* (1976), além da participação nas antologias: *A Novíssima Poesia Brasileira* (1965), *A Poesia Pede Passagem* (1972) e *Sopoesia* (1976); no conto, editou um volume que envereda pelo surreal e fantástico, já traduzido para o italiano: *Os Milagres do Cão Jerônimo* e está com outro volume pronto: *Alçapão para Gigantes*, além de participar das antologias: *Panorama do Conto Catarinense* (1974) e *Círculo 17* (1975); no ensaio:, publicou alguns na área cultural—artística, como: *Figuras Representativas das Artes Plásticas em Santa Catarina* (1971), *Síntese da Problemática Cultural Catarinense* (1972), *Espreita do Olimpo* (1973), *Múltipla Paisagem* (1976) e outros na área de estudos jurídicos.

Péricles Prade iniciou sua produção literária na poesia, depois a trocou pelo conto e ultimamente tornou a voltar à poesia. Seu poema envereda visivelmente pelo surreal. Desfazem-se as fronteiras nítidas entre o mundo exterior e interior, entre o real e o imaginário, entre o racional-lógico e o absurdo, que se interpenetram e fundem. É uma poesia feita de constantes alegorias e imagens muitas vezes descontínuas e transracionais, desafiando o leitor com seu abstracionismo hermético. Em seu último livro - *Nos Limites do Fogo* - apresenta um universo fabuloso, caracterizado pelo constante ritual mítico-demoníaco. Ao fazer sua apresentação, Luz e Silva define o universo e o processo poético de Péricles Prade:

“O fantasmagórico do mundo poético de Péricles Prade é conseqüência de sua procura do absoluto através do absurdo. Não vendo no real o fim consumado de tudo, parte para uma concepção abstrata do possível. Neste sentido, não se detém ele em nada, a liberdade é o seu elemento e dentro dela tudo é válido. O poeta assume sua posição fundamental perante o mundo: só

através da aparência estética é que consegue alcançar um início de compreensão. Não necessitando ele já da realidade imediata tal como se apresenta, recorre a freqüentes inversões de valores racionalistas, que surgem como uma reformulação do universo. Utilizando-se de uma série de símbolos mais gerais, parte o poeta então para a criação pessoal de um universo francamente mítico".

#### POEMA IV

Oh noturno, deixa envenenar em mim a lembrança da morte,  
faze da destruição a mensagem sigilosa dos deuses.  
Ah, noturno, haverei de batizar com sangue a alegria  
de amar o desconhecido no mundo, porque somente assim,  
somente assim serei feliz como Calígula  
na serenidade triste do impossível.  
Oh mortais, sou o contemplador suado  
de um mundo cercado de anjos,  
anjos decaídos da beleza.  
Oh poetas, descei do grande planalto interior,  
vinde ao encontro desta voz sem mistério  
que se perturba com o canto de sol das serpentes,  
das serpentes que somos neste grande quintal  
onde a ternura é a sobrevivência da morte.

*(de Este Interior de Serpentes Alegres)*

### O ESCORPIÃO SONOLENTO (1)

O príncipe apaga o fogo do planeta  
com as mãos, respirando com cuidado  
enquanto a noite explode o coração  
do vento e o sábio recolhe o vinho

Após a cerimônia os gatos mastigam  
os olhos do profeta nos cadafalsos  
Pouca é a fortuna, maior é o prazer  
de assistir tão simples sacrifício

Onde estão os feiticeiros lá estou  
com o escorpião sonolento e a água  
brotante, o peito voltado para cima

Nos castelos muito raro é conviver  
com os adutores, melhor o cárcere  
e sua limpeza, o poço que me redime

*(de Nos Limites do Fogo)*

## PEDRO BERTOLINO

Pedro Bertolino da Silva nasceu em Palhoça, a 4 de junho de 1940. Tem curso secundário de técnico em Contabilidade e superior de licenciado em Filosofia. Foi professor de português no secundário e atualmente exerce o magistério superior de filosofia na UFSC.

É poeta, mas também envereda pela teoria e crítica, com muitos artigos publicados em jornais sobre Literatura e Filosofia. Ao tempo da existência do jornal cultural *Ilha*, do qual foi por algum tempo secretário, publicou uma série intitulada *poesia/hoje*, analisando as novas tendências da Poesia no Brasil, destacando a produção de Cassiano Ricardo.

A partir de 1967, engajou-se ativamente no movimento nacional pelo *poema/processo*, tendo participado de diversas exposições em vários estados. O poema/processo, na época, assumia atitude decisiva de espantar pela radicalidade, considerando superada definitivamente a tradicional poesia discursiva. A respeito da nova expressão poética, Bertolino esclareceu, em entrevista: "O poema/processo não se define a priori. Ele funda para si o fundo em que se fundamenta, a base em que se baseia. Ele é sempre um projeto (aliás, isto caracteriza todo o processo)". Na linha do poema/processo, Bertolino participou de várias antologias nacionais: *Revista Ponto 1*, *Revista Ponto 2*, *Processo: Linguagem e Comunicação* (Vozes, 1971) e *Poetas do Modernismo*, vol. 6 (INL, 1972).

Sua produção poética abarca, no entanto, várias tendências: ainda a poesia discursiva, a poesia concreta, o poema práxis, o poema/processo e a técnica da história em quadrinhos. Normalmente, é um poeta menos preocupado com a sintaxe, com o verso discursivo, do que com o *linossigno*, dentro da linha do poema concreto e processo.

Não se empenha muito em publicar livros. Contudo, em 1976, a Coleção Cultura Catarinense da SEC editou *Trajeto* que, segundo o autor, reúne "uma amostra dos trabalhos que realizei de 1965 a 1974 (...) Quem lê o livro vê que ele começa com versos livres e vai acabar com o poema que usa a técnica da história em quadrinhos." Importante é ver o livro como um todo, uma seqüência na exploração de técnicas, um verdadeiro processo em evolução.

DE NÓS

pelo poço sem fundo  
chegamos ao nada  
porque somos ecos  
(não imagem)  
e o mergulho fatal  
nos retorna à origem

(Jornal de Santa Catarina, 27/3/77)

O SER

o ser gira gira  
ira  
ira  
gira só gira-sol  
gira gira  
vira  
dó  
ré  
gira gira  
dor  
a girar a girar  
argila a girar  
gera  
argila a girar  
gira  
gira gira o ser

(de *Trajeto*)

ANGU (LOS) STIA

P R E S O S E R P  
R        S        R  
E        E        E  
S        R        S  
O S E R O S E R O  
S        S        S  
E        E        E  
R        R        R  
P R E S O S E R P

(de *Trajeto*)

## RODRIGO DE HARO

Rodrigo de Haro é catarinense nascido em Paris, em 1939, filho do renomado pintor Martinho de Haro. Viveu seus primeiros anos no planalto catarinense, mudando-se depois para a Ilha de Santa Catarina, donde saiu, durante uma época, para São Paulo.

Dedica-se inteiramente à Arte: nas Artes Plásticas, sua atividade fundamental, pratica a Pintura, o Desenho e a Gravura; na Literatura, que também desenvolve desde cedo, escreve poesia, o que para ele é "uma operação religiosa ou mágica" e contos, estes também, tal como sua pintura e poesia, impregnados de realismo fantástico. Seus contos estão esparsos em jornais e revistas (*Diálogo, Ilha*), tendo participado da antologia *Panorama do Conto Catarinense*. Há muito tem pronto e inédito um livro de contos.

Sua produção poética, além de abranger muitos poemas esparsos e livros inéditos, compreende três volumes publicados:

*Trinta Poemas* (1961) compreende poemas ainda mais logicamente concatenados, denunciando o constante trágico da existência e uma ânsia de superação da solidão, através da vivência humanista. O livro gira em torno da temática de amor, solidão e morte. Já os poemas de *A Taça Estendida* (1967) e *Pedra Elegíaca* (1971), deixam aflorar cada vez mais o surreal que subverte o real, o absurdo que despreza o racional. As imagens insólitas e dísparas são de fundo bíblico, mítico e mitológico, sendo freqüente a presença de elementos satânicos e terroríficos, imagens de noite, trevas, túmulos. Constantemente implícitos, há elementos antagônicos: céu e terra, anjos e demônios, bem e mal, real e surreal, racional e absurdo. Quanto à forma, utiliza o verso livre, sem preocupação com a rima, havendo normalmente ausência quase total de pontuação.

Segundo observa Paulo Bonfim, "Se andarmos por seus labirintos sentiremos a fronteira mágica que separa o homem das dimensões que o convidam a ousar". E o próprio Rodrigo declarou em entrevista que "O poeta deve entregar-se inteiramente ao seu demônio".

POEMA III

Estamos sedentos de ternura  
O mundo secou num só deserto  
sem leões amáveis e sem anacoretas

menos que algum grito fraco  
já levanta poeira:  
as tímidas palavras  
o medroso respirar

sem esperança ainda procuramos  
nem mais sabemos quais jardins procuramos  
é a época dos brancos leitões sob a areia

nada é tão difícil quanto uma flor azul

(de *Trinta Poemas*)

A PARTIDA

Dormirei nas fendas da rocha  
Acordarei antes do dia  
Os silêncios fechados à minha volta  
Sete silêncios coloridos  
Outras sete batidas de bigorna  
Sete pássaros do estrangeiro.

Na cela luminosa  
Não vejo um espelho  
Só vejo a bilha fria  
Da manhã do mundo  
A subida do monte pede  
Exata estratégia  
Eu subirei por caminhos maliciosos  
O vento da estrela será meu guia  
Dormirei nas fendas da rocha  
Acordarei antes do dia.

(de *Pedra Elegíaca*)

## ZORAIDA GUIMARÃES

Zoraida Hostermann Guimarães nasceu em Florianópolis, a 11 de dezembro de 1925. Após viver durante anos em Tubarão, voltou a residir novamente em Florianópolis. Professora, poetisa e cronista, além da Literatura, aprecia muito a pintura e a música, cujos reflexos transparecem mesmo em sua poesia.

É membro correspondente da Academia Cristã de Letras de São Paulo, da Academia Paraibana de Poesia, da Academia de Letras de Uruguaiana, do Movimento Poético Nacional, de São Paulo, além de estar associada a outras entidades culturais do país.

Há muitos anos vem colaborando com diversos jornais e revistas, não só do nosso, mas de outros estados. Há dezesseis anos marca presença constante no jornal *O Apóstolo*, de Florianópolis.

Publicou em 1975, em Tubarão, o livro *Folhagerando*, de poemas e crônicas. Em 1979 lança pela Editora Lunardelli outro volume de poemas: *Semeadura*. Tem pronto mais um volume de crônicas. Participou, ainda, de várias antologias, como de *Poetas do Brasil* (2.º volume de 1975), *Anuário de Poetas do Brasil* (1.º volume de 1977), *Anuário de Poetas do Brasil* (1.º volume, 1979) e *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Lunardelli, 1979).

Zoraida faz poesia de muita ternura e suavidade, revelando um olhar humano e cristão sobre nosso mundo desencaminhado. Alma sensível, a natureza ressoa uníssona com sua vivência íntima, num paralelismo simbólico de grande expressividade. Sua poesia revela-se muito delicada, na expressão lírica dos seus sentimentos, através da palavra profundamente metafórica. Embora envolta num tom de constante mas diluída melancolia, em fase dos desvirtuamentos do proceder humano, sua poesia concretiza uma visão positiva, otimista e construtiva do mundo e da vida. Se o homem é um borrão que, com sua ambição, desfaz a harmonia da criação, o universo não deixa de ser uma imensa catedral do amor. E assim o pensamento da poetisa está constantemente voltado à Providência Divina, reverenciada numa profunda e espontânea religiosidade, como criador e Senhor de tudo.

Seu verso é normalmente livre, simples e espontâneo, sem sofisticções, mas cultivando constante metaforização e, por vezes, a reiteração aliterativa.

Revelando uma alta vivência humanista e espiritualista, sua poesia, ao mesmo tempo, encanta pela singela bondade e beleza que contém.

## OFERTÓRIO

Um dia eu terei que subir o monte  
para levar a minha oferta  
ao grande altar.  
Quando chegar esse dia impreciso,  
certo, imperioso, inadiável,  
terei de partir, iniciando a escalada  
e à medida em que subir  
desvendarei a rota percorrida  
e os caminheiros da estrada  
vindo após mim, em lenta procissão.

E então, meu Deus,  
depois da caminhada e do cansaço,  
chegarei ao altar dos ofertórios  
sem nada para oferecer,  
a não ser o olhar cheio de vergonha  
pelas misérias, pelas culpas, pelas negligências  
e por não poder estender as mãos  
cheias de frutos sazoados.

Nesse instante preciso, talvez me seja perguntado:  
— que fizeste do tempo que te dei? ...  
E eu, como uma perdulária, responderei:  
— perdão, meu Deus, perdi meu tempo,  
desbaratei o tempo em coisas tolas,  
enterrei a moeda que me deste  
com medo dos ladrões,  
ficando parada, sem perdas nem lucros.  
E agora que é forçoso te dar conta  
vejo que gastei sem conta o meu tempo  
correndo atrás do amor,  
como a abelha de flor em flor  
fabricando mel sem ter colmeia...

Para vós, Senhor, nada trouxe, pois nada tinha,  
já que ingênua e despreocupada cantei  
como a cigarra da ramada  
que explode no meio da canção...  
Aqui estou, Senhor, sem frutos na mão  
e tudo o que te posso oferecer  
é um coração partido, ensangüentado e ferido,  
coberto de lutos e de sofrer  
por tantas mortes de amor...

É que na terra, Senhor, o amor morre a cada dia  
e eu não consegui salvar um só amor,  
um amor pequeno sequer,  
para trazê-lo em minha companhia  
e ofertá-lo junto ao meu coração de mulher  
a fim de que o transformasses em pão  
para a tua mesa, eterna eucaristia.  
Perdão, meu Deus, perdão pelo tempo perdido.  
Aceita este coração ferido  
que é só o que me resta entre as mãos.

### QUE FIZERAM COMIGO?

Eu tinha a leveza da pluma  
era macia como seda  
e transparente como cristal polido:  
— que fizeram comigo?  
Eu cantava como as fontes  
e possuía as cores e a alegria  
dos campos floridos:  
— Que fizeram comigo?  
Hoje, pluma molhada... seda amarfanhada,  
cristal partido... fonte seca  
campo sem primavera  
e cacto cheio de espinhos:  
— para onde foi tudo o que eu era?  
Fui desmanchada por mãos distraídas  
e minha imagem esboçada  
ficou partida!...

(de *Semeadura*)

## MÁRCIO TAVARES D'AMARAL

Nasceu em Blumenau, a 29 de março de 1947, mas transferiu-se cedo para o Rio de Janeiro. Bacharelou-se em Direito pela PUC do Rio, concluiu o Mestrado em Comunicação e o Doutorado em Letras (Filosofia da Linguagem) pela UFRJ. Exerceu o cargo de Diretor-Adjunto da Escola de Comunicação da UFRJ, em cujo programa de Mestrado lecionou Filosofia. Desempenhou ainda a função de Coordenador-Chefe do Gabinete do Reitor da UERJ. Em 1979 assumiu a Secretaria de Assuntos Culturais do MEC, como um dos mais discutidos assessores do Ministro de Educação e Cultura.

Márcio sempre revelou uma inteligência lúcida e uma destacada capacidade e dedicação para o trabalho intelectual. Genro do escritor Odylo Costa Filho, é também um escritor em constante pesquisa. Além de colaborador de revistas especializadas e suplementos literários, publicou até o momento seis livros: quatro foram editados em 1974 pela Editora Três de São Paulo e compreendem biografias de vultos brasileiros: *Vida de Rui Barbosa*, *Vida do Marechal Deodoro*, *Vida do Barão do Rio Branco* e *Vida de Rodrigues Alves*; de 1976 é seu volume de poemas *A Casa*, editado pela Arte Nova e em 1977 publicou o ensaio *Filosofia da Comunicação e da Linguagem*, pela Civilização Brasileira/MEC.

O poema de Márcio Tavares d'Amaral tem o grande mérito de poetisar, com uma sensibilidade bem dentro do espírito modernista, temática e realidades prosaicas, como a própria casa, o leque, o bordado, a manhã, etc. O calor poético e humano penetra a frieza da construção e reveste de conotações objetos inanimados. A aspiração amorosa e a tentativa de recuperação do passado-infância também se fazem presentes. Vários poemas dedicados ao pai retratam a morte que se fez ausência irrecuperável. De modo geral, uma ressonância interior e espiritualista marca a busca e rebusca constante do sentido da existência.

## IDENTIDADE

É preciso explorar o avesso dos espelhos  
onde estão o rosto e o riso.

A face lisa recebe apenas  
a imagem predisposta.  
(Que olhos atrás dos nossos  
na outra face? )

A face lisa engana  
como o que é liso engana  
nas coisas.  
Como o que é liso esconde  
o coração das coisas.

A face lisa é ensaiada.  
Atrás dela fica o que resta do homem,  
o que nele é mais próximo da pedra.

E a pedra e o homem são do mesmo espanto.

## O RIO

Não tive nas mãos o barro transparente do Itajaí.  
Nem sei o caminho dos barrancos  
onde a vida amanhece descuidada.

Aprendi entre paredes. Sei de livros  
o gosto da terra.  
Dos mais velhos ouvi histórias  
de quando a infância se sujava as mãos.

Nada do que eu deixe  
— traço no papel, palavra, gesto —  
terá o ritmo do rio e a cor do barro.

Existem coisas perdidas para sempre.

## LEGADO

Antes do outono acabar  
quero plantar uma flor  
que por mim testemunhe  
a fecundidade da terra.

(de *A Casa*)

## GERALDO LUZ

Geraldo F.B. Luz nasceu em Gaspar, a 20 de julho de 1934. Jornalista, poeta e professor de História Geral, reside em Blumenau. Embora sua atividade literária seja lenta e pouco volumosa, verdadeiro poeta bissexto, colaborou em diversos jornais, como: *A Cidade, O Lume, A Nação*. Publicou um pequeno volume de poemas sob o título *Os Pecados Imortais*, em 1975, pela Fundação Casa Dr. Blumenau.

Os poemas desse volume reúnem-se em dois conjuntos: *Ladainha Sem Nossa Senhora* — poesia não mimética, simbólica e alegórica, com referências e conotações a uma substancialidade profunda, interior e mesmo transcendente, em que o mistério da essência sobrepuja a transitória existência — e *Em Espiral Ascendente* — poemas em torno da problemática do ser-no-mundo aqui e agora, na era tecnológica, mecanicista, ecologicamente ameaçada, em busca da valorização do humano.

À maneira do Simbolismo, de que revela influência, sua poesia dilui as fronteiras entre o concreto e o abstrato, ressaltando o mistério e o indefinido. Cultiva constante simbolização bíblico-litúrgica, hábeis trocadilhos (“Grave, mas já não grávida existência”) e sugestivas sinestésias (“Venha a nós o vosso gesto/que se despiu de saudade”). Sua linguagem explora a função poética da palavra, na sua capacidade maior de sugerir do que de declarar.

Refere-se nos próprios poemas de forma explícita a seus poetas preferidos, que marcaram influência em sua poesia:

“Retirar-me de Vinícius de Bandeira e de Pessoa  
de Lorca de Rimbaud e de Jorge de Lima  
de todos, afinal, naturais e estrangeiros  
e fugir, mas fugir de fora para dentro”

Anteriormente já incluía Murilo Mendes. São todos poetas profundos, que exploram o símbolo e mesmo a mítica e mística aspiração interior. Assim também é a poesia de Geraldo Luz: de pouca quantidade mas de profunda qualidade.

## LADAINHA SEM NOSSA SENHORA (I)

Humildemente universal  
trazes teu corpo como quem  
volta do princípio, e vem grávida.  
— Que agravo brilha no teu gesto?

A hora gera o teu ofício  
como um símbolo, como um címbalo  
oculto fora e quase fora  
da tua face, noite ainda.

E ainda estranho o teu sorriso  
ausente agora e no princípio  
(antes-depois que o verbo-enigma

te penetrasse como um lírio).  
A hora gera o teu ofício  
mas sem ponteiros luminosos.

## EM ESPIRAL ASCENDENTE (V)

O mito nós guardamos entre as mãos  
crucificadas antes desse gesto  
que libertou da selva posta em nós  
a graça presa em sol azul-marinho.  
O mito ainda é verde, mas promete  
ser a negação da negação futura.

E agora? E agora, enquanto a rota prossegue limpa  
como moral do precipício?

O importante é partir do sempre repartir o pão  
e o vinho, a terra e o sal e os deuses  
partir do repartir as oficinas, as escolas,  
pois é preciso construir, servo por servo,  
o sacrifício que gera o humanismo.

(de *Os Pecados Imortais*)

## OSMAR PISANI

Osmar Pisani nasceu em Gaspar, em 1936. Formado em Direito e em Letras, dedica-se ao magistério superior e a atividades culturais, atuando, há anos, nos campos da Literatura e das Artes Plásticas.

Estreou na poesia em 1964, com o livro *O Delta e o Sonho*, editado em Florianópolis. Juntamente com Raul Caldas Filho e Di Soares, dirigiu o jornal cultural *Ilha*, no período de 1967-68. Em 1976 voltou com novo livro de poemas — *As Raízes do Vento* — editado pelo Governo do Estado, através do Programa de Apoio Editorial, integrando a já confirmada e valiosa *Coleção Cultura Catarinense*. Escreve também contos, tendo participado das antologias *Círculo 17* (Ed. do Escritor, 1974) e *Assim Escrevem os Catarinenses* (Ed. Alfa-Omega, 1976) e *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Ed. Lunardelli, 1979).

A poesia de *O Delta e o Sonho* poderia ser vista como retratando o homem em três tempos: o tempo da geração (*Variações em Torno da Rosa*), o tempo da infância (*O Ser e a Infância*) e o tempo de maturidade (*Tempo e Angústia*).

Já *As Raízes do Vento* centralizam sua temática no mito da Ilha de Santa Catarina, seu passado (e presente), suas tradições, seu folclore, seu habitante básico — o pescador. Sobretudo a segunda parte do volume — *Nossa Senhora do Desterro* — compreende três grandes conjuntos de poemas nitidamente voltados para o tema da Ilha: 10 *Romances*, 15 poemas sobre *O Pescador* e *As Raízes do Fogo*, 15 poemas em torno dos elementos míticos: fogo e água, envolvendo o destino frágil dos seres humanos.

A poesia de Osmar Pisani, a par de momentos de engajamento, de participação social, revela muitas vezes um caráter lúdico e simbólico, na sua luta com a palavra em busca do mito originário e fundamentador.

## ANGÜSTIA

Senhor! Onde estão os homens?

O mundo está vazio,  
Ouve-se apenas um ruído metálico.

No labirinto terrível  
Que os homens criaram  
Nada existe,  
Somente mil formas  
De tortuosos caminhos.

Às vezes sinto tua doce mensagem.

(de *O Delta e o Sonho*)

## MÃOS UNIDAS

É tempo de unir as mãos  
vamos todos sem dúvida  
vestidos de equilíbrio  
descidos na esperança  
porque escasso é o disponível  
sair de onde o amor  
o futuro tarda  
amor lembra apenas  
uma estátua horizontal em pânico

(de *As Raízes do Vento*)

## PINHEIRO NETO

Liberato Manoel Pinheiro Neto nasceu em Florianópolis, a 29 de outubro de 1948. Licenciado em Letras, exerce o magistério e desempenha, há anos, constante atividade jornalística ao mesmo tempo em que escreve contos, crônicas e, sobretudo, poemas, integrando ultimamente o grupo de Poetas Experimentais brasileiros. Participa de *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Ed. Lunardelli, 1979).

Como poeta, estreou com o livro *Iriamar* (Ed. Lunardelli/UEDESC, 1978). O livro apresenta-se como um experimento, uma busca de novas formas de comunicação, registrando um processo evolutivo do autor: desde o poema métrico, passando pelo verso livre, pelo poema concreto, com base na palavra-objeto, até chegar ao poema-processo, essencialmente visual.

Pinheiro Neto é um poeta jovem, bastante sucinto na expressão. Seus poemas são curtos, quer na extensão total, quer na medida dos versos. Daí sua fluência e leveza. Utiliza a palavra com muita habilidade, tanto em sua expressiva sonoridade, como nas sugestões semânticas que encerra.

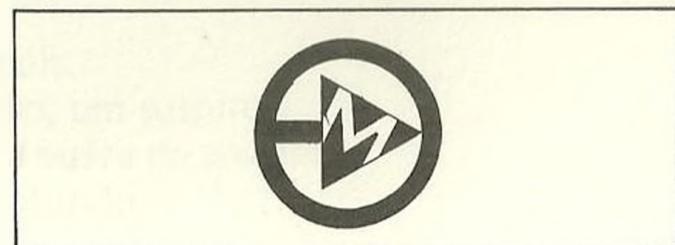
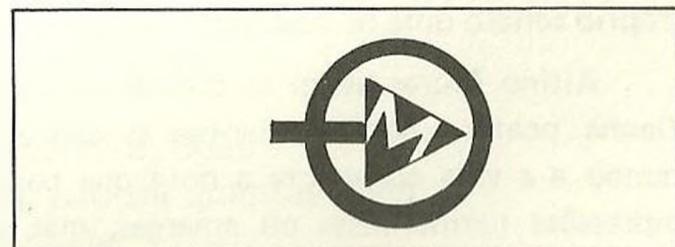
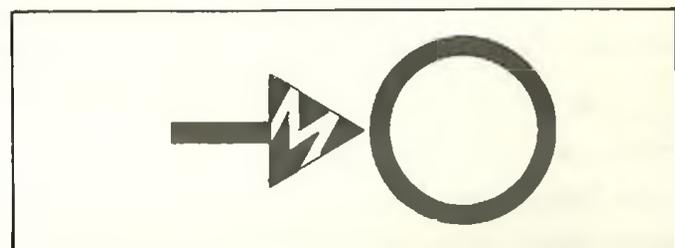
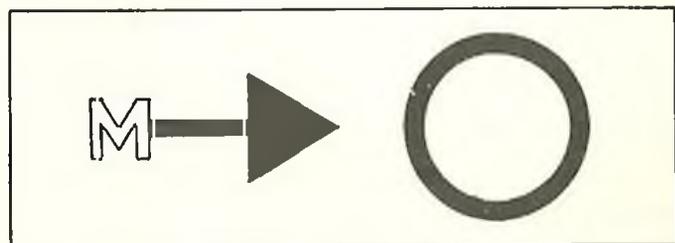
Sempre em busca de novas técnicas expressivo-comunicativas, envereda pelo poema concreto, onde desaparece a sintaxe e a palavra é explorada em sua textura específica, para terminar na vanguarda do poema-processo, em que a própria palavra é supressa, para dar lugar à pura forma visual.

*Iriamar* talvez não seja um livro definitivo. E esperamos que não o seja. Com um processo lento a definir-se e confirmar-se, se indica um longo caminho já percorrido, através de técnicas diversas, é busca e experimentação, o que constitui esperança e promessa de sempre novos caminhos e formas da poesia no mundo de hoje. E o processo continua a manifestar-se dinâmico em — *Chrischelle* — novo volume de poemas, em que Pinheiro Neto prossegue seus experimentos na linha da semiótica.

**GLEBA PERDIDA**

Canas verdes  
Isoladas  
Praias virgens  
Solitárias,  
Maduras canas  
Esquecidas  
Adultas praias  
Violadas.  
Canavial  
Canas do Vieira  
Praias estrangeiras.

**HOMEM/MEIO**



(de *Iriamar*)

## VERA DA COSTA VIANNA

Natural de Itajaí, Vera é filha do ilustre Desembargador Gil Costa. Fez seus estudos no Colégio Coração de Jesus, de Florianópolis, revelando desde a adolescência pendores para a Literatura, sobretudo para a poesia. Viajou e conheceu várias cidades do Brasil. Radicada há muitos anos em Porto Alegre, Vera foi cronista do *Correio do Povo*, exerce o magistério e destaca-se por sua intensa atividade intelectual e humanista junto à Academia Literária Feminina, à Associação Porto-alegrense de Cidadãs e à Associação Cristã Feminina.

Em 1970, coincidindo com o Jubileu de Ouro da Academia Catarinense de Letras, o Governo do Estado de Santa Catarina possibilitou a publicação de seu livro de poemas – *Na Presença da Vida*. Publicou ainda, no Caderno de Sábado do *Correio do Povo* de Porto Alegre, a 31 de agosto de 1968, uma célebre *Coroa de Sonetos-Infinito Amor*, quinze sonetos em versos alexandrinos, formando uma cadeia em que o último verso de cada soneto se identifica sempre com o primeiro verso do soneto seguinte e o 15.º soneto é constituído pelo conjunto dos versos iniciais dos quatorze sonetos anteriores. Arquitetura difícil de arranjar-se!

A poesia de Vera C. Viana revela um profundo sentimento de compreensão pela humanidade, uma constante busca da verdade, do amor, da ternura e da felicidade, a par de um senso de religiosidade sincera. Cultiva tanto o verso livre como o de métrica tradicional, inclusive com a rima, sendo o próprio soneto uma de suas preferências.

Altino Flores assim se pronunciou sobre sua poesia: “Para Vera da C. Vianna, poetar é confidenciar-nos as suas alegrias e as suas mágoas; é olhar o mundo e a vida consoante a hora que passa e através da qual se filtram as impressões harmoniosas ou amargas, que são, afinal, vivênia inconfundível...”

## ESPERANÇA

É tão tarde!  
E eu espero ainda  
O eco dos meus sonhos  
que eu não sonho mais!  
A noite se aproxima...  
e eu vejo o sol ainda  
brilhando na minha alma  
acendendo os meus ais...  
E meu corpo não morre.  
E minha alma não cansa.  
O meu grito de amor ainda  
responderá.  
O meu dia feliz...  
o destino trará!...

## ROMANCE

Dois olhares se encontram.  
Há no espaço entre eles  
um convite mudo  
à aproximação.

Depois... uma palavra, duas  
mais uma, não sei quantas mais.  
Um aperto de mãos.

Outra vez depois...  
um sorriso, um suspiro,  
e uma busca de anseios.  
Um êxtase profundo.  
O cansaço...  
O fim.

### FELICIDADE É VIDA

Se tudo me faltasse e eu nada mais tivesse  
senão Vida, Senhor, a vida que me dás;  
esta Vida que paira em tudo e permanece  
no seio do Universo e é movimento... e é páz...

Se inconsciente mesmo, eu a vida vivesse,  
mas dentro dela em Ti ainda fosse capaz  
de evoluir vibrando e vibrando pudesse,  
viver no Teu amor, que a Vida sempre traz!...

Se os sonhos e a esperança, a fortuna, a beleza,  
tudo fosse ilusão e não restasse nada.  
E eu só tivesse a Ti, na infinda Natureza...

Eu seria feliz! Feliz, porque viver  
é a ventura maior que me deixa entrever,  
que te pertença a Ti, e sou por Ti amada!

*(de Na Presença da Vida)*

## CARLOS DE FREITAS

Carlos de Freitas nasceu em Rosário do Sul (RS), a 16 de julho de 1920. Seu longo currículo tem por base intensa e constante atividade jornalística, iniciada em 1947. Desenvolveu seu melhor trabalho na grande imprensa paulista, como repórter e na redação das *Folhas* de São Paulo, bem como nos *Diários*, na *Última Hora*, na revista *O Cruzeiro* e na *Rádio Excelsior*. Teve ocasião de viajar por todo o Brasil e em 1958 conheceu também o Velho Mundo, a Europa Leste e Central.

Desde 1972 está radicado em Santa Catarina, onde continua militando no jornalismo. Trabalhou em *A Cidade de Blumenau*, depois nos *Diários Associados* de Joinville e atualmente exerce a chefia de redação do diário *A Gazeta* de Florianópolis.

Sua principal produção literária constitui-se de centenas de crônicas, reportagens, artigos e estudos dispersos em jornais do País. No entanto, a absorvente atividade jornalística jamais calou o poeta que existe dentro de Carlos de Freitas, embora seja um poeta bissexto. Em 1965 recebeu o prêmio *Ribeiro Couto* de poesia. Em 1968 enfeixou um conjunto de poemas no livro *Quarenta Dias e Quarenta Noites*. Ultimamente vem publicando poemas em *A Gazeta* e no *Cordão* de Joinville.

A poesia de Carlos de Freitas mantém um sensível enraizamento na realidade cotidiana que cerca e condiciona o homem atual. Apresenta muita contenção sentimental, o que permite o afloramento de viva consciência do momento existencial. Às vezes torna-se realisticamente amarga ante a nossa civilização, cujos rumos são denunciados através de tom irônico, satírico e mesmo de revolta. No plano formal, revela constante e rica metaforização e tendência à ampla alegorização, conjugando harmoniosamente diversas imagens sensíveis para conotar realidades inefáveis ou inacessíveis aos sentidos. Exemplificamos com um poema de sua última fase.

Escreve também contos, participando de *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Ed. Lunardelli, 1979).

## INVENTÁRIO

Deitar e cruzar o braço sobre o rosto  
para atenuar a agressividade da lua  
que penetra mesmo com as pálpebras fechadas

e fere  
a gelatina dos olhos envelhecidos.

(Por quanto tempo conseguiremos  
deter as coisas que amamos? )

Ser como o camponês que afaga o pêlo do cão

e espera  
sem espanto  
o vento  
e as vozes da noite,  
como o homem que caminha  
para além da solidão,  
de vagos heroísmos  
e virtudes humanas.

Olhar o céu sem ódios e sem medo  
sem pensar nos rostos do encontro  
nas palavras que terá de pronunciar.  
Não aguardar a visita de lembranças  
punições  
ou recompensa arduamente esperada.

Saber que o dia de amanhã  
não está preso a promessas  
dos homens ou dos deuses.

(Que diriam os animais domésticos  
de nossas amizades com as feras? )

Quando o vento encrespar as águas do rio  
e as árvores se curvarem à sua passagem,  
ouvir o recado que ele traz de outras regiões  
Sentir a musicalidade das gotas elásticas  
desprendendo-se dos galhos,  
o murmúrio das pequenas correntes  
o chiado das folhas úmidas  
e esquecer o sentido  
das palavras de arrimo  
inutilmente esperadas.

Só os que saem para não voltar  
encontram a sua verdade.

(de *Cordão* n.º 3)

## PEDRO A. GRISA

Nasceu em Corcórdia, em 1941. Tem curso superior de Letras Neolatinas e de Filosofia, com uma sensível formação humanista. Atuou no magistério de 1.<sup>o</sup> e 2.<sup>o</sup> Graus e, desde 1974, milita na área do ensino superior, como assessor de processos e projetos e coordenador de ensino. Reside atualmente em Araucária, Paraná.

Além da participação em várias antologias, publicou três livros: *Interrogação Vital* (poesias, 1967), *A Caminho* (poesias, 1973) e *Faróis Dentro da Noite* (cronicontos, 1976). Mantém inéditos dois romances, uma peça teatral e está para publicar o livro de poemas *Perspectivas*.

Simplificando, talvez pudéssemos apontar duas linhas fundamentais na poesia de Grisa: a) o canto do amor, que se manifesta predominantemente em *A Caminho*, um livro confessional, que retrata uma fase de transição e decisão na vida do poeta, ou seja, o encontro do seu EU com o TU da amada, de que resultou o NÓS da comunidade familiar; b) o canto do p(r)o(f)eta — poeta e profeta, com uma visão acentuadamente humanista, preocupado com o impacto da civilização, principalmente da grande cidade, sobre a desumanização do frágil ser humano. O poeta sensibiliza-se na defesa do humilde, do pobre, do ser que sofre a imposição do progresso tecnológico. Grisa é um poeta lírico essencialmente humanista, sempre preocupado em refletir sobre a problemática existencial do ser humano. O poeta não é um simples sonhador, um fingidor, mas um engajado na sua realidade, experimentando a angustiante necessidade do profeta de lançar seu grito de alerta ao mundo.

Formalmente, o poema de Grisa geralmente emprega o verso livre, mas não despreza o efeito expressivo dos recursos sonoros, como a rima, o ritmo, a aliteração. Também explora muito a função poética da linguagem, através da metaforização, das antíteses e paralelismos, da cada vez maior utilização de trocadilhos ou jogos de palavras, que são decompostas, combinadas ou recompostas, para produzir os efeitos intencionados pelo poeta.

## A GRANDE CIDADE

A grande cidade  
é grande vaidade  
é oca-verdade

A grande cidade  
tem gestos de gato  
— as patas macias  
— as unhas ardidias

tem grito — tem pranto  
sorvido em cristais  
(Crist-ais)

A grande cidade  
tem rios invisíveis  
de lágrimas-sangue  
de sangue-suor  
caindo em cascatas  
das mesas-banquete

c o r r e n d o nas ruas  
nas roupas mais caras  
nos carros de luxo

e lagos vermelhos  
no luxo das casas  
que afogam mendigos

(fragmento-inédito)

## O HOMEM PARADO NO VIADUTO

No viaduto — o homem parado.  
Em cima — o céu esbranquiçado.  
Embaixo — armações de concreto.  
No asfalto — veículos correndo.  
E no viaduto — o homem parado.

No viaduto — o homem parado.  
Faixas-rolantes-de-carros  
correndo em mil sentidos,  
cruzando-se de mil maneiras.  
E no viaduto — o homem parado.

No viaduto — o homem parado.  
Asfalto, carros, prédios.  
Arranha-ceús de todos os feitios,  
colocados de todo jeito.  
E no viaduto — o homem parado  
DE GRAVATA.

Sim, de gravata está o homem!  
Pensará na gravata?  
No viaduto — o homem parado,  
está olhando, olhando  
essa-corrente-viva-e-metálica  
correndo sempre e sempre diferente.  
(há tanta novidade num desfilar de carros!)

Que pensará o homem-de-gravata  
no viaduto-parado?

(Será que ele sabe  
que está pisando um monte  
feito pelo sangue e suor dos homens? )

Ele saberá,  
o-homem-de-gravata-no-viaduto-parado,  
que ele tem o direito de ser homem  
e deve sê-lo?  
(mesmo parado no viaduto-parado? )

(de *Interrogação Vital*, 1967)

## LUCY ASSUMPÇÃO

Lucy Assumpção nasceu em Joiville, em 1917. Reside há muito no Rio de Janeiro, sempre ligada à cultura, tendo trabalhado no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Tem poesias e contos publicados em vários jornais do país. Algumas de suas poesias foram musicadas pelo maestro José Siqueira e apresentadas na Sala Cecília Meireles, em 1977.

Participou de *Abertura Poética* (Rio, C. S. Editora, 1965), antologia de poetas novos e de *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Florianópolis, Lunardelli, 1979). Publicou: *Coração Verde* – Literatura Infantil (Rio, José Olympio, 1979) e *Estágios* – Poesia (Rio, Nórdica/INL, 1979). Tem ainda prontos: *Embates* – Poesia e *Sete historinhas em tom cordel* – Literatura Infantil.

O poema de Lucy Assumpção apresenta-se muito conciso, elíptico, recorrendo a constantes frases nominais, a verbos no infinitivo. Sua mensagem profunda e mesmo de reflexão filosófica deve ser deduzida pelo leitor das conotações que transparecem além da simples enunciação. Retomando muitas vezes a própria condição do poeta e a arte de escrever, bem como confrontando com certa desilusão o sonho e a realidade, sua poesia talvez tenha como temática central a solidão, a dificuldade de comunicação, mas deixando transparecer constante ânsia de ser na autenticidade, de reencontrar a natureza original, de unir-se a seus irmãos.

Formalmente, cultiva o verso livre, branco, bastante curto, sendo mesmo comum o verso constituído por uma só palavra ou locução. Walmir Ayala, ao apresentar *Estágios*, ressalta: "Chamo a atenção para a tensão e economia de seu ritmo vasado em palavras, para a feliz aproximação de seus elementos naturais e intelectuais. Uma poesia reflexiva, ambicionando decifrar enigmas eternamente tateados pelos poetas em todos os tempos. A poesia escorre entre seus dedos, participa daquele conceito de transitoriedade, dos *flashes* instantâneos com os quais se prende, através de detalhes fugazes, a possibilidade de um retrato."

### CORAÇÃO

Fiel de balança  
de dois pratos  
  
num deles  
alguns encontros  
  
noutro  
seus confrontos  
  
balanceados  
no equilíbrio  
de seus sofridos  
compassos

### COMPARAÇÃO

Olha pra tua sombra  
já quase igual ou maior  
da que o sábio tem.

### DESTINO

A ave no seu vôo,  
quando canta liberdade,  
rumos nos desvela.

### PROCURA (3)

Ando atrás  
de chão de terra  
que soluce ainda  
explosões de verde  
  
ilha emocional  
de permanência  
que aceite e acolha  
meus saldos dispersos

### PROCURA (4)

As pessoas  
que me cercam e vejo  
conheço de informação  
  
delas nunca ouvi  
o coração  
  
daí não poder querê-las  
— num instante —  
em meio às suas e minhas  
pressas constantes

## POETAS NOVOS DE BLUMENAU.

Blumenau é atualmente um dos mais dinâmicos centros culturais e literários do Estado. Convém, pois, ressaltar alguns poetas novos que ali vêm-se projetando. Sua confirmação dependerá do futuro.

### 1. JOSÉ ROBERTO RODRIGUES

Nasceu em Blumenau, a 26 de maio de 1953, iniciou o curso de Letras na FURB, em 1974, mas passou a dedicar-se totalmente ao jornalismo, sobretudo no *Jornal de Santa Catarina*, no qual edita, há anos, a página de Literatura, dedicada a autores do Estado. Fundou e editou, em 1978, o semanário *Jornal de Blumenau*, que chegou a 18 números.

É poeta e contista. Como poeta, recebeu duas vezes menção honrosa nos concursos de poesia do Festival de Inverno de Itajaí e foi distinguido com o 2.º lugar (Placa de Prata) no concurso estadual Prêmio Luís Delfino, da Secretaria de Educação e Cultura, em 1978. Como contista, mereceu também duas menções honrosas em concursos universitários da FURB. Tem poemas e contos publicados em vários jornais do Estado e no Caderno de Sábado do *Correio do Povo*, nas revistas *Cordão*, de Joinville e *Literaçõ*, de Blumenau. Tem um livro de poemas já aprovado para integrar a Coleção Cultura Catarinense, do Conselho Estadual de Cultura. Participa com contos das antologias: *Os Contos da FURB* (Acadêmica, 1979) e *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Lunardelli, 1979).

Sua poesia é profundamente participante do momento histórico-social, denunciando a violência e pregando a liberdade fundamental do ser humano. Sua temática é a vida humana aqui e agora.

### 2. EULÁLIA MARIA RADTKE

Nasceu em Gaspar, a 6 de maio de 1949. Coursou até o ginário e trabalhou durante oito anos como fiandeira. Atualmente exerce a função de secretária. Desde cedo passou a residir em Blumenau, como declara em depoimen-

to: "Entre verdes canaviais gasp Arenhos nasci. De carroça para Blumenau, aos dois anos. Acredito que aqui estão minhas raízes mais fundas, entre uma escola e outra, e os amigos de infância que se perderam".

Desde 1972 vem publicando poesias e contos em vários jornais e revistas, não só do Estado, mas também de Curitiba, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife, etc. Nos concursos de poesia do Festival de Inverno de Itajaí recebeu duas vezes menção honrosa e, em 1976, foi distinguida com o 1.º lugar, recebendo o prêmio *Lausimar Laus*. Em 1978 conquistou o prêmio *Ferreira Gullar*, em concurso nacional no Paraná. Além do livro *Espiral*, que deverá em breve integrar a Coleção Cultural Catarinense da SEC, tem inéditos três outros de poemas: *As Travessias do Canto*, *Poemação*, *Os Ventos do Sul*, além de *Abertura das Romãs* (contos) e *A Casa da Matéria* (peça de teatro). Participa de *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Lunardelli, 1979).

Poeta de permanente atividade e de projeção emergente, a poesia de Eulália, de luta e questionamento, concentra-se numa visão humanista profunda do ser no mundo, acercando-se de aspectos filosófico-transcendentais. Segundo seu depoimento, "a poesia nasce com a fome e a sede. A dor guardada no peito e na memória. A palavra arrancada do nada, para se fazer perfeita no lugar e na hora certa. O sonho maior que o corpo. O olho aberto e o silêncio agarrando o sonho. Os pés grudados na terra. O vôo na hora incerta e bálida. As mãos inquietas, e o suor na testa e na alma".

### 3. VILSON DO NASCIMENTO

Nasceu em Blumenau, em 1943. É artista múltiplo, dedicando-se às Artes Plásticas (pintura e escultura) e à Literatura (poesia e conto). Em 1963, juntamente com Bráulio Schloegel, criou o movimento Zendualista, aplicando o Zen às Artes Plásticas. Em 1969 participou da *Antologia de Autores Catarinenses* (Ed. Laudes), com um conto. Em 1974 participou de outra antologia — *Vôo Vetor* (Ed. do Escritor) — com poemas. Ainda em 1974, seu conto *A Surda-Muda* foi selecionado para integrar um caderno especial da revista *Planeta*, dedicado a contos fantásticos brasileiros. Vem publicando contos e poemas em vários jornais. Exerce as funções de Diretor do Departamento de Cultura e Assessor de Imprensa da FURB. Integra o volume *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Lunardelli, 1979).

A literatura de Vilson do Nascimento, no conto e no poema, envereda pelo fantástico e pelo surrealismo. Superando o lógico real e racional, seus escritos extravasam, em imagens insólitas e desconexas, uma visão supra-real e as tendências ocultas da psique humana.

#### 4. BEATRIZ NIEMEYER

Nasceu em Blumenau, a 26 de maio de 1957. Atualmente é professora de Inglês, dirige uma academia de balé e cursa Direito.

Faz poesia desde 1971. Em 1976 lançou seu primeiro livro de poemas – *Conjugação* e em 1977 participou de uma retomada da *Catequese Poética*, movimento iniciado e conduzido por Lindolf Bell, desde 1964. Vem publicando poemas em vários jornais de Santa Catarina e de Minas Gerais e nas revistas *Cordão*, *Literação* e *Intercâmbio*. Tem poemas traduzidos para o inglês e o alemão. Está preparando um segundo livro de poemas.

Sua poesia é essencialmente lírica, profundamente inquieta e perpassada de imagens místico-simbólicas, envolvendo o ser humano na sua frágil condição existencial, em busca da essência.

#### 5. BRÁULIO MARIA SCHLOEGEL

Nasceu em Blumenau, em 1943. Cursou Direito na FURB e fez cursos de Museologia e Biblioteconomia no Rio de Janeiro. Atualmente exerce o cargo de Diretor da Biblioteca Central da FURB. Participou, em 1969, da *Antologia de Autores Catarinenses*, com um conto. Sua atividade cultural está sensivelmente ligada à de Vilson do Nascimento. Ambos dedicam-se às Artes Plásticas e à Literatura (poesia e conto). Bráulio e Vilson coordenaram, por vários anos, a página literária do jornal *A Cidade de Blumenau*. Juntos iniciaram também, em 1963, o movimento Zensualista.

Bráulio é um poeta bissexto, de trabalho lento, contido e seletivo, sem preocupação com a quantidade. Sua temática e tratamento literário também se aproximam da visão surreal de Vilson do Nascimento, com imagens que justapõem a desconexidade do alógico.

Poemas de José Roberto Rodrigues

HONRA

A honra  
não se confina  
num calabouço,  
arcabouço  
de torturas,  
nem se destina  
a especulações  
atrás de muros,  
entre homens  
solenes e insolentes  
que pensam  
comprá-la ou vendê-la.

A honra,  
se perdê-la,  
melhor fora  
nunca tê-la  
no reino dos dias.

Quem a traz consigo  
sabe-a um pássaro  
consciente de seu vôo  
e da força de suas asas  
sobre as casas  
de sua pátria.

A honra  
é um homem  
que arranca respeito  
com seu olhar duro,  
mas que sabe  
ser suave —  
ave de bom agouro —  
e cumpridor  
de seus eventos.

Fermento, terra  
de boa lavra,  
a honra  
é palavra  
que se empenha,  
é chave, senha  
que garante  
a via da justiça.

A hora é esta  
horta que cultivo.

(Placa de Prata no Concurso  
Estadual — Prêmio Luís Delfino).

(ENTRE PARÊNTESES)

A vida não é como o vinho  
suave: ela é o seu vinagre.  
Não tem a maciez do arminho:  
é áspera, agre.

A vida não é sol  
e sombra (solombra).  
É passo de lobo  
na alfombra.

A vida não é lago  
azul translúcido.  
É álcool, e não me  
deixa lúcido.

A vida não é paisagem:  
árvores e flores em torno.  
É uma grande viagem,  
sem retorno.

(A morte é o único milagre,  
nestes tempos sem sorte.  
A vida se acaba no fundo falso  
do cadafalso).

(in *Suplemento JSC*, Blumenau,  
13 de fevereiro de 1977)

Poemas de Eulália Maria Radtke

DOIS POEMAS

Não me julgue  
um pássaro torto

julgue o vôo  
que esse pássaro faz  
para chegar a ti

(O Acadêmico, set. 1977)

LXX

Não te peço a claridade  
dos astros

Dá-me a minha sombra  
que saiu a te buscar

(Suplemento JSC 27/02/77)

## ESQUIVO CANTO DA SOLIDÃO

Deixa-me às minhas  
circunstâncias.  
Tantos se foram  
deixando dúvidas nos  
bolsos das paredes.

Aqui dentro tudo continua:  
pranto espanto febre,  
e a sempre memória  
vincada neste riso.

Ah! irmão,  
não te percas ao procurar-me.  
Não tenho espaço nem tempo  
estampados na cara.  
Te honro com esta espada  
entregue aos risos do dia novo  
que ainda me suporta.

Não lhe sei o nome,  
mas hei de acatar-lhe  
a cor do amor  
e seus anteparos de mistérios.

Cultivas o feitiço  
das metafísicas que primam  
pelo silêncio sobre ocultos fuzis?

Não temas.  
O riso contudo ainda é fácil,  
embora a dor que nos esconde  
e cala,  
já não plante hoje nenhum futuro.

Poemas de Vilson do Nascimento

CRIANCINHAS ABÚLICAS

Das árvores apodrecidas no silêncio  
de meu rosto  
criancinhas inteiras ressurgem no jardim.

Suas mãos embrutecidas não são loucas  
e seus olhares ingênuos não diferem dos meus.  
Seus lábios, caídos no horizonte, soltam-se dos rostos  
e caem adormecidos sobre meus dedos leves e curtos.  
E seus pés, de tão meigos e finos,  
escondem-se na lama outra vez.

Jamais conheceram a razão.  
São loucas, são puras e frágeis como os grilos.  
São criancinhas inertes.  
São puras e frágeis.  
E de tão frágeis merecem correr de manhã.

(de *Vôo Vetor*)

## MALTRATANDO ANDORINHAS

Acho assombrosa esta minha vida  
Admiráveis estes meus dedos vivos  
Estas minhas sombras  
Estas idéias surreais

No elegante vaso de idéias  
sobre a mesa,  
no papel,  
desloco-me sem nojo algum  
dos anjos

São altos estes meus objetos recriados  
São mais altas ainda estas  
saliências em minha face  
Em minha face  
Em minha dupla face

Louco de lúcidas idéias  
Louco de suaves idéias lúbricas  
Louco na exuberância da vida  
Louco na exuberância da morte  
Um predestinado a maltratar andorinhas  
com as mãos

(de *Flor Morena 2*)

Poemas de Beatriz Niemeyer

PRIMEIRO LAMENTO

Eis o homem  
taciturno e só  
errante  
em seu animalíssimo vício

Ei-lo soando  
no sino  
as doze pancadas  
escuras  
e uivando no vento  
seus gemidos frios

Ei-lo  
pobre verme  
embalsamando pecados  
trocando prantos  
entroncando desencantos  
nas rosas  
que esperou sem espinhos

Ei-lo  
em meio à tropa  
brava  
que desanda  
que atordoa

Quisera saber  
o que murmura  
de que jeito lastima  
este tempo  
sem grinaldas  
sem fundura  
branca e calma

## DISTÂNCIA

Já vai alta a noite,  
apagando com suas sombras  
a manhã que habitava minh'alma.  
E permaneço aqui, silente,  
submissa aos meus pálidos sonhos,  
sossegada em minhas perdas,  
disfarçada de música,  
enclausurada no som das vozes que já se foram.  
Eu sou escrava dos efêmeros momentos,  
da lembrança das campinas,  
da primeira decania, infantil,  
das tardes de pesca à beira do rio  
coroadas de brinquedos serpeantes.  
Tão longe estou agora  
da minha terra, a que me viu nascer  
e que abrigou minhas fantasias.  
Afastei-me, ou afastou-se de mim  
o pórtico do meu lar.  
Ah! se pudéssemos saber  
onde aporta pujante e prosaico  
o perfume das acácias!  
Devo a essa distância  
do meu tempo e do meu mundo  
e a essa sorte soturna,  
meu pranto mudo e meu poema,  
minha saudade  
revestida dessa negridão noturna.

(Suplemento JSC, 29/05/77)

Poemas de Bráulio Schloegel

POEMA PARA OS POETAS MÍOPES  
QUE AINDA ACREDITAM EM UM NOVO  
HORIZONTE PARA O PÔR-DO-SOL

Venho suavemente à procura  
daquele que perdeu toda a riqueza  
do seu tempo,  
os sorrisos maduros,  
a sua infância  
sua história  
e sua espada.

À procura da medalha  
de prata sem inscrição  
alguma,  
do seu espaço  
da sua trilha na  
torre abandonada.

À procura da primavera,  
do relâmpago e das suas pedras  
preciosas.

Venho hoje suavemente à  
procura de seu início.

*(de Vão Vetor)*

POEMA

Pelas ruas da imaginação  
todas as coisas regressam.  
Um grande barco flutua  
Um sol voa muito alto  
A grande construção nunca termina  
Cabeças adormecidas preparam sonhos  
Os homens se distanciam  
A noite  
O nevoeiro  
Os cânticos  
Os momentos  
Os fantasmas conquistam  
os arsenais e os sonhos se transferem  
para seus esconderijos.

(de *Literaçú*, Blumenau, set. 1978)

## POETAS NOVOS DE FLORIANÓPOLIS

Florianópolis, como capital do Estado e principal centro universitário continua desenvolvendo atividade poética bastante acentuada. Os novos sempre constituem uma esperança na medida em que vencem o desafio.

### 1. CARLOS DAMIÃO

Carlos Damião Werner Martins nasceu em São José, a 15 de maio de 1956 e está cursando atualmente Ciências Sociais (Sociologia) na UFSC. Desde os tempos do secundário preocupa-se com a criação literária e sua função, escrevendo poemas, que já apareceram publicados em diversos jornais e revistas não só deste Estado, mas também de outros. Participou de atividades teatrais no Instituto Estadual de Educação, onde também concorreu e foi o primeiro classificado no I Concurso de Poesia do IEE, em 1976. Participou também do conselho editorial do, infelizmente, efêmero jornal cultural *Desterro*.

Carlos Damião lançou, em 1977, um primeiro conjunto de poemas numa edição mimeografada: *O Dia Começa Por Baixo da Saia*. Em 1978, já impresso mas em edição do autor, publicou *Poemas, Etc.*

O poema de Carlos Damião revela constante preocupação de engajamento, consciência e participação. Seu objeto fundamental é esse ser tão minimizado em nossa civilização, tão massacrado e tolhido em sua ânsia de liberdade e realização: o homem. Seu poema é consciente, é denúncia da mistificação e alienação, é arma de luta contra a violência e a violentação. Por isso, precisa manter-se muitas vezes em nível elíptico, cultivando o vigor sugestivo da alegoria e simbolização.

### 2. CIRINEU CARDOSO

Cirineu Martins Cardoso nasceu em Laguna a 19 de agosto de 1949. Desde 1960 reside em Florianópolis. Formou-se em Economia pela UFSC, em 1978, atividade que exerce. Desde 1970 vem escrevendo e publicando poesia. Tem poemas em todos os maiores jornais do Estado e nas páginas literárias de muitos jornais de outros estados. Seu mais constante instrumento e arma, no entanto, é o mimeógrafo: "é uma alternativa, coerente com o subdesenvolvimento e a dominação cultural estrangeira. Através dele editamos nossos

textos, livres para uma formação literária que busca o próprio rosto". Está sempre presente nos jornais mimeografados do Estado e do País. Teve ainda participação em recitais, em peça teatral e em revista cultural. Publicou um conjunto intitulado POEMAS, em três séries. Participou de exposições do *Poema-cartaz* em Florianópolis e Brusque. Sempre através do mimeógrafo, editou em seguida *Decreto-Lei/Poemas* e, em 1979, *Suor & Látego/Poemas*.

Cirineu escreve seus poemas em versos livres, explorando a disposição visual das palavras na página (técnica ajustada ao poema-cartaz), resultando em jogos de palavras de grande força sugestiva. Sua temática volta-se insistentemente para o homem simples e oprimido, para o trabalhador, para o assalariado explorado, numa atitude de revolta ante situações injustas, que denuncia com veemência, porque se considera "comprometido com a existência".

### 3. ROSEMARY FABRIN

Rosemary Muniz Moreira Fabrin nasceu em Lages, a 8 de outubro de 1949. Fez estudos na terra natal, tendo concluído o curso Normal. Desde a infância, gostava de poesia, declamava em recitais e mesmo já escrevia versos. Outro setor artístico que muito a atraiu foi a música. Estudou teoria musical e piano. Ao ter que abandonar a música, inclinou-se apaixonadamente e encontrou seu caminho na Literatura. Desde 1970 vem colaborando em muitos jornais, quer da região Serrana: Lages, Caçador, Joaçaba, quer de outras, como: *A Gazeta* e *Diário Catarinense*, de Florianópolis e *Jornal de Santa Catarina*, de Blumenau. Desde 1975 reside em Florianópolis.

Embora com vasta produção poética esparsa em jornais ou inédita, Rosemary lamentavelmente ainda não logrou atingir a edição em livro. Ao menos cinco volumes de poemas seus estão prontos para edição: *João da Terra*, poemas diversos; *Lírios do Mar*, poemas dedicados ao amor e à ternura, mas aos quais não falta a inquietação e as perplexidades; *Colisão*, conjunto de dois mil versos que constituem uma constante declaração das misérias do mundo e uma angustiante súplica pela paz; *O Mundo Absurdo*, livro duro e amargo que focaliza com veemência os absurdos da nossa civilização desumanizante e *Confissões*, cujo lirismo se impregna de expectativa e tristeza ante as contradições vitais.

A poesia de Rosemary preocupa-se fundamentalmente com o homem, um ser essencialmente votado para o amor, mas desvirtuado pela massificação e pelos absurdos da nossa civilização. Alma de grande sensibilidade, Rosemary confessa suas inquietantes interrogações ante o trágico da existência, suas perplexidades ante as contradições da vida, sua freqüente tristeza e desilusão, mas sua vibrante busca do amor e da paz.

Rosemary dedica-se também à crônica e ao conto, tendo participado de *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Lunardelli, 1979).

Poemas de Carlos Damião

1. ARTIGO PRIMEIRO

Proclamo  
a necessidade de que retomemos  
a palavra

HOMEM

em toda a sua plenitude  
(não mais homem  
arrastado  
até o mar  
para ver peixe  
nadar)

2. LIBERDADE

estrangeira  
pela tarde  
do país  
estranha  
estrela  
perdida

(de *Poemas, etc.*)

3. NOITE

Essa escuridão  
e nós todos  
vigorosos  
resistentes  
tremendo de frio  
medo  
(tempo de resistir)

(de *Cordão n.º 4*)

Poemas de Cirineu Cardoso

1. CRUCIFICAÇÃO

NA  
CRUZ  
DO  
MORRO  
DA  
CRUZ,  
O  
MORRO  
PREGA SEUS MORTOS  
A  
VIDA  
ESTENDE  
SEUS  
TRAPOS  
OS  
HOMENS  
SEUS FARRAPOS

(de *Poemas*)



Poemas de Rosemary M. M. Fabrin

1. A CATÁLISE DA NATUREZA VERDE

Abra a cortina de uma só vez  
e olhe bem!

não tema a paisagem anulada  
o que você fez não justifica o medo  
embora nada o fará agora suportar  
o tédio do vazio que chora.

Abra a cortina de uma só vez  
e olhe bem através!

não existe nada mais além  
de uma chuva de sangue. . .  
— Não foi você quem  
matou a paisagem?

Abra a cortina de uma só vez?  
(mas a coragem do tirano ficou sepultada  
dentre os cortes lacerantes da paisagem  
sacrificada)

.....  
Ferro, cimento, vidro e aço  
repentinamente assumem  
o antigo espaço  
consumido — consumado

ali a paisagem verde morreu  
para dar lugar a um gigante  
monumental bloco de concreto.

Abra a cortina de uma só vez!  
Abra a cortina de uma só vez!  
Abra a cortina de uma só vez!

... feche os olhos  
e respire a natureza verde!  
Abra os olhos  
e respire

o C O N C R E T O !!!

(de *O Mundo Absurdo* — inédito)

## 2. EPIZEUXIS

Teu corpo é a selva da minha tortura  
em nossos instantes de feliz ventura.

Teu corpo é enlevo em que vago este universo  
na plenitude desde amor intenso.

Teu corpo é mistério e divindade  
em que vivo instantes de eternidade.

Teu corpo é a pureza de mil encantamentos  
quando juntos vivemos ardentes momentos.

Teu corpo é vida peregrina em delícias  
em que vagamos por meandros de carícias.

E nos confundimos ambos simplesmente  
unidas nossas carnes docilmente.

Teu corpo é abismo a desmaiar nossos sentidos  
no etéreo gozo em que esvaímos unidos!...

(de *Confissões* — inédito)

## OUTROS POETAS NOVOS

### 1. LUÍS

Celso Luís Teixeira, conhecido por Luís, nasceu em Brusque, a 24 de março de 1955. É pintor, poeta e jornalista. Desde 1974 vem escrevendo poemas. Naquele ano também foi um dos fundadores do jornal *Cogumelo Atômico*, trincheira literária de novos. Em 1978, já desaparecido o *Cogumelo*, Luís funda a revista mimeografada *Flor Morena*. É um dos organizadores da *Coletiva Nacional de Arte de Rua* que anualmente acontece em Brusque. Luís tem muitos "poemas publicados em vários órgãos alternativos, oficiais e marginais desse Brasil" e editou em 1978, mimeografado a álcool, o livro de poemas *O Amor na Ponta do Espinho*.

O poema de Luís é sensivelmente engajado, denunciando a opressão e o sofrimento do irmão anônimo. Em atitude humana de solidariedade, contrapõe a ânsia de amor e liberdade à opressão e exploração pelo prepotente. Seu poema é todo consciência, vivência, participação. Revelando sensibilidade fraternal, aguda percepção da realidade e natural reação ante as injustiças, levanta seu protesto espontâneo, que conota uma contundente violência em potencial.

### 2. INÊS MAFRA

Inês Mafra nasceu em Brusque, a 3 de outubro de 1956. Já foi verdureira, professora e bibliotecária. Sempre teve ativa participação nas manifestações literárias de sua cidade e do Estado. Interessada em teatro, participa do grupo "Teatro Amador de Brusque". Juntamente com Luís e outros, editou *Cogumelo Atômico*, jornal da imprensa alternativa, bem recebido pela nova geração. Foi também editora de *Visor*, jornal do Diretório Acadêmico da Faculdade de Estudos Sociais de Brusque. Com Márcia e outras, editou ainda *Flama*, revista mimeografada de contos, poesias e desenhos.

Possui contos e poemas publicados em vários jornais e revistas, como: *Ficção*, *Cordão*, *Visor*, *Cogumelo Atômico*, *Flama*, *Jornal de Santa Catarina*, *O Estado*, *Diário Catarinense*, *O Acadêmico*, etc. Em 1979 participou dos livros: *Os Contos da FURB (Acadêmica)* e *A Literatura de Santa Catarina*.

A poesia de Inês Mafra surpreende muitas vezes pela ruptura surreal e fantástica. Abordando de forma direta e sem complacências temática social e

realista, protesta contra o mundo perdido e reivindica atitude mais compreensiva e mais justa consideração para com o ser humano, social e individualmente oprimido pelas circunstâncias que o cercam. Por isso, seus poemas muitas vezes englobam passagens narrativas e deles se depreende certa amargura e desilusão.

### 3. APOLINÁRIO TERNES

Nasceu em Joinville, em 1952. Cursou Letras até o 3.<sup>o</sup> ano, mas formou-se em História, pela FURJ, em 1978. Dedicou grande parte de suas atividades ao jornalismo, durante muitos anos. Foi diretor do Arquivo Histórico de Joinville, cargo a que retornou atualmente.

Em parceria com Cyro Ehlke, publicou o livro *Joinville de 1851–1975*. Tem pronto outra História de Joinville. No período 1970/73 publicou cerca de 900 crônicas em *A Notícia*. É autor da peça teatral *A Última Esperança*. Em 1978 publicou, em edição do autor, o livro de poemas *O Aprendiz da Esperança*.

Já no prólogo desse livro, o autor esclarece as funções do poeta e do poema. E nos seus versos, ao denunciar o desencanto com o avanço tecnológico, atribui ao poema a função de conscientizar e convocar o homem. A poesia é meio de humanização do ser humano, meio de compreensão, união e fraternidade. Como já conota o próprio título, o autor não perdeu o otimismo, por confiar e esperar na força do amor.

### 4. ALMIR MARTINS

Nasceu em Imbituba, a 21 de julho de 1952. É estudante de Administração de Empresas em Tubarão e trabalha como químico ceramista em Laguna. Além de contista e poeta, é também compositor de música popular. Ativo nas lides literárias, edita o periódico *Universus* e a página Voz Literária no jornal *Sul do Estado*. Em 1978 publicou, em edição do autor, o livro *Quem é Você?*, de poemas e pensamentos. Prepara a edição de outro livro de poemas: *Revelação*. Participa de *Contistas e Cronistas Catarinenses* (Lunardelli, 1979).

Os poemas e pensamentos do livro *Quem é Você?* constantemente questionam o sentido dos acontecimentos e do proceder do homem. A supervalorização do *ter* sobre o *ser*, a desvirtuação dos valores humanos, o negativismo da poluição e da burocracia, a valorização do temporal sobre o eterno, a crescente e paradoxal incomunicação na era da comunicação — constituem alguns binômios em jogo. Seus poemas já são reflexivos e estão ainda entremeados de pensamentos, sobrepassando sempre a busca do sentido do amor e a contraposição de valores religiosos e espiritualistas ao desenfreado materialismo.

No plano formal, os versos são geralmente livres e curtos e cultivam efeitos de sonoridade, através de rimas e jogos de palavras. O autor recorre muito à construção paratática, justapondo seqüências de versos. É uma “expressão poética catarinense da nova geração”.

### 5. SILMAR BOHRER

Nasceu em Canela (RS), a 20 de junho de 1950. Desde os sete anos transferiu-se para Santa Catarina (Porto União e Caçador), tornando-se catarinense por adoção. Concluiu em 1975 sua licenciatura em Letras pela FEAR-PE de Caçador, onde reside e é funcionário da Caixa Econômica Federal.

Desde os dezoito anos vem escrevendo poesia, conto e crônica, tendo colaborado com vários jornais. Ainda não publicou livro, mas participa de uma Antologia de Contos, da Lunardelli – *Contistas e Cronistas Catarinenses*. Tem inéditos dois volumes de poesia: *Pétalas e Vitrais Interiores*. O primeiro consta fundamentalmente de sonetos que revelam rigor formal (na estrutura, rima, vocabulário) e abordam temática de intenso sentimento amoroso, bastante românticos. O segundo congrega sua produção mais recente, em versos livres, explorando os efeitos visuais do poema concreto – a palavra como objeto e sua disposição no espaço. A temática torna-se mais universalista ao mesmo tempo em que enfoca problemas do momento atual: a poluição, o automatismo, a agitação desenfreada, a preocupação existencial do ser-no-mundo. Selecionamos inéditos desse segundo volume.

## Poemas de Luís

### 1. MANO VELHO

Estou bem, um pouco mais magro.  
Compartilho minha cela com Deus,  
Briam Jones e Pablo Neruda.  
Ontem Zumbi foi posto  
em liberdade condicional.  
Ficamos chateados  
mas não podemos nos queixar,  
porque nos tratam muito bem aqui.  
Comida e água não faltam,  
e temos o tempo todo para ler,  
discutir, cantar, rir e pensar.  
Estou ciente de que todos, um dia,  
estarão presos neste cárcere.  
É uma prisão sem julgamento à espera,  
porque crime nenhum se comete.  
É a Prisão dos Sonhos,  
que tanto tenho te falado,  
onde o Homem é Livre  
e suas Esperanças Condenadas.  
Onde vive-se toda Felicidade  
que não se encontra  
em parte nenhuma do mundo.  
É a Prisão dos Sonhos  
onde se tem o delírio de Viver.

### 2. AGONIA

Meus pés planejaram  
correr campos de alegria,  
mas a realidade  
são as cercas de arame-farpado  
e os muros  
com cacos de vidro...

(de O AMOR NA PONTA DO ESPINHO)

## Poemas de Inês Mafra

### 1. A FLOR E O ANJO

Não venha me pedir desculpas.

Não venha ao meu encontro.

O fim de tudo aconteceu.

Você matou a flor!

Meus olhos se afogam em lágrimas

Enlouqueci de tanta dor

Estou perdida na solidão deste quarto

Não quero ver ninguém

Tudo o que eu queria

morreu nas minhas mãos

Meu sonho lindo eu te perdi

Despertei pra sempre nesta manhã

Dentro tudo dói

O anjo morreu

e eu fiquei sozinha

com o anjo morto nas mãos.

Não venha me pedir desculpas.

Não venha ao meu encontro.

O fim de tudo aconteceu.

Você matou a flor!

*(O Estado, 15/01/78)*

### 2. PASSAGEIRO

Inútil, quase inútil

tentar dizer o que se passa.

Mais vale ver a vida na vidraça.

Chorar-pedras-de-vidro.

Sorrir-sorrisos-transparentes.

Na vidraça, para os que passam, amém.

A noite é quente e machuca.

Suicídios, vinganças, perdões.

A noite é sempre cheia de mortos.  
De mortos e de silêncios.  
De soluços e de choros.

Silêncio dorme na noite o ciclo vital da esperança.

E, à noite, enquanto se finge que o mundo parou,  
os notívagos reúnem suas dores, remendam suas  
esperanças, renovam suas promessas.

Silêncio à noite, o poeta fabrica poemas,  
o padre sussura orações, mães velam seus filhos.

Na noite, o coração do mundo pulsa, repulsa, expulsa.  
Na noite, homens atarefados cumprem tarefas e tarifas.  
Na noite, homens trafegam em direção ao dia.

Na noite, ou no dia, há uma única tarefa: viver.

(de *O Aprendiz da Esperança*)

Poema de Apolinário Ternes

É noite.  
Mãos nervosas se seguram.  
Seguram-se.

Dois corpos se buscam,  
rebuscam, entrecruzam-se.

Lábios se tocam,  
lábios se comprimem.

A noite é longa e fértil.

Uma menina, sozinha, na sua imensa ternura  
acumulada, sonha sonhos de mulher.

Uma mulher, sozinha, no seu imenso silêncio  
noturno, sonha sonhos de menina.

É noite.

Um garoto afoga o seu carinho inútil no  
corpo de uma mulher sem nome.

Homens silenciosos sufocam choros adultos.

As pessoas dormem.  
Cedo as angústias individuais e coletivas  
estarão congestionando as ruas, lotando os ônibus, batendo o ponto.

Poemas de Almir Martins

1. ENLATADOS

A natureza

E o homem

Enlatados

Na cidade

Dos coletivos

De monotonias e monólogos

A água na ferrugem

Do ar

Da floresta

Os palmitos

E os peixes

Enlatados em frigoríficos

Enlatados os sabores da mesa

Da anti-higiene

Enlata-se o homem

E o homem enlata a natureza!

2. VOZES

Nem a voz do amor

Nem a voz do oceano

Nem a voz do progresso

Nem a voz do minuano

Podem falar mais alto

Que a voz do silêncio!

(de *Quem é Você?*)

## Poemas de Silmar Bohrer

### 1. JORNADA

Meus dias são contados  
nos dedos longos  
do Tempo.

Meus caminhos dirigidos  
pelas sendas  
opacas do Destino.

Minha vida é um barco  
que navega  
nas águas turvas  
do insondável

Minh'alma um ente  
peregrino  
que escorrega  
na palma da mão  
do Infinito

### 2. POLUIÇÃO

ruído fumaça  
negro sombras comoção  
fluidos névoa  
cinza opressão manchas  
chamusco corrosão  
nuvem

### 3. PROGRESSÃO

Se  
Sêmem  
Semente  
vida

BIBLIOGRAFIA

- ANUÁRIO CATARINENSE. Florianópolis, Anos I a IX, 1948 – 1956.
- BASTIDE, Roger. *O Lugar de Cruz e Sousa no Movimento Simbolista*. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1943 (Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico, 1943).
- BITTENCOURT, Liberato. *Nova História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, Ofs. Grafts. do Colégio 28 de Setembro, Vol. II, 1944; vol. III, 1945; vol. IV, 1946.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Nossa Senhora Do Desterro* – Vol. 1 : Notícia e Vol. 2: Memória. Florianópolis, 2.<sup>a</sup> ed., Editora Lunardelli, 1979.
- CHAVES, Hélio. *Oliveira e Silva – O Homem e o Ético na Poesia*. Petrópolis, Imprensa Vespertina Ltda, 1975.
- CORDEIRO, José. *Ogê Mannebach*. Florianópolis, Editorial Uruguai Ltda, 1970.
- CORRÊA, Nereu. *O Canto do Cisne Negro e Outros Estudos*. Florianópolis, Depto. de Cultura da SEC, 1964.
- CORRÊA, Nereu. *A Tapeçaria Lingüística d'Os Sertões e Outros Estudos*. São Paulo, Edições Quíron-INL, 1978.
- CRESPO, Anésia Walter. *Vultos Catarinenses (Esboços Biográficos)*. Joinville, Tip.F.G. Schwartz, s.d.
- EÇA, Othon d' e outros. *Centenário de Cruz e Sousa – Interpretações*. Florianópolis, Edição da Comissão Oficial de Festejos, 1962.
- FLORES, Altino. *Sondagens Literárias*. Florianópolis, Ed. Edeme em convênio com Editora da UDESC, 1973.
- FLORES, Altino. *Do Sonho à Miséria e à Morte (Antero dos Reis Dutra)*. Florianópolis, Edição mimeografada da UDESC, 1970.
- FONTES, Henrique. *Lacerda Coutinho*. Florianópolis, Edição do Depto. Estadual de Imprensa e Propaganda, 1943.
- JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. *Catarinensismos*, Ed. UDESC-Edeme, 1974.
- JUNKES, Lauro. *José Elisiário da Silva Quintanilha – Antologia Poética (Edição do Centenário)*. Florianópolis, Ed. do Governo do Estado - Conselho Estadual de Cultura-SEC, 1978.
- MAGALHÃES JR., Raimundo. *Poesia e Vida de Cruz e Sousa*. 3.<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira-MEC, 1975.
- MEIRINHO, Jali e JAMUNDÁ, Th.Costa. *Nomes Que Ajudaram a Fazer Santa Catarina*. Florianópolis, Edeme-Sec.Governo. s.d.
- MELO (filho),Oswaldo Ferreira. *Introdução à História da Literatura Catarinense*. Florianópolis, Faculdade Catarinense de Filosofia, 1958.

## LAURO JUNKES

- MONTENEGRO, Abelardo R. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. Fortaleza, Ed. Batista Fontenelle, 1954.
- MURICY, Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*. Rio de Janeiro, Depto. de Imprensa Nacional, 1952.
- PAULI, Evaldo. *Cruz e Sousa, Poeta e Pensador*. São Paulo, Ed. do Escritor, 1973.
- REGIS, Maria Helena Camargo. *Linguagem e Versificação em Broquéis*. Porto Alegre, Ed. Movimento—UDESC, 1976.
- REVISTA SIGNO. Florianópolis, Revista da Academia Catarinense de Letras, vols. 1 a 5 (1958-1975).
- REVISTA SUL. Florianópolis, Revista do Círculo de Arte Moderna (Grupo Sul), n.ºs 1 a 30 (1948-1957).
- REVISTA TERRA. Florianópolis, Revista de Letras e Artes, n.ºs 1 a 24 (1920-1921).
- SACHET, Celestino. *As Transformações Estético-Literárias dos Anos 20 em Santa Catarina*. Florianópolis, UDESC-Edeme, 1974.
- SACHET, Celestino. *A Literatura de Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1979.
- SOARES, Iaponan. *Marcelino Antônio Dutra (Um Aspecto Formativo da Literatura Catarinense)*. Porto Alegre, Ed. Sulina-ACL-UDESC, 1970.
- SOARES, Iaponan. *A Poesia de Oscar Rosas*. Florianópolis, Edições Cultura Catarinense.
- SOARES, Iaponan. *Panorama do Conto Catarinense*. Porto Alegre, 2.<sup>a</sup> ed., Editora Movimento-INL, 1974.
- SILVA, J.Ferreira da. *Otaviano Ramos*. Florianópolis. Edição mimeografada, Academia Catarinense de Letras, 1970.
- THIAGO, Arnaldo Claro de S. *História da Literatura Catarinense*. Rio de Janeiro, Edição Patrocinada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, 1957.
- TONCZAK, Maria Joanna. *Lindolf Bell e a Catequese Poética*. Florianópolis, Edição do Governo do Estado-Conselho Estadual de Cultura-SEC, 1979.

Composto e Impresso pela



Editora Meridional EMMA

Santana, 931 – Porto Alegre – RS

durante anos uma coluna de crítica cinematográfica.

Ultimamente vem concentrando seus estudos sobre a Literatura feita em Santa Catarina, sendo hoje reconhecido como o mais constante pesquisador e o mais profundo conhecedor deste ramo. Crítico ativo e sempre atento, tem cerca de duas centenas de artigos e ensaios sobre a matéria publicados em jornais locais, como: *Jornal de Santa Catarina* e *O Acadêmico* (Blumenau), *O Estado* e *A Gazeta* (Florianópolis), ou nacionais, como: *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *Caderno de Sábado do Correio do Povo* e outros. Na qualidade de representante da UFSC, participou como debatedor do IV Congresso Brasileiro de Crítica Literária, realizado em 1977 em Campina Grande - PB.

Entre suas publicações maiores, além de várias apresentações de livros de autores catarinenses, constam: *As visões do narrador em O FORTE de Adonias Filho e a trajetória de uma cosmovisão* (tese de Mestrado — edição do autor de 110 exemplares, 1976); *O ponto de vista narrativo* (longo ensaio de classificação) publicado na revista *Construtura* n.º 13, 1977, PUC-PR; *Antologia Poética de José Elisiário da Silva Quintanilha* (organização e estudo introdutório) — Governo do Estado, 1978; *Contistas e Cronistas Catarinenses* (participação) — Lunardelli, 1979; *A Narrativa Cinematográfica* — edição do autor, 1979; *Português Pré/Pós-Vestibular* (co-autor) — manual de português para nível superior, com base em textos de autores catarinenses (1980); *Escritores do Brasil — 1980* (participação).

Considera *Presença da Poesia em Santa Catarina* sua melhor obra até o momento. Fruto de anos de estudo, pesquisa e análise, este amplo trabalho vem preencher uma lacuna ao apresentar uma visão panorâmica da evolução da poesia em Santa Catarina. Além do posicionamento crítico do autor, o livro contém uma vasta antologia de poemas que permitirá aos leitores formarem sua própria opinião a respeito dos nossos poetas. Será, sem dúvida, uma obra indispensável em todas as bibliotecas públicas e escolares, como também nas de todos aqueles que prezam a nossa cultura e pretendem conhecer a nossa literatura.

# OUTRAS EDIÇÕES

- MEMÓRIAS DE UM MENINO POBRE (romance rural)  
Silveira Júnior
- VERDE VALE (romance histórico)  
Urda Alice Klueger
- DESAFIO AOS OLHOS AZUIS (romance histórico)  
Evaldo Pauli
- DICO - O SERTANEJO HERÓI (romance histórico)  
José Gonçalves
- O SONHO E A GLÓRIA (romancel)  
João Alfredo Medeiros Vieira
- CARROSSEL (romancel)  
Aulo Sanford Vasconcellos
- CHUVA DE PEDRA (novelas)  
Oswaldo R. Cabral (pseud: Egas Godinho)
- O CONFLITO DOS SÉCULOS (apelo à paz)  
Arnaldo C. de San Thiago
- O IRMÃO DA ESTRADA (poesias)  
Marcos Konder Reis
- SEMEADURA (poesias)  
Zoraida H. Guimarães
- AHSIM (poesias)  
Alcides Buss
- O ARCO-ÍRIS AZUL (poesias)  
Vilmar de Souza
- PEDRA REDONDA (poesias)  
L. A. Martins Mendes
- IRIAMAR (poesias)  
Pinheiro Neto
- AS SOLUÇÕES FINAIS (crônicas)  
Adolfo Zigelli
- NUM CINEMA DE SUBÚRBIO, NUM DOMINGO À NOITE (contos)  
Emanuel Medeiros Vieira
- LEI 5.692 - A REFORMA DO ENSINO  
Em prático formato de bolso
- CENTROS CÍVICOS: NORMAS DE IMPLANTAÇÃO  
Nilton Severo da Costa  
Celestino Roque Secco
- PREFEITURA, COMUNIDADE E EDUCAÇÃO  
Pinheiro Neto
- O TEATRO NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA  
Edith Kormann
- RASGA-MORTALHA  
João Nicolau Carvalho
- PEDAGOGIA CORRETIVA  
José Pedro Achar
- CAVALO VOA OU FLUTUA?  
A. Sanford Vasconcellos
- CONTISTAS DE BLUMENAU (antologia)
- CONTISTAS & CRONISTAS CATARINENSES  
Antologia
- BLUMENAU: SUA HISTÓRIA  
Marita Decke Sasse
- MADEIRAS DO BRASIL  
Raulino Reitz
- PRÁTICA DAS CORREIÇÕES E A NOVA LEI DOS REGISTROS PÚBLICOS  
Francisco Xavier Medeiros Vieira
- TENDÊNCIAS DO FEDERALISMO NO BRASIL (ensaio)  
Oswaldo Ferreira de Mello
- A PRESENÇA CULTURAL DA ALEMANHA NO BRASIL (ensaio)  
Lausimar Laus
- DESENVOLVIMENTO E MODERNIZAÇÃO (ensaio)  
Nereu do Valle Pereira
- LAGUNA ANTES DE 1880 (Documentário)  
João Leonir dall'Alba
- NOSSA SENHORA DO DESTERRO - 2 vols.  
Oswaldo Rodrigues Cabral
- BREVE NOTÍCIA SOBRE O PODER LEGISLATIVO  
Oswaldo Rodrigues Cabral
- COMUNICAÇÃO E LIBERDADE (jornalismo)  
Moacir Pereira
- A LITERATURA DE SANTA CATARINA  
Celestino Sachet
- COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO ATRAVÉS DO CONTO E DA CRÔNICA  
Maria de Lcurdes Ramos Krieger
- LELECO E OS OVOS DE PÁSCOA (infantil)  
Maria de Lcurdes Ramos Krieger
- O DESTINO DE REDONDINHO: O GRÃO DE AREIA  
Maria de Lcurdes Ramos Krieger
- O NATAL DO PASTORZINHO  
Maria de Lcurdes Ramos Krieger
- A CAMINHO DA REDAÇÃO  
Elidia Stieven Bastos
- QUÍMICA EM PALAVRAS CRUZADAS  
Luiz Alberto da Silveira
- BIOLOGIA EM PALAVRAS CRUZADAS  
Luiz Alberto da Silveira
- 1.000 TESTES DE BIOLOGIA E HISTÓRIA NATURAL  
Leocádio G. Cúneo
- ESTUDO DOS PROBLEMAS BRASILEIROS  
Jaldyr B. Faustino da Silva  
Aírtton Capella
- CONSTITUIÇÃO DO ESTADO E ESTATUTO DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS  
José Aleixo Dell'Agnelo
- CONTROLE DE ENSINO  
Neide Almeida Fiori
- CHRISCHELLE (poesias)  
Pinheiro Neto
- A CAMPANHA DO CONTESTADO  
Oswaldo Rodrigues Cabral
- IMPRENSA: UM COMPROMISSO COM A LIBERDADE  
Moacir Pereira
- EDUCAÇÃO E CAPACITAÇÃO PARA O TRABALHO  
Oswaldo Della Giustina



**EDITORA  
LUNARDELLI**